



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

BRUNA HANNY BENNING DE AGUIAR RAMOS

**“MODERNIDADE NA LATA”: O IMPACTO DO CONSUMO DOS
LEITES ENLATADOS EM VIRTUDE DE UM MODELO DE
MODERNIDADE NO RECIFE.
(1950/1964)**

RECIFE

2011



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

BRUNA HANNY BENNING DE AGUIAR RAMOS

**“MODERNIDADE NA LATA”: O IMPACTO DO CONSUMO DOS
LEITES ENLATADOS EM VIRTUDE DE UM MODELO DE
MODERNIDADE NO RECIFE.
(1950/1964)**

RECIFE

2011

BRUNA HANNY BENNING DE AGUIAR RAMOS

**“MODERNIDADE NA LATA”: O IMPACTO DO CONSUMO DOS
LEITES ENLATADOS EM VIRTUDE DE UM MODELO DE
MODERNIDADE NO RECIFE.
(1950/1964)**

Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História do Norte/Nordeste do Brasil, sob a orientação da Professora Doutora Christine Paullete Yves Rufino Dabat.

Catálogo na fonte

Bibliotecária Divonete Tenório Ferraz Gominho, CRB4-985

R175m	<p>Ramos, Bruna Hanny Benning de Aguiar “Modernidade na lata”: o impacto do consumo dos leites enlatados em virtude de um modelo de modernidade no Recife (1950/1964) / Bruna Hanny Benning de Aguiar Ramos. – Recife : O autor, 2011. 124 f : il. ; 30 cm.</p> <p>Orientadora : Profa. Dra. Christine Paullete Yves Rufino Dabat. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós -Graduação em História, 2011. Inclui bibliografia e anexos.</p> <p>1. História. 2. Consumo de alimentos. 3. Leite industrializado para lactentes. 4. Mulheres. I. Dabat, Christine Paullete Yves Rufino. II. Título.</p> <p>981 CDD (22.ed.) UFPE (CFCH2011-50)</p>
--------------	---

Membros da banca examinadora:

Profa. Dra. Christine Paullete Yves Rufino Dabat
Orientadora

Prof. Dr. Malaquias Batista Filho
Departamento de Nutrição (UFPE)

Profa. Dra. Maria do Socorro Abreu e Lima
Departamento de História

Prof. Dr. Denis Bernardes
Departamento de Serviço Social (UFPE)

Prof. Dr. Antônio Paulo Rezende
Departamento de História (UFPE)



PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM HISTÓRIA
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
PERNAMBUCO

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DA ALUNA BRUNA HANNY BENNING DE AGUIAR RAMOS

Às 9h do dia 24 (vinte e quatro) de fevereiro de 2011 (dois mil e onze), no Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, reuniu-se a Comissão Examinadora para o julgamento da defesa de Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pela aluna **Bruna Hanny Benning de Aguiar Ramos** intitulada "**MODERNIDADE NA LATA: O IMPACTO DO CONSUMO DOS LEITES ENLATADOS EM VIRTUDE DE UM MODELO DE MODERNIDADE NO RECIFE. (1950/1964)**", em ato público, após argüição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder à mesma o conceito "**APROVADA**", em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Christine Paulette Yves Rufino Dabat (orientadora), Maria do Socorro de Abreu e Lima e Malaquias Batista Filho. A validade deste grau de Mestre está condicionada à entrega da versão final da dissertação no prazo de até 90 (noventa) dias, a contar a partir da presente data, conforme o parágrafo 2º (segundo) do artigo 44 (quarenta e quatro) da resolução Nº 10/2008, de 17 (dezessete) de julho de 2008 (dois mil e oito). Assinam, a presente ata os professores supracitados, o Coordenador, Prof. Dr. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho, e a Secretária da Pós-graduação em História, Sandra Regina Albuquerque, para os devidos efeitos legais.

Recife, 24 de fevereiro de 2011

Profª. Drª. Christine Paulette Yves Rufino Dabat

Profª. Drª. Maria do Socorro de Abreu e Lima

Prof. Dr. Malaquias Batista Filho

Prof. Dr. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho

Sandra Regina Albuquerque

A Mateus, pelo amor dedicado.

A Christine, com quem aprendi sobre o saber e a sabedoria, muito embora ainda me falte percorrer um longo caminho para chegar a ambos. Ser-lhe-ei eternamente grata por isso.

AGRADECIMENTOS

Este é o momento de expressar sinceros agradecimentos a família, antigos e novos amigos, pelo tanto quanto se revelaram ao longo desse tempo.

Sei que corro o risco de não dar conta deste agradecimento como é merecido, porque será difícil exprimir a beleza que foi este ciclo, movimento de energias e impulsos que foram chegando. Por tudo isso se destaca também, para além da mera formalidade, um sentido: o da formação de uma verdadeira rede de aprendizado.

Para maior percepção desse sentido, devo contar que esta não foi uma caminhada curta, mas uma travessia que parecia sem fim, principalmente pelas intercorrências pessoais de toda ordem, que me atropelaram. Esses percalços, longe de obscurecerem o trajeto, aumentaram-lhe o brilho. E, ao invés de me deterem, impulsionaram-me.

Se o desafio era enorme, as motivações eram grandiosas, somadas às espontâneas contribuições que fizeram possível a transformação de instantâneos momentos de angústia e sofrimento em uma estrada alargada por um “feixe” de relações que me ajudaram a colaborar com tema de significativa importância: a nutrição e saúde da criança.

Dessa forma, dedico algumas palavras àqueles que dela fazem parte direta ou indiretamente.

A minha avó Lita, que me fala com seu ‘saber da sabedoria’ que “a roda do tempo não volta para trás”, ensinando-me a coragem de prosseguir, fazendo o melhor possível;

A meus pais, Agrário e Júlia, os mais profundos agradecimentos por suas sábias lições, sempre repetindo que é necessário aperfeiçoar-se e contribuir com a sociedade pela via dos estudos;

Ao meu irmão, Silvio, pela paciência em relação a todas as minhas dúvidas referentes às propriedades dos programas de computador que utilizei;

Ao meu marido, Mateus, que traz tanta luz e gosto para minha vida, um amor especial;

Aos meus sogros, Dário e Auxiliadora, pelo apoio;

A Christine Dabat, na qualidade de amiga e orientadora, pelos tantos e inesquecíveis diálogos, pela hospitalidade nas várias estadas em sua sala e por correio eletrônico. Sou inteiramente grata por essa orientação que ultrapassa a dissertação, bem como pelo imenso carinho e paciência nos momentos de dificuldade e de angústia, quando sempre tinha uma palavra ou gesto de sabedoria. Agradeço, sobretudo, o privilégio de haver trabalhado em um tema que pudesse interligar-se com os aspectos nutricionais e sociais dos indivíduos que habitam o Nordeste. Questões essas que ela tão bem desempenha, seja na sua produção, nas aulas, nas conversas informais. Além disso, seu incentivo à necessidade de outros idiomas contribuiu, ao longo desses dois anos, para que eu me abastecesse de importantes ferramentas para construção dos saberes.

Como mestra, foi incansável, entendendo o ofício de pesquisadora, que tem paixão pelo conhecimento e que acompanha os passos de seus aprendizes. Ela foi a grande incentivadora da vontade de pesquisar e aprender;

À professora Socorro Abreu, agradeço profundamente as contribuições, tendo-me brindado com importante colaboração na discussão do trabalho, dosando as críticas com os comentários de incentivo;

Ao professor Malaquias Batista Filho, um dos mais conceituados pesquisadores da área de nutrição do Estado, agradeço também pelas contribuições. Sua presença na banca examinadora enriqueceu o debate sobre o tema tratado, não só por sua competência, mas também pela riqueza dos depoimentos que prestou, inclusive sobre o período posterior ao delimitado por este estudo;

Aos médicos, fico grata pela disponibilização de seu tempo para realização das entrevistas que muito enriqueceram a minha dissertação;

Ao amigo Bruno, que contribuiu com sua força e estímulo para que eu conseguisse completar este percurso. Agradeço-lhe também por me presentear com a fotografia que ilustra a segunda capa desta dissertação. Revirando o acervo de seu amigo, o fotógrafo José Francisco de Lima, achou a imagem de 1975, - feita pelos pais dos fotógrafos, em Casa Amarela, bairro do Recife onde residiam- que nos foi gentilmente cedida.

A Brenda, misto de irmã e amiga, sou grata pelo apoio e afeto;

A Isabela, amiga querida que, com tanta competência e eficiência empenhou-se em minimizar os meus erros em relação às normas da língua portuguesa;

Ao meu tio Alberto, que me ajudou conferindo as transcrições das entrevistas realizadas com os médicos. Teve paciência de, com roteiro na mão, escutar uma por uma, acompanhando com atenção cada vírgula;

A Marcela Borba, aluna querida que ajudou na organização das centenas de imagens selecionadas nas pesquisas em arquivos. Sua disposição em salvar as imagens em programas on line, nomeando-nas, afastou o terrível fantasma da perda de dados, que assombra os pesquisadores;

Aos amigos do mestrado e do grupo de estudos, pelas trocas de ideias e amizade construída durante as centenas de horas de reuniões e implementações. Vocês são ótimos. Contem comigo;

Aos professores com quem tive aula, agradeço pelas indicações de leitura que contribuíram para esta pesquisa;

Aos amigos de trabalho e alunos do Colégio BJ e da Faculdade Joaquim Nabuco, agradeço pela paciência e compreensão com minha ausência em alguns momentos;

Aos funcionários do Arquivo Público Jordão Emerenciano e da Biblioteca Pública Presidente Castelo Branco, pela atenção e solicitude com que me atenderam durante a realização desta pesquisa;

Aos funcionários da Biblioteca da Universidade Católica, local onde escrevi muitas linhas desta dissertação. Agradeço a hospitalidade e a facilidade no acesso ao acervo;

À CAPES, pelo financiamento desta pesquisa.

Caso o resultado daquilo pelo qual se agradece seja limitado e falho, não tenho a intenção de distribuir responsabilidades pois, na realidade, são apenas minhas.

“Cumulem-no de todos os bens da terra e mergulhem-no em felicidade até a raiz dos cabelos: a superfície de tal felicidade como à tona de água virão rebentar bolhas pequeninas.”

(Dostoievsky, Cadernos Subterrâneos)

RESUMO

Com o término da II Guerra Mundial e início da Guerra Fria, tornava-se mais evidente – principalmente no bloco capitalista – a formação de uma mentalidade em que a liberdade de consumo estava associada às propagandeadas ideias de democracia, progresso e modernidade. Sob o discurso do desenvolvimento, a crescente presença de multinacionais no país e a disseminação de produtos industrializados contribuíam para consolidar esta influência de pensamento. Ao mesmo tempo, a publicidade construía representações e imperativos que induziam os indivíduos para a prática do consumo como forma de adquirir valores “modernos” em oposição a uma situação “tradicional”. Elegendo os leites enlatados como objetos referenciais e analisando tanto a opinião médica, através de entrevistas gravadas com pediatras que atuaram no período, como o comportamento feminino, sugerido pelas propagandas de jornais e revistas da época, percebeu-se como frequentemente produtos são absorvidos como dados culturais, tornando o seu consumo, muitas vezes, um problema de grande amplitude. Ao utilizar como cenário o Recife dos anos 1950/1964, que abrigou desordenadamente um grande contingente populacional atraído pelos mesmos ideais de progresso, observaremos as graves consequências nutricionais da diminuição da amamentação que, agindo sobre a realidade social, elevou os índices de mortalidade infantil na cidade, principalmente entre as famílias mais pobres, em virtude do êxodo de milhares de bebês para os bicos das mamadeiras. Espera-se, portanto, que este estudo contribua para uma atitude mais responsável em relação à forma como percebemos o consumo.

Palavras-chave: consumo; mulheres; leites enlatados.

ABSTRACT

With the end of World War II and the start of the cold war there was increasing evidence, particularly in the capitalist block, of the emergence of a mentality in which freedom to consume was associated with the widely propagated ideas of democracy, progress and modernity. By means of a discourse focused on development, the growing presence of multinational companies in Brazil and the spread of industrialized products contributed to consolidating the influence of this way of thinking. At the same time advertising constructed representations and imperatives inducing individuals to consume as a way of acquiring “modern” values as opposed to “traditional” ones. By choosing cans of milk as a benchmark and analyzing not only medical opinion, based on interviews recorded with pediatricians working during that period, but also on female behavior suggested by advertisements published in newspapers and magazines of the time, an insight was obtained into how frequently products are assimilated as cultural items, causing their consumption to very often become a problem with widespread repercussions. By using as our setting the city of Recife in the years 1950-1964 which, in a disorderly fashion, harbored a huge contingent of individuals attracted by those same ideas of progress, we observe the grave nutritional consequences of the decrease in breastfeeding which, by acting on social reality, increased the levels of infant mortality in the city, especially among the poorest families, as a result of thousands of babies being switched from the breast to the feeding bottle. It is therefore to be hoped that the present study will contribute to a more responsible attitude in relation to the way we view consumption.

Key-Words: consumption; women; canned milk.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. A ILUSÃO DA MODERNIDADE OCIDENTAL.....	15
1.1. WELCOME AMERICAN DREAM.....	15
1.2. A TRADIÇÃO NOS PAPÉIS FEMININOS: O PÚBLICO E O PRIVADO.....	19
1.3. MULHER, LOGO(S) CONSUMIDORA: A VERSATILIDADE DA IMAGEM FEMININA E O ALCANCE DOS SLOGANS PUBLICITÁRIOS.....	30
1.4. EFEITO HAMBÚRGUER: A REPRESENTAÇÃO DO CONSUMO DE ALIMENTOS ENLATADOS NO COTIDIANO.....	34
2. COM A LATA NA CABEÇA, LÁ VAI MARIA.....	42
2.1. O RECIFE E SUAS ÁGUAS: A ‘VENEZA BRASILEIRA’ NÃO É TÃO POÉTICA ASSIM.....	42
2.3. ‘MODERNIDADE NA LATA’: A MÍSTICA DO LEITE ENLATADO.....	46
2.4. ‘O DR. DISSE QUE É BOM’: O DISCURSO MÉDICO SOBRE OS LEITES INDUSTRIALIZADOS.....	55
2.4.1. Parteiras e aleitamento, médicos e berçários.....	62
2.5. ‘COM A PRIMEIRA MAMADEIRA SE FORMA UM CIDADÃO’: A TRANSFERÊNCIA DO SENTIDO NUTRICIONAL DO SEIO E O PAPEL DO ESTADO NA MANUTENÇÃO DESTA POLÍTICA.....	66
2.5.1. A supervalorização da mamadeira.....	66
2.5.1.1. Se(i)o, se(x): o “x” da questão.....	76
2.5.1.2. ‘Um ninho para a águia’: os programas do governo de distribuição de leite em pó e a aliança nacional para o progresso.....	82
3. ‘O ÊXODO MAMÁRIO’: O IMPACTO DA TRANSFERÊNCIA DOS SEIOS PARA OS BICOS DAS MAMADEIRAS.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	111
ANEXOS.....	121

INTRODUÇÃO

“A nossa volta, existe hoje uma espécie de evidência fantástica do consumo”¹, descreve Baudrillard, sobre a influência deste assunto nas sociedades humanas. Elemento fundamental para compreensão da sociedade, o consumo desempenha um papel central como estruturador de valores que constroem identidades, regulam relações e definem o mapa cultural. Em virtude destes aspectos, ele terá foco privilegiado neste estudo, sendo nosso tema-chave. No entanto, como este tema é amplo e com muitas possibilidades de enfoque, optamos por enquadrar nossa análise, precisamente, sobre os impactos sociais que dele advém. Neste contexto, o principal objetivo das páginas a seguir ao eleger os leites enlatados como objetos referenciais é: analisar o impacto do seu consumo em virtude de um modelo de modernidade existente no Recife nos anos de 1950/1964 apontando como milhares de bebês sofreram desmame precoce, o que resultou na elevação das taxas de mortalidade infantil na cidade.

A escolha desta temática e a investigação dos seus desdobramentos inserem-se no leque de opções que se abriu aos historiadores contemporâneos, influenciados pela tendência que considera cada vez mais fundamental a prática consciente² do exercício da interdisciplinaridade.

A abordagem do tema segue o aporte teórico dos trabalhos de Jean Baudrillard, que acredita que as práticas de consumo estão pautadas, principalmente, no valor de signo dos objetos e não somente no valor de uso (sua finalidade) e no valor de troca (seu preço). O valor de signo – que funciona como significante dentro de um outro nível de significação –, seria então uma denotação que daria poder mitológico aos valores conotados. Esta conotação transformaria categorias culturais em elementos aparentemente naturais. Assim, uma máquina de lavar pode ter como significado uma coisa identificável – um utensílio que lava –, mas este signo pode funcionar como elemento de conforto.

¹“*Il y aujourd’hui tout autour de nous une espèce d’évidence fantastique de la consommation.*” In: BAUDRILLARD, Jean. **La société de consommation**: ses mythes, ses structures. Paris: Denoel, 1970.p.17.

²Ao nomear de consciente o exercício da interdisciplinaridade, refiro-me à orientação metodológica de Marc Bloch, comentada por Le Goof, no prefácio do livro *Apologia da História*, ou seja, a de noção de diálogo com outras disciplinas sem, no entanto, confundi-las. “Renovar a história, sim, em particular pelo contato com essas ciências; nelas imergir não.” In: LE GOFF, Jacques. Apud: BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p.22.

Para compreender o alcance desta lógica, que quando pensada em relação ao consumo dos leites enlatados influenciará o desmame precoce de milhares de crianças, dividimos este estudo em três capítulos.

O capítulo 1, “A Ilusão da Modernidade Ocidental”, demonstrará como a evocação de significados ideologicamente construídos serviram para que o lado ocidental capitalista alimentasse a ideia da igualdade pela liberdade de consumo. A análise recairá sobre um diversificado material pesquisado tanto no Diário de Pernambuco, como na Folha do Povo, dois importantes jornais que circulavam na cidade e que também eram destinados a públicos diferenciados, – as classes sociais privilegiadas e os grupos populares respectivamente – além da revista O Cruzeiro, de expressiva circulação nacional . Observando, a partir de tais fontes, como o princípio democrático real foi transferido para uma igualdade perante os objetos (aparentemente concreta, mas em realidade ausente), o capítulo discutirá como o significado de “bem-estar” conferido pelos produtos fortalecia o conceito de que havia uma evolução e, portanto, progresso. Contribuía para isto o processo de industrialização nacional que, evocando desenvolvimento, atribuía qualidade intrínseca a tudo que era produzido propagandeando a “modernidade” em oposição à tradição.

Veremos, então, como os objetos, imbuídos de modernidade, vão significar na prática feminina a redenção do seu papel tradicional de mãe-esposa-dona de casa e promover a difusão dos hábitos alimentares de enlatados, naturalizando-os.

Relacionando depoimentos orais realizados com médicos pediatras que atuaram na cidade no período com documentos diversificados tais como manuais pediátricos, folhetos propagandísticos de importante indústria alimentícia, anais de congressos da época contendo diversos trabalhos publicados e ainda imagens e artigos dos periódicos já citados, o capítulo 2, “Com a lata na cabeça, lá vai Maria...”, analisará a questão da construção da preferência e, por conseguinte, troca do leite materno pelos enlatados. Sem deixar de demonstrar os perigos resultantes desta prática, ao discutir questões referentes ao Recife em caos urbano que patrocinava cada vez mais pobreza no período, o capítulo oferece elementos para que se compreenda tanto a omissão médico-pediátrica em relação à amamentação como a preferência feminina por tais produtos, que se espalhavam sob o abrigo da “modernidade”.

Nesta etapa do trabalho, uma rede intrincada de elementos irá se descortinar e nortear a análise. A mística dos leites enlatados, promovida pelo culto aos progressos científicos; as investidas das indústrias visando lucro; as transformações em relação à percepção eminentemente erótica que as mulheres terão do seio; as práticas assistencialistas promovidas pelo Estado, que distribuía leite em pó. Todos estes elementos, fundidos, mostrarão o critério da investigação histórica, que, por meio de diferentes fontes demonstrará a dimensão deste problema.

Finalmente, o capítulo 3, “ ‘O Êxodo Mamário’: o impacto da transferência dos seios para os bicos das mamadeiras”, analisa como o desenvolvimento econômico, pautado no conceito de progresso do discurso dominante, não promoveu o desenvolvimento em termos humanos, no sentido de tornar a sociedade melhor e mais justa. Norteados por uma série de artigos médicos que ressaltam os impactos nutricionais do desmame precoce advindos da superutilização dos leites enlatados, perceberemos como o Recife transformou-se num cemitério de bebês. Investigando a questão nutricional e a pobreza, como nos ensina Josué de Castro e Nelson Chaves, perceberemos como a combinação de fatores biológicos e sociais, resultantes da ilusão de modernidade, conduziram os indivíduos ao êxodo do real progresso.

1. A ILUSÃO DA MODERNIDADE OCIDENTAL

“Simultaneamente, entre as definições visuais da feminilidade moderna impõe-se a da dona de casa profissional, rainha do lar e consumidora avisada.”³
(Françoise Thébaud)

1.1. WELCOME AMERICAN DREAM

Apesar de já manterem uma política de boa vizinhança, a história das relações culturais entre o Brasil e os EUA foi em muito fortalecida após a II Guerra Mundial. A convivência entre nordestinos e soldados norte-americanos (nas cidades estrategicamente utilizadas como bases de apoio militar antes destes embarcarem para a luta na África) e os diversos componentes da dinâmica americana como a língua, o vestir, o comer, despertavam os brasileiros para o “*American Way of Life*”.

Antes de acionar os motores dos aviões, para se comunicar com os mecânicos, os pilotos no interior da cabine mostravam a mão fechada, o polegar para cima. Era o positivo, o *thumbs up*. Quando o primeiro tabaréu, observando os aviões e pilotos americanos com seus gestos, mimetizou o ‘positivo’, com o dedão para cima, o Brasil já estava americanizado. (...) Além de substituir o tradicional aperto do lóbulo da orelha com os dedos para indicar algo bom ou positivo, o *thumbs up* tornou-se sinônimo de concordância, de amizade, de beleza, de interrogação, de bom dia, boa tarde, boa noite.⁴

Os tempos eram de plena Guerra Fria, época na qual a força ideológica era fator preponderante de fortalecimento do sistema político-econômico dos dois blocos. Assim, o modo de vida norte-americano foi disseminado pelo Brasil não somente em virtude de sua dimensão, mas também, e principalmente, por sua capacidade de influência sobre outros países da América do Sul.

³ THÉBAUD, Françoise (Coord). “História das Mulheres no Ocidente. O século XX”. V.05. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Dir). **História das Mulheres no Ocidente**. São Paulo: Afrontamento/EBRADIL, 1991.

⁴ TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 10.

Os componentes da dinâmica americana estabeleciam-se em território nacional exibindo, irresistivelmente, as vantagens da ideologia capitalista pautada no progressivismo, ou seja, no encadeamento progressivo entre trabalho, produção, salário e consumo. O fim deste encadeamento, a mística da generalização do consumo como provedora de um desenvolvimento social firmava-se, e, ao configurar o consumidor como soberano da igualdade, alimentava cada vez mais o fascínio pelo lado ocidental.

O contraste entre o Ocidente (norte-americano) farto e o Oriente soviético sombrio e esclerosado, fez surgir a noção de que sufocar a capacidade de os indivíduos definirem e procurarem satisfazer o mais trivial dos seus desejos resultava tanto na perda total de liberdade quanto num sistema social corrupto e sobretudo materialmente *fracassado*. Ao aspirar planejar a produção e a distribuição, o sistema soviético – assim diziam – subordinava inevitavelmente as necessidades da população ao planejamento burocrático, instituindo o que rotularam convincentemente de “ditadura das necessidades”. Na ausência de um sistema de mercado disciplinado pela soberania do consumidor, esse sistema o fez de formas cada vez menos democráticas, assumindo o poder econômico, político e ideológico para impor ao seu povo apenas aquelas necessidades que achava conveniente satisfazer.⁵

Como no século XVI, o que ocorria em meados do século XX era um pressuposto de superioridade embutido no projeto do Ocidente civilizado e rico por direito. Com o avanço da empresa ocidental, a cultura de consumo se estabeleceu como um projeto universalizante com pretensões globais - que não pode ser dissociada da gênese filosófica da superioridade de outrora -, e que sem dúvida encontrava-se sob uma proeminente perspectiva de considerar esta cultura como o motor da prosperidade.

Este cenário vinha associado à típica sensação humana de esperança e desenvolvimento historicamente comum a períodos pós-traumáticos. O sentimento de pertencimento a uma nova época que se instaurou com o fim do conflito mundial provocava percepções de uma realidade mais rápida (a energia atômica produzira em segundos um efeito catastrófico); mais democrática (assistira-se à derrocada e posterior queda de uma soma de regimes totalitários); mais tensa (vivia-se um cotidiano que, a qualquer momento, poderia ser perturbado pela emergência de conflitos latentes).

Dentre estas percepções, a divulgada falta de liberdade política assumiria a dianteira da realidade contra a qual lutava a visão ocidental e que, por conseguinte, exerceria influência

⁵ SLATER, Don. **Cultura do Consumo & Modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002, p. 42.

também sobre o Brasil⁶. Assim, no âmbito nacional, fortalecia-se a ideia de uma democracia que estava intimamente ligada à liberdade política, que por sua vez era exemplificada - na impossibilidade de uma igualdade real - pela igualdade pelo consumo, que era possível graças à uma propalada, mas não real (como veremos mais adiante), liberdade de escolha pessoal. A liberdade de consumo representava não só o sucesso capitalista, patrocinando-o, mas, também, a evidência da síntese de todas as outras liberdades, que não eram possíveis em virtude da natureza do sistema.

De acordo com esta lógica, os mercados precisavam crescer. A expansão capitalista focava então no desenvolvimento industrial dos países emergentes, dentre eles, o Brasil que, não por acaso, apoiava-se primordialmente nos investimentos externos, encaixando-se na lógica do fortalecimento do bloco encabeçado pelos EEUU. O cerne problemático de tais investimentos é que o impulso dado à indústria nacional com o capital multinacional não foi igualmente distribuído dentro do país, tendo, assim, colocado o Sudeste (principalmente São Paulo) como protagonista de uma centralização industrial. Desse modo, os demais Estados configuravam-se como colônias do centro-sul, numa espécie de colonialismo interno.⁷

Para atenuar esta situação de diferenças, que agitava o cotidiano das cidades não inseridas como protagonistas no cenário do intenso desenvolvimento industrial, instaurou-se uma derivação do regime autoritário criado por Vargas, classificado como Populismo, “um modo de inserção política das classes populares no pós-guerra, especialmente de suas camadas urbanas. Contudo, mais do que uma forma de participação política daquelas classes, representou o próprio caráter do Estado na busca da hegemonia burguesa, que se consolidava no período.”⁸ Esta política que se propunha a resolver a democracia burguesa, incorporando as massas, mas com controle, “marcou o processo político brasileiro de 1945 a 1964 como

⁶ Com a derrota do nazi-fascismo europeu, em 1945, aumentaram as pressões pelo fim do Estado Novo brasileiro, a ditadura de Getúlio Vargas, que, regida por uma constituição autoritária inspirada no fascismo, extinguiu câmaras municipais e estaduais permitindo-lhe governar por meio de decretos-lei, além de intervir nos governos estaduais através de governadores que lhe fossem convenientes. No entanto a habilidade política de Vargas, com suas artimanhas – principalmente no que refere a ter transformado o movimento operário em plataforma de seu poder político (por meio de ganhos que em verdade configuraram-se como base de manipulação e limitação de liberdades) – lhe deu fôlego para eleger o seu candidato e voltar ao poder posteriormente, em 1951, “nos braços do povo”, aí permanecendo até 1954, quando sob ameaça de afastamento, respondeu com um tiro no coração e uma carta-testamento, promovendo comoção nacional.

⁷ Para aprofundamento na questão do colonialismo interno, ver: IANNI, Otávio. **O colapso do populismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

⁸ JACCOUD, Luciana de Barros. **Movimentos sociais e crise política em Pernambuco (1955-1968)**. Recife: Massangana, 1990, p. 14.

uma forma de democratização do Estado e das relações político-sociais”⁹ e sustentava as feições de um modelo populista, que se fortalecia garantindo respaldo para seus projetos que prometiam igualdade de consumo, modernização e democracia.

O triunfo de tal modelo em muito se deveu à capacidade de associar a modernização, exaustivamente propagandeada como positiva, à *modernidade*, um conceito fortalecido por estar muito próximo da ideia de um progresso inevitável que resultaria numa evolução, permitindo uma fisionomia menos apegada à *tradição* agrária do país. Como a industrialização não era para todos, o elemento materializado no cotidiano para favorecer a impressão de pertencimento dos sujeitos à modernidade foi a lógica do consumo, que entrou em pauta para que fosse possível uma igualdade mensurável diante do consumo de objetos que seriam os símbolos de felicidade e de bem-estar dos ‘novos tempos’.

La ‘Révolution Du Bien-Être’ est l’exécutrice testamentaire de La Révolution Bourgeoise ou simplement de toute révolution qui érige en principe l’égalité des hommes, sans pouvoir (ou sans vouloir) la réaliser *au fond*. Le principe démocratique est transféré alors d’une égalité réelle, des capacités, des responsabilités, des chances sociales, du bonheur (au sens plein du terme) à une égalité devant l’Objet et autres signes *évidents* de la réussite sociale et du bonheur. C’est la *démocratie du standing*, la démocratie de la T.V., de la voiture et de La chaîne stéréo, démocratie apparemment concrète, mais tout aussi formelle (...) qui masque la démocratie *absente* et l’égalité introuvable.¹⁰

Dessa forma, uma variedade de anúncios imbuídos de componentes ideológicos americanos, onde se destacavam a supremacia do consumo e a relação com a modernidade, intensificava-se nas páginas dos periódicos recifenses da época, exemplificando, em imagens e slogans, como o modo de vida capitalista pautado no consumo era o ideal. Essa variedade de anúncios, que incluíam desde a calça Jeans “*Far-West*” a alimentos enlatados “*Swift*”, davam tanto uma impressão de igualdade perante os objetos, em virtude do poder do valor de uso (sua finalidade) quanto pelo status que o consumo destes poderiam conferir em virtude do

⁹ WEFORT, Francisco. **O populismo na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 61.

¹⁰ “A Revolução do Bem-Estar é a herdeira, a testamenteira da revolução burguesa ou simplesmente de toda revolução que erige em princípio a igualdade dos homens sem a poder (ou sem a conseguir) realizar a fundo. O princípio democrático acha-se então transferido de uma igualdade real, das capacidades, responsabilidades e possibilidades sociais, da felicidade (no sentido pleno da palavra) para a igualdade diante do objeto e outros signos evidentes do êxito social e da felicidade. É a democracia do standing, a democracia da TV, do automóvel e da instalação estereofônica, democracia aparentemente concreta, mas também inteiramente formal, (...) mascara a democracia ausente e a igualdade impossível de achar.” In: BAUDRILLARD, Jean. **La société de consommation: ses mythes, ses structures**. Paris: Denoel, 1970. pp. 60-61.

valor de signo¹¹. Ao evidenciar o sucesso do modelo - *a multiplicação de objetos* – conferia-se a possibilidade de uma parte do todo a cada um dos cidadãos, o que fortalecia os conceitos de *democracia* e *participação* presentes nos discursos políticos. Extasiados pela paisagem de profusão material, os indivíduos transformavam-se cada vez mais em consumidores, num conto de promessa de um sistema que, longe de garantir o bastante para todos, preocupava-se em definir eficientemente uma percepção da abundância livremente permitida, na qual cada um teria o direito de estabelecer-se; um brilho que ofuscava a visão e que se alastrava principalmente entre o público feminino, para quem o argumento da modernidade pelos objetos era por demais tentador, em virtude de suas imagens ancestrais¹² pautadas na sua condição biológica e doméstica enquadrarem-nas num modelo sob fortes barreiras sociais. É sobre estas barreiras que comentaremos a seguir.

1.2. A TRADIÇÃO NOS PAPÉIS FEMININOS: O PÚBLICO E O PRIVADO

Enquanto as mulheres dos países do Hemisfério Norte eram impulsionadas a uma participação produtiva no período da Segunda Grande Guerra – o que lhes possibilitou ocupar um maior espaço fora dos domínios domésticos – as mulheres brasileiras, que a seu modo também participaram dos esforços de guerra, acompanharam mais lentamente esta tendência, como demonstra o gráfico (figura 1).

¹¹ Segundo Jean Baudrillard, o valor de signo de um determinado objeto refere-se ao poder simbólico que dele emana e que, para o autor, é o principal motivador do desejo de consumir. A respeito disso, afirma: “Le principe de l’analyse reste celui-ci: on ne consomme jamais l’ objet en soi (dans sa valeur d’usage) – on manipule toujours les objets (au sens le plus large) comme signes qui vous distinguent soit en vous affiliant à votre propre group pris comme référence idéale, soit en vous démarquant de votre groupe par référence à un groupe de statut supérieur.” (“É o seguinte o princípio de análise: nunca se consome o objeto em si (no seu valor de uso) – os objetos (no sentido lato) manipulam-se sempre como signos que distinguem o indivíduo, quer filiando-o no próprio grupo tomado como referência ideal, quer demarcando-o do respectivo grupo por referência a um grupo de estatuto superior”). **La société de consommation**: ses mythes, ses structures. Paris: Denoel, 1970, p. 79.

¹² Segundo Beauvoir, estas imagens fazem parte de uma construção social e, não, de uma natureza nata. In: BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

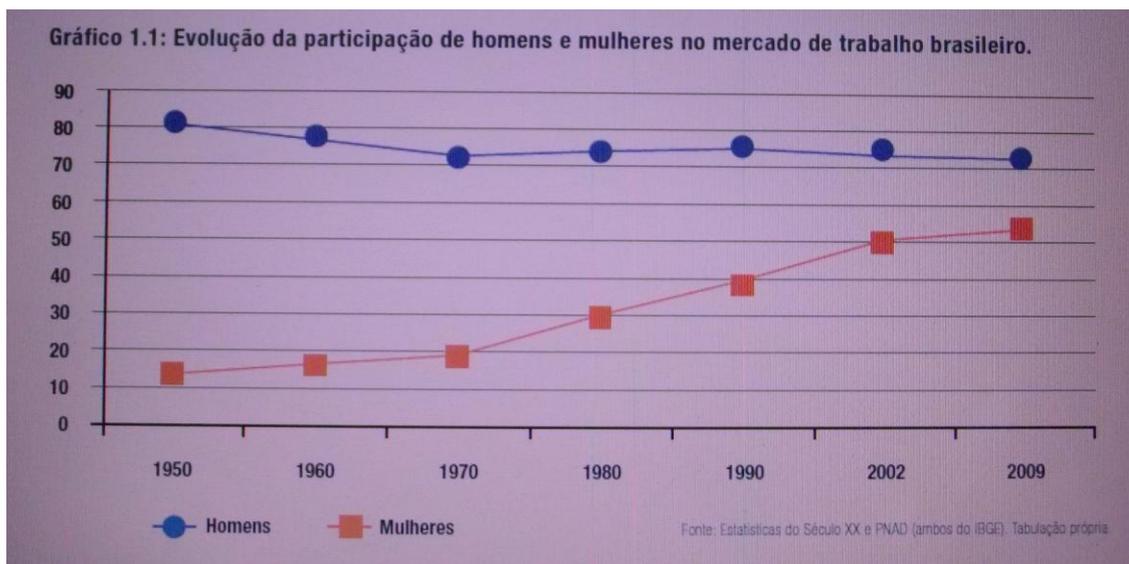


Figura 1: Homens e mulheres no mercado de trabalho brasileiro

Fonte: Estatísticas do Século XX e PNAD (ambos do IBGE). Tabulação própria.

Disponível em: http://www.walmartsustentabilidade.com.br/_pdf/relatorios/walmart-relatorio-de-sustentabilidade-Mulheres-portugues.pdf

No entanto, segundo Del Priore, “*Se o país acompanhou à sua maneira as tendências internacionais de emancipação feminina, (...) também foi influenciado por campanhas estrangeiras que, com o fim da guerra, passaram a pregar a volta das mulheres ao lar.*”¹³ O resultado deste entrecruzamento foi que, embora os censos demográficos demonstrassem um aumento da participação feminina no mercado de trabalho depois de 1950 – fato intimamente ligado ao crescimento urbano e industrial ocorridos neste período - pode-se verificar, por outro lado, que a influência ideológica de tais campanhas afetou não só as condições de emprego feminino como também os níveis limitados de sua participação. Os valores tradicionais que definiam os papéis das mulheres contribuía para reforçar a reprodução da ordem social que ressaltava a importância da sua presença nas ocupações domésticas. Esta prática garantia aos homens – legitimados como responsáveis pelo sustento familiar - a manutenção de sua autoridade e de seu poder sobre o lar.

A força da matriz patriarcal era intensa no país, e a imagem da família encabeçada por um homem provedor fazia parte da estrutura considerada ideal para o bom funcionamento social. Às mulheres caberia o lar: o cuidado com os filhos e as ocupações domésticas. As relações de poder daí resultantes demonstram o quanto os lugares masculinos e femininos

¹³ DEL PRIORE, Mary. **Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011. p.160.

tradicionalmente estabelecidos pelo mundo dos homens eram reafirmados em função de um argumento biológico. O corpo feminino que reproduz seria, segundo o argumento opressor masculino, o melhor exemplo do dever da mulher para com a maternidade. A natureza explicaria a cultura, naturalizando-a no espaço doméstico.

En directa relación con el biologismo y con la naturalización de las mujeres por las ideologías de lo femenino, se niega la posibilidad de considerar a la mujer como un individuo. Si el hombre es un ciudadano, un individuo, una persona irrepitible que puede sobreponerse a las limitaciones sociales y que detenta además derechos inalienables, la mujer sigue siendo un género, un grupo, una especie que actúa según una naturaleza predeterminada y previsible.¹⁴

Desta forma, mesmo para as mulheres das classes menos favorecidas, a quem o trabalho fora do lar frequentemente se impôs em virtude da necessidade econômica, a eficácia das relações de gênero¹⁵ era infalível. Este fato não só as marginalizava duplamente como também as fazia sentir o peso da dupla jornada¹⁶.

Segundo demonstram Paul Singer e Felícia Madeira¹⁷, embora o percentual da absorção da mão-de-obra feminina tivesse diminuído no setor primário, o que para os autores revelaria uma “evolução natural” da participação da mulher na força de trabalho e também a evidência de uma tendência à urbanização, “*essa queda não se expressou – pelo contrário- quanto à prestação de serviço pessoal*”¹⁸ segundo afirma Pena. Isto pode ser mais bem exemplificado se tomarmos por base os dados do censo que informam sobre a divisão da população segundo os setores de atividade.

¹⁴ “Numa direta relação com o biologismo e com a naturalização das mulheres pelas ideologias do feminino, se nega a possibilidade de considerar a mulher como um indivíduo. Se o homem é um cidadão, um indivíduo, uma pessoa única, que pode sobrepor-se às limitações sociais e que detém ademais, direitos inalienáveis, a mulher segue sendo um gênero, um grupo, uma espécie que atua segundo uma natureza predeterminada e previsível.” In: MARTÍN, Marcia Castillo. **Las Convidadas de Papel**: Mujer, memoria y literatura en La España de los años veinte. España: Río Henares Producciones Gráficas S.L., 2001, p.74.

¹⁵ Segundo Joan Scott, “o gênero se torna uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis aos homens e mulheres. In: SCOTT, Joan. **Gênero**: Uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS Corpo. 1990. p.4.

¹⁶ A dupla jornada representou o aumento das atribuições da mulher quando da sua inserção no mercado de trabalho, passando a ter de incluir no seu roteiro diário, além dos afazeres domésticos, as atividades do seu trabalho remunerado, o que a ocupava durante os três turnos do dia.

¹⁷ SINGER, Paul; MADEIRA, Felícia. **Estrutura do Emprego e Trabalho feminino no Brasil: 1920-1970**. Caderno CEBRAP, São Paulo, no. 13, 1973.

¹⁸ PENA, Maria Valeria Junho. **Mulheres e Trabalhadoras**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 165.

Setor de Atividade, por Sexo, Segundo os Recenseamentos Gerais de 1940, 1950, 1960 e 1970, em Percentagem								
Setor de Atividade	Pessoas de 10 Anos e Mais							
	1940		1950		1960		1970	
	H	M	H	M	H	M	H	M
Primário	70,4	46,9	65,0	30,2	58,8	30,1	50,4	20,7
Secundário	10,2	10,6	13,4	15,6	20,7	12,5	19,7	10,5
Terciário	19,4	42,5	21,6	54,2	20,5	68,4	29,9	68,8
Totais	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: *Tabulações Avançadas do Censo Demográfico. VIII Recenseamento Geral - 1970* - IBGE.

Figura 02: Setores de atividade por sexo no Brasil

Fonte: SAFFIOTI, Heleieth. *Mulher Brasileira: Opressão e Exploração*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984. p. 40.

Ao observarmos na imagem (figura 02) as transformações, - na linha referente ao terciário no período de 1940/1960 - notamos um aumento significativo na proporção de mulheres neste setor, o que aponta para a intensificação do trabalho doméstico feminino. Segundo Sullerot, “*a mulher é definida pelas suas funções e as suas funções sociais são definidas como naturais.*”¹⁹ Assim, mesmo trabalhando e contribuindo produtivamente no período, esta divisão de esferas por gênero marginalizava socialmente as mulheres.

A estruturação da relação hierárquica que imputa à mulher a atribuição de prestar um serviço social gratuito que foi pensado pelo homem ressalta, no campo do trabalho, a exclusão feminina de uma inserção plena. As consequências advindas desta condição levaram as mulheres tanto a um cotidiano sobrecarregado na esfera doméstica, - em função da negação dos homens em executar determinadas tarefas por nelas não haver reconhecimento social econômico- até a existência de diferenças entre os salários, que diminuía o das mulheres. O setor secundário, por exemplo, muitas vezes incorporou o trabalho feminino como artifício para baixar o salário masculino.

No Recife, uma metrópole cuja natureza não era marcadamente industrial e sim um centro comercial incapaz de absorver toda a força de trabalho de grande parte de seus habitantes, - que na época constituíam-se de migrantes chegados à cidade- houve muita ocupação em subempregos. Assim, se por um lado houve a queda do setor primário, por outro, podemos afirmar ter havido um crescimento paralelo no setor informal. Por

¹⁹ SULLEROT, Evelyne. *A Mulher no Trabalho*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1970. p. 27.

necessidade, muitas trabalhadoras encontravam-se em atividades de ambulantes, como vendedoras de tapioca, catadoras de mariscos e aquelas que trabalhavam por conta própria, prestando serviços, como por exemplo, as lavadeiras.

A participação feminina expressiva neste campo informal e a procura por trabalhadoras para serviços domésticos demonstram como as mulheres estavam trabalhando, muito embora as oportunidades de carreira fossem menores para elas. Mesmo que inseridas nas atividades formais, empregadas em escritórios e lojas, sempre estavam em posição de subserviência aos homens. Uma amostra da quantidade de anúncios domésticos e comerciais, ofertados ao público feminino nos classificados do Diário de Pernambuco, permite que exploremos a conjuntura que mantinha a estrutura da condição tradicional da mulher.

ANO	QUANTIDADE DE ANÚNCIOS	DOMÉSTICOS				COMERCIAIS			
		MULHER	HOMEM	AMBOS*	TOTAL	MULHER	HOMEM	AMBOS*	TOTAL
1945	35 OFERTAS	14	1	-	15	6	13	1	20
1948	33 OFERTAS	9	2	-	11	5	10	7	22
1955	41 OFERTAS	19	1	1	21	10	6	4	20

*Para a contagem de “ambos”, utilizei os indicativos das expressões: onde havia indefinição, como, por exemplo, “precisa-se de uma pessoa”, ou onde havia recrutamento direto, como, por exemplo, “precisa-se de moças ou rapazes”.

Figura 03: Ofertas de trabalho assalariado no Recife²⁰

A contabilidade das ofertas domésticas²¹ de trabalho oferecidas às mulheres demonstra o lugar de cada sexo na sociedade. O exemplo do ano de 1955 é bastante ilustrativo. De um total de 21 ofertas domésticas, 01 não especificava o sexo, mas 19 foram destinadas às

²⁰ A tabela é uma pequena demonstração do quantitativo dos anúncios de ofertas de emprego encontrados no Diário de Pernambuco num período de 10 anos (de 1945 a 1955). A falta de uma série organizada de cinco em cinco anos na elaboração desta tabela deve-se à ausência dos periódicos de 1949 a 1952 no acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano. Para sua elaboração foram utilizados anúncios sempre da mesma seção de somente um dia da primeira semana do mês de Março dos respectivos anos:

1945 – **Diário de Pernambuco**, 01/03/1945, Pequenos Anúncios, p. 05.

1948 – **Diário de Pernambuco**, 02/03/1948, Pequenos Anúncios, p. 05.

1955 – **Diário de Pernambuco**, 01/03/1955, Pequenos anúncios, p. 13.

²¹ Nestas ofertas, solicitavam-se serviços de arrumadeira, copeira, cozinheira, ama, lavadeira e empregada.

mulheres e apenas 01 aos homens. Isto nos permite afirmar que as personagens femininas, além de esbarrarem nas imagens historicamente construídas sobre o trabalho doméstico, no âmbito nacional, ainda ganhavam baixos salários por esta imagem estar associada aos últimos degraus da escala social. Daí a visão masculina de não sujeição aos trabalhos considerados inferiores.

Esta herança ainda traria outros implicantes que influenciariam a preservação de uma ideologia firmadora de consequências negativas para a mulher. Segundo Saffioti²², a natureza íntima das relações de trabalho doméstico estabelecidas no seio de um pensamento de lógica patriarcalista contribuiu para que, já na República, este tipo de trabalho fosse relegado a segundo plano pelos legisladores, o que lhe implicava em termos de ser permissivo com a lei da oferta e da procura que poderia regular os salários e com a exploração da jornada diária de trabalho que poderia chegar a 16 horas, “*considerando-se que todos repousem por um período de 8 horas por dia*”²³.

A existência da exploração feminina ultrapassava assim o grave problema da dominação masculina: O regime de exploração capitalista também de forma implacável continuava a submeter as trabalhadoras, extraindo-lhes da força de trabalho mais-valia. De acordo com Marx, “*o processo que produz o assalariado e o capitalista tem suas raízes na sujeição do trabalhador.*”²⁴ Esta sujeição, no entanto, oprimia as mulheres duplamente porque, além de toda exploração deste sistema econômico que recai indistintamente sobre os trabalhadores e as trabalhadoras²⁵, massacrando-os, as mulheres responsáveis pelo trabalho sob a esfera doméstica sem receber salário para isto, ou seja, na condição de mãe, filha e ou esposa “donas de casa”, encontravam-se ainda sob uma exploração invisível que apropriava-se sorrateiramente de sua mais-valia.

Através do trabalho do homem, o capital explora diretamente este e indiretamente a mulher, na medida em que esta trabalha para criar as condições da produção diária e da reprodução da força de trabalho, sem a qual não seria possível desenvolver-se historicamente o modo-de-produção capitalista. O capital remunera parcialmente um trabalhador e dispõe de dois em tempo integral. Evidentemente este processo é

²² Para acesso a um estudo pormenorizado sobre o emprego doméstico no Brasil consultar: SAFFIOTI, Heleieth Iara. **Emprego Doméstico e Capitalismo**. Petrópolis: Vozes, 1978.

²³ SAFFIOTI, Heleieth Iara. **Emprego Doméstico e Capitalismo**. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 43.

²⁴ MARX, Karl. **O Capital**. Vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 831.

²⁵ Sobre as condições de trabalho das operárias do setor industrial têxtil que a exemplo podem ilustrar este tipo de exploração especificamente no Recife da época, ver os trabalhos de Luciana Rodrigues Ferreira Varejão, que em breve publicará por esta universidade a sua dissertação de mestrado com o título provisório “Nos fios da resistência feminina: o labor e o enfrentamento ao patronato no setor têxtil recifense (1960-1964)”.

vantajoso para o capital, mas apresenta conseqüências extremamente deletérias para as mulheres.²⁶

A dupla sujeição, apesar de uma parte se apresentar invisível, fazia com que as mulheres sentissem em seu cotidiano o peso da condição doméstica, quer fossem elas trabalhadoras remuneradas desta esfera, de outra ou unicamente donas de casa. No entanto, recaía sobre a trabalhadora doméstica as piores associações porque somavam-se às questões de diferença social as de gênero. A existência de “*casos não muito raros de empregadas domésticas que são vistas como objetos sexuais pelos patrões*”²⁷, por exemplo, punha este ofício num patamar ainda mais inferior, ao relacioná-lo com uma humilhante situação de probabilidade de, resignadamente, estas trabalhadoras terem de prestar favores sexuais, fato este que, longe de ser colocado em evidência como um desregramento sexual masculino condenável socialmente, era minimizado pelo corrente pensamento de uma suposta natureza dos homens que, nestas tendências, assumiria a sua virilidade, uma vez que a civilização patriarcal permitia-lhes o direito de satisfação dos seus desejos.

Nada impede o homem de dominar e possuir criaturas inferiores; os amores ancilares sempre foram tolerados, ao passo que a burguesa que se entrega a um jardineiro, a um motorista, degrada-se socialmente. (...) Por ser, neste mundo soberano, o homem reivindica como sinal de sua soberania a violência de seus desejos; diz-se de um homem dotado de grandes capacidades eróticas que é forte, que é potente: epítetos que designam como que uma atividade e uma transcendência.²⁸

Esta diferença na visão dos gêneros torna inteligível então na tabela a quantidade mínima, mas existente, de um discreto aumento das vagas de natureza doméstica que eram designadas a um público unissex: exprimiam não uma nova ordem social, que beneficiava a mulher ao auferir aos homens também uma parcela dos mesmos trabalhos que elas estavam executando, mas o retrato de uma sociedade que expandia o consumo dos serviços pessoais à disposição da crescente classe média, e que aumentando a sua posse de bens duráveis, trazia o

²⁶ SAFFIOTI, Heleieth. **Mulher Brasileira: Opressão e Exploração**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984, p. 21.

²⁷ SAFFIOTI, Heleieth. Op. Cit., p. 106. Apesar de o estudo em questão relatar a condição das domésticas em Araraquara, SP e referir-se a uma pesquisa realizada na década de 70, esta constatação permite utilizá-la em analogia uma vez que a cultura dos senhores de engenho pernambucanos de embalar-se na rede com uma escrava doméstica para fins sexuais encontra referências sociais de permanência durante toda a nossa história chegando inclusive a tempos atuais na figura de alguns patrões que ainda percebem naturalidade no fato de a empregada doméstica ser considerada uma fonte de prazer sexual de acordo com o que foi apontado em 2008 durante o Seminário de 20 anos do Trabalho das Domésticas, realizado pelo Sindicato das Trabalhadoras Domésticas do Grande Recife em parceria com o SOS Corpo – Instituto Feminista pela Democracia conforme informa seu site <http://www.soscorpo.org.br>.

²⁸ BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. pp. 112-113.

incremento de funções que seriam exercidas eminentemente pelo sexo masculino como as de jardineiros e chauffeurs, menos expostas às duras condições que continuariam a incidir sob as trabalhadoras ainda lotadas nos mesmos cargos domésticos.

As permanências que operavam negativamente sobre a situação das mulheres na esfera doméstica ocorriam também pela sua baixa escolaridade. Sendo desnecessária uma qualificação formal para o cumprimento de tais trabalhos, a mão-de-obra utilizada para executar estas tarefas foi desmerecida por diversas sociedades em diferentes períodos históricos²⁹ mediante a ideia de uma propensão, um “dom natural” feminino orientado para estes serviços. Esta ideia acabou gerando o pensamento oposto para o gênero masculino, ou seja, o de que o seu papel deveria ser sempre burilado mediante esforços. Tal lógica incidiu com tanta eficiência sob o pensamento social brasileiro que os empregados domésticos foram excluídos da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), permanecendo sob legislação civil. Ao designar o emprego doméstico como “serviço de natureza não econômica”, em seu artigo 7º, alínea “a”, a norma desqualificava-o, uma vez que, segundo Saffioti, “*deveria mencionar serviços “não-lucrativos”, pois todo trabalho destinado à satisfação de necessidade, mormente quando apresenta o caráter assalariado, representa desempenho de função econômica.*”³⁰ Se considerarmos o que ensina Marc Bloch ao observar que “*uma palavra vale menos por sua etimologia do que pelo uso que dela é feito*”³¹, tal nomenclatura, mais do que demonstrar confusão conceitual, aponta institucionalmente para a depreciação do trabalho considerado eminentemente feminino, demonstrando a continuidade histórica em relação ao papel das mulheres.

Em relação ao outro lado da tabela, que indica o crescimento das ofertas comerciais destinadas ao público feminino, podemos afirmar que, longe de indicarem a modificação das estruturas sociais que permitiriam uma maior pluralidade da figura feminina e uma maior liberdade às mulheres, contribuíam para a permanência dos papéis tradicionais: a natureza da gama destas ofertas em evidência nos jornais colocava as mulheres em papéis de assessoria

²⁹ A ideia de que desde o início dos tempos, já no período pré-histórico, às mulheres cabia tomar conta da prole e do lugar onde o grupo fixara-se enquanto que aos homens cabia o desbravamento de novos espaços, prática esta que garantia a sobrevivência do grupo, foi bastante utilizada e difundida através dos tempos com a finalidade de supervalorizar o trabalho masculino ao mesmo tempo em que diminuía o esforço feminino. A propensão histórica utilizada para justificar realidades sociais geralmente aplicou-se em casos de gênero, que ganhavam interpretações convenientemente condicionadas.

³⁰ SAFFIOTI, Heleieth Iara. **Mulher Brasileira: Opressão e Exploração**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984, p. 39.

³¹ BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 143.

como secretárias, taquígrafas, faturistas, caixas, vendedoras, estenógrafas e balconistas. Este fato nos revela que, por trás da sua participação, encontrava-se a ideia da necessidade da subordinação aos homens, demonstrando o quanto sua condição ainda definia-se por sua relação com eles.

À medida que os países se industrializam, a força de trabalho feminina vai sendo absorvida, no grau em que a fase do desenvolvimento econômico permite, no setor secundário e terciário do sistema de produção dominante.[...] Vários fatores parecem ter contribuído para essa maior concentração de mão-de-obra feminina no setor terciário. À medida que as economias nacionais se desenvolvem, cresce enormemente o setor terciário de atividades econômicas, passando a absorver maiores efetivos. Nestes países, as mulheres dos estratos médios, cuja educação era quase inteiramente negligenciada, tiveram estendido seu período de escolarização, o que lhes possibilita o exercício de ocupações auxiliares nos serviços de escritório e de vendas.³²

Estas posições subalternas que não lhes ofereciam perspectivas de promoção (uma vez que os cargos de maiores níveis hierárquicos eram de domínio masculino) deixam clara a noção de como a socialização da mulher enquanto trabalhadora foi feita de forma parcial e pautada num pensamento patriarcalista que não lhes possibilitava a plenitude. Este fato é retroalimentador do pensamento das baixas remunerações que, por sua vez, conectava-as com uma ideia de complementariedade do salário masculino, iniciando novamente o círculo vicioso do pensamento de subordinação feminina.

Assim, os convencionalismos sociais justificados em nome de um preconceito sobre a mulher dificultava a elas o acesso pleno ao mercado de trabalho, apesar de existirem anúncios que, oferecendo serviços mais especializados, indicassem uma evolução das suas capacidades educacionais em concernência com os dados do censo de 1950, que mostravam que, das pessoas que sabiam ler e escrever, mais da metade era do sexo feminino – 139.992 mulheres para 130.047 homens.

No entanto, as limitações destes números logo aparecem quando confrontados com a observação dos indicativos profissionais. Nestas seções, uma espécie de classificados onde a tônica não era a procura e, sim, o oferecimento de serviços de profissionais de nível superior, como o de médicos, advogados e dentistas, ficava evidente o quanto ainda era insipiente a inserção da mulher neste ambiente.

³² SAFFIOTI, Heleieth Iara. **A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976, pp.48-49.

Excetuando-se a função de professora - profissão aparentemente mais difundida por ser considerada a mais próxima da função materna -, em sua maioria exercida por mulheres que tinham cursado o magistério e ofereciam aulas particulares, podia-se observar poucas as ofertas, em anúncios menores e geralmente dedicados a um campo restrito de atuação como por exemplo o de serviços médicos para senhoras. Esta diferença gritante demonstra que a maioria da escolaridade feminina encontrava-se nos níveis primário e médio, como revelam os números do mesmo censo que marcavam na cidade apenas 319 mulheres com curso superior completo, enquanto o número masculino chegava a 3.390 e, ao que parece, esta realidade refletia uma situação nacional:

A educação com vistas a um futuro profissional e, conseqüentemente, o investimento em uma carreira eram bem menos valorizados para as mulheres que para os homens devido à distinção social feita entre feminino e masculino no que dizia respeito a papéis e capacidades. (...) Para manter as hierarquias entre masculino e feminino, as possíveis ameaças da “mulher culta” às relações tradicionais teriam de ser neutralizadas por idéias como: um certo nível cultural é necessário à jovem para que “saiba conversar” e agradar os rapazes assim como é útil para o governo de uma casa e a educação dos filhos, entretanto os rapazes evitam as garotas muito inteligentes e a “mulher culta” tem menos chances de se casar e de ser feliz no casamento.³³

A ideologia patriarcal induzia a mulher a não penetrar nesta área, a fim de que a superioridade masculina fosse mantida em todos os terrenos. A visão da mulher concorrente assustava a tradição masculina. O esforço em mantê-las excluídas de determinadas esferas, além de justificar a sua condição, firmava as suas ocupações. Para Saffioti, este pensamento de concorrência entre gêneros que contribui para a preservação de um status quo, ilude a identificação masculina com a capacidade de mando uma vez que *“Pensando-se, pois em termos dos rendimentos de família como o resultado do trabalho de ambos os cônjuges, não cabe falar-se de competição entre os sexos, nem dos presumíveis efeitos deletérios para os homens da penetração das mulheres no mercado de trabalho.”*³⁴ No entanto, a repercussão deste pensamento influenciava diretamente a situação feminina a ponto de os requisitos sociais de sua ascensão parecerem indicar menos a escolarização do que o tradicional casamento (que na maioria das vezes lhes dava menor liberdade de trabalho fora do lar), principalmente nos estratos sociais médios, além de anular a mulher enquanto ser individualizado. Segundo Del Priore, *“não casar era sinônimo de fracasso e interromper a carreira, na*

³³BASSANEZI, Carla. “Mulheres nos Anos Dourados.” In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001. pp. 625-626.

³⁴ SAFFIOTI, Heleieth Iara. **A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976, p.41.

chegada do primeiro filho, considerado normal.”³⁵ Muitas eram as imagens: cômicas para aquelas que “ficaram para tias”³⁶ e críticas para aquelas “maçanetas”³⁷, malfaladas e abandonadas em consequência de comportamentos “indevidos”³⁸. A guisa deste pensamento, não somente reprimia-se a sexualidade feminina como também sua vontade de agir espontaneamente no cotidiano, devendo elas respeitarem e acatarem os comportamentos masculinos constantemente, como estabelecia a tradição.

Conservar o marido – A esposa perfeita deve saber ser cega, surda, muda. Está aqui toda a filosofia para conservar o marido. O sábio é saber recorrer a estas enfermidades no momento oportuno. (...) Mais a vida se faz complicada e difícil e mais o nosso companheiro se torna irascível e exigente. O homem, em geral, mal suporta os males físicos e morais e tem necessidade de descarregar sobre quem lhe está por perto as próprias cruces, justamente como faz a criança com a mãe. Se muitos lares desmoronam, geralmente depende da intransigência da mulher. (...) A cegueira é providencial, mas para quem tem os olhos muito vivos e reveladores aconselhamos por óculos escuros que impedem sobretudo a verdade que os olhos refletem a nossa alma, de fazer compreender o que pensamos.³⁹

O medo de uma separação, condenável inclusive pela igreja católica, pairava sobre as esposas tanto do ponto de vista moral e afetivo, como também do econômico, uma vez que o reconhecimento social dava ao homem o papel de provedor principalmente entre as classes de maior poder aquisitivo. E, mesmo nas camadas mais pobres, em que as condições miseráveis facilitavam uma moral mais permissiva e favoreciam a precariedade das uniões conjugais, o casamento não deixou de exercer a antiga função de destino social para as mulheres que, neste caso, em maioria, enfrentariam a exaustiva rotina da dupla jornada.

Apesar de a propagada continuidade em relação aos estereótipos femininos demonstrar contradição em relação à ideologia do desenvolvimento, que pregava novos tempos sob o signo da modernidade, a imagem da mulher enquanto dona de casa não foi abandonada. Muito pelo contrário: para se manter, a tradição precisou ser reforçada e revestida de uma aura condizente com o período. É por isso que a liberdade pelo consumo significou, principalmente para as mulheres, a possível via de acesso aos novos tempos, uma forma de suportar o peso da sua condição. Em nenhum período anterior se vendeu tanto a modernidade.

³⁵ DEL PRIORE, Mary. **Histórias Íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011. p. 161.

³⁶ Gíria para aquelas que envelheceram e não casaram.

³⁷ Gíria para aquelas em que teriam passado a mão.

³⁸ Segundo DEL PRIORE, embora as atitudes condenáveis pudessem variar de acordo com a localidade e grupo social, não manter relações sexuais antes do casamento, ficar a sós no escuro e sair sem a companhia de outra pessoa, o “segurador de vela”, eram comportamentos reprováveis. In: DEL PRIORE, Mary. Op.cit.

³⁹ **Diário de Pernambuco**, 31/01/1954. Suplemento Feminino. p.5.

1.3. MULHER, LOGO(S) CONSUMIDORA: A VERSATILIDADE DA IMAGEM FEMININA E O ALCANCE DOS SLOGANS PUBLICITÁRIOS



Figura 04: Fale diretamente à maior compradora do mundo

Fonte: Revista O Cruzeiro, 22/11/1963, p.19.

Ao associar a identidade consumidora feminina com o passaporte para novos tempos, eficientemente a publicidade alimentava a economia de consumo, ícone do mundo ocidental e em expansão no país. A possibilidade de *falar diretamente* à maior compradora do mundo fortalecia a disseminação da doutrina capitalista de autoidentificação pelos objetos e, como na imagem (Figura 04), suscitava o interesse do mulherio que, ávido pela pluralidade da sua imagem, encontrava no consumo, uma via de realizá-la.

As imagens ancestrais ligadas à mulher estavam organizadas em função da sua situação biológica e doméstica. A Legislação do Trabalho de 1943, por exemplo, apesar de regulamentar que a mulher podia trabalhar livremente, sem autorização do esposo, também conferia ao marido, por outro lado, o direito de impedi-la de continuar no emprego. Ao confundir sua personalidade com a dos menores, aumentava-se a capacidade de mando masculina. A lógica era a mesma que garantia ao marido o direito de “impedi-la de receber

pensões ou abrir e movimentar caderneta de poupança na Caixa Econômica Federal”⁴⁰. Concedendo supremacias ao homem, o Estado privatizava a mulher e subordinava-a. Segundo Pena, “*daí decorrem as limitações femininas ao direito de herança, legados, ou mesmo aceitação de guarda de crianças alheias ou sua adoção.*”⁴¹

Por outro lado, conforme também ressalta Pena, o código civil afirmava que “*as mulheres estavam presumidamente autorizadas, seja para comprar, mesmo que a crédito, mercadorias necessárias ao consumo doméstico e a tomarem empréstimo para realizarem tais aquisições.*”⁴² Ou seja: Mesmo associadas ao espaço doméstico, estruturado legalmente como seu campo de atividades, na esfera do consumo elas não se encontravam totalmente submissas aos seus maridos. Segundo Clóvis Bevilacqua, “*a lei não quer dizer com a expressão ‘presume-se autorizada’ que o marido possa retirar arbitrariamente a sua autorização.*”⁴³ Dignificada legalmente como consumidora capaz, a mulher sentia a (falsa) evidência de maior liberdade pessoal e, por meio dos objetos consumidos (que “livremente” escolhia), uma forma de alcançar uma personalidade menos associada à sua imagem tradicional, apesar destas imagens não estarem dissociadas da tradição.

A ideia de soberania pelo consumo fortalecia-se na ampliação de anúncios publicitários que incluíam crianças pequenas (até então raras) e mulheres com características inovadoras. Uma maior utilização dos pronomes ‘ela’ e ‘senhora’ permite-nos perceber o quanto as empresas focavam neste público e quanto o mercado de consumo aumentava. Os objetos eram inúmeros e revelados como equivalentes da salvação, do simples sabão à mais requintada geladeira, não havia o que não fosse visto como moderno. Contribuía para isso o fato de haver constantemente, nas imagens, acompanhando a imagem tradicional, algum elemento que as diferenciava. As sutilezas iam desde um cabelo curto a roupas que eram mais apertadas ou curtas, sugestão de hábitos como fumar e beber e demonstração de *movimento* sugerindo liberdade. Associadas à autossatisfação, essas imagens não representavam somente isso, mas, sim, a possibilidade de comunicar socialmente, um desejo, não de igualdade em relação aos homens, mas de melhora da qualidade de vida.

⁴⁰ PENA, Maria Valeria Junho. **Mulheres e trabalhadoras**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 150.

⁴¹ PENA, Op. Cit., p.149.

⁴² Idem. p. 149.

⁴³ BEVILACQUA, Clóvis. “Código Civil dos Estados Unidos do Brasil: comentários”. In: PENA, Maria Valeria Junho. **Mulheres e trabalhadoras**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 149.

On jouit pour soi, mais quand on consomme, on ne le fait jamais seul (c'est l'illusion du consommateur, soigneusement entretenue par tout le discours idéologique sur la consommation), on entre dans un système generalize d'échange et de production de valeurs codes, ou, en dépit d'eux-mêmes, tous les consommateurs sont impliqués réciproquement.⁴⁴

Em consonância com os proclamados novos tempos modernos, o que se preconizava era negar a tradição a qualquer custo, para evidenciar que todos estariam livres para rumar ao progresso, sem, na verdade, executar este projeto. No entanto, não havendo como negar a realidade, a tradição era utilizada para que os parâmetros estruturados de modernidade fossem invadindo as mentalidades. Observe:



Figura 05: O poder de aspirar a casa
Fonte: Diário de Pernambuco 22/01/1954, Pelos Municípios, p.10.

⁴⁴ “O prazer sente-se em função de si mesmo, mas quando se consome, nunca é isoladamente que se consome. (eis a ilusão do consumidor, cuidadosamente alimentada por todo discurso ideológico acerca do consumo), entra-se num sistema de troca e de produção de valores codificados em que, pese aos próprios, todos os consumidores se encontram reciprocamente implicados. (...) A circulação, a compra, a venda, a apropriação de bens e de objetos-signos diferenciados constituem hoje a nossa linguagem e o nosso código, por cujo intermédio toda a sociedade se comunica e fala.” In: BAUDRILLARD, Jean. **La société de consommation**: ses mythes, ses structures. Paris: Denoel, 1970, p.110.

Visando alimentar o sonho das mulheres de uma posição menos tradicional, as imagens idealizavam a situação feminina de dona de casa. “Arno passa e pronto! O pó sumiu. E acabou-se o antiquado uso de espanadores, vassouras, pás de lixo e panos de limpeza.” Utilizando do argumento da novidade, a peça publicitária tira da mulher a responsabilidade da limpeza, sem, no entanto, a tirar da esfera doméstica. A imagem da mulher satisfeita e feliz, de aspirador em punho, agradava ao público feminino por lhes representar de forma bem diferente da realidade *antiquada* em forma de mulheres suadas, irritadas, sujas e cansadas. O argumento moderno do objeto que salva era tão poderoso que as mulheres, embora ainda alocadas em lugares tradicionais, sentiam uma melhora de sua situação, e isto as impulsionava a outros produtos, sucessivamente, fortalecendo sobremaneira as práticas de consumo como redentoras.

La pratique des signes est toujours ambivalente, elle a toujours pour fonction de *conjur*er au double sens du terme: de faire surgir pour capter par des signes et d’*évoquer* quelque chose pour le nier et le refouler. (...) On peut dire, c’est vrai, que ce sont nos phantasmes alors qui viennent se signifier dans l’image et s’y consommer.⁴⁵

Obviamente, nem todos os objetos estavam à disposição de todas as classes – inclusive porque serão eles também símbolos de distinção –, mas a profusão de bens de todos os tipos evidenciava a negação da rareza. Assim, as mulheres mais pobres, sem acesso aos itens mais caros, como o aspirador de pó do exemplo acima, mas observando a abundância de objetos que prometiam facilitar a vida da mulher, iriam se consumir em outros bens e imagens possíveis, já que no amontoamento de produtos havia sempre a possibilidade de compra de uma simples parcela do todo moderno.

En achetant une parcelle vous achetez la partie pour le tout. Et ce discours métonymique, répétitif, de la matière consommable, de la *marchandise*, redevient, par une grande métaphore collective, grace à son excès même, l’image du *don*, de la prodigalité inépuisable et spectaculaire qui est celle de la *fête*.⁴⁶

Promovendo a sensação de riqueza, sem, no entanto, promover reformas que permitissem a sua distribuição equitativa, o lado ocidental protegia a sua ideologia. Ao remeter pelo consumo a possibilidade de escolha *livre* no meio da profusão da abundância, a

⁴⁵ “A prática dos signos é sempre ambivalente, tem sempre como função esconjurar, no duplo sentido do termo: fazer surgir para captar por signos e evocar algo para o negar e recalcar. (...) Pode-se afirmar, é verdade, que os nossos fantasmas é que vêm significar-se e consumir-se na imagem.” In: BAUDRILLARD, Jean. **La société de consommation**: ses mythes, ses structures. Paris: Denoel, 1970. pp. 30-31.

⁴⁶ “Pelo fato de comprar uma simples parcela, compra a parte pelo todo. O discurso metonímico, repetitivo, da matéria de consumir, da mercadoria, transforma-se graças à grande metáfora coletiva e por meio do próprio excesso, na imagem do dom, da prodigalidade inesgotável e espetacular, que é peculiar à festa.” In: BAUDRILLARD, Op. Cit., p. 19.

indústria, por meio de estímulos incessantes, institucionalizava hábitos, e garantia lucros para os seus produtos. Argumentando o bem-estar geral como imperativo fundamental do progresso, o capitalismo passou a lucrar com o discurso da salvação pelos objetos, pelo consumo. Assim, os consumidores viveriam as suas *escolhas* como liberdade e não como *condicionamento*.

Desta forma, a proposta de uma modernidade pelos objetos, que era oferecida naquele período, encontrou significação para muitas mulheres que percebiam a sua rotina enquanto mulher-doméstica-mãe facilitada. Em busca do propagandeado bem-estar, a *escolha* pelos parâmetros de modernidade enquadrava as mulheres em modelos que as levariam a tornar-se mais do que nunca consumidoras de produtos fabricados para o consumo. O ciclo produção-consumo completava-se e, sem retirar as mulheres do ambiente doméstico, perceberemos como o argumento da modernidade influenciou os hábitos naquele período.

1.4. EFEITO HAMBÚRGUER: A REPRESENTAÇÃO DO CONSUMO DE ALIMENTOS ENLATADOS NO COTIDIANO

O processo de identidades a partir do consumo chegava ao seu auge ao invadir o cotidiano da esfera alimentar. O comer, uma atividade de caráter polissêmico que, entre outros aspectos, confere à comida representações tecidas ao longo da História, também revela como as pessoas se relacionam mutuamente com seus materiais culturais.

Como em sociedades primárias, nas quais se acreditava que alguns alimentos trariam poder a quem os ingerisse, a sociedade industrial da segunda metade do século XX igualmente desenvolveu sua versão de representação alimentar: apontou explicitamente para a aura de modernidade que estaria embutida no consumo dos alimentos enlatados. O poder da segurança e da praticidade das latas vendia muito mais que o conteúdo delas. De acordo com Mintz,⁴⁷ “o que se vende e o que as pessoas compram não são necessariamente a mesma coisa.” Ou seja, não é simplesmente o “gosto” das pessoas que muda.

⁴⁷ MINTZ, Sidney W. “Food And Antropology: A Brief Overview”. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.16. outubro, n.47. 2001, pp. 32-41.

Segundo Onfrey, “*comer é instalar-se no próprio centro do processo formador, gerador e conservador de si próprio*”⁴⁸. Uma esfera que, permitindo escolhas, carrega consigo uma carga moral. Tendo cada cultura possibilidades de criar significados internos de maneiras distintas, o poder emanado dos alimentos pode adquirir diversas formas. Aí reside o fato de que, na esteira do processo da americanização do modo de vida no país, tornou-se cada vez mais evidente a lógica de estímulo aos enlatados que, explorados pela publicidade, prometiam, sob o abrigo dos signos de modernidade, praticidade e, portanto, satisfação.

⁴⁸ ONFRAY, Michel. **A Razão Gulosa** – Filosofia do Gosto. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p.168.



Figura 06: Propaganda Nescafé (A)

Fonte: Diário de Pernambuco, 19/01/1954, Pelos Municípios p.10.



Figura 07: Propaganda Nescafé (B)

Fonte: Diário de Pernambuco, 19/01/1954, Pelos Municípios, p.10.

Nas imagens acima (Figuras 06 e 07), o uso do café na alimentação, um hábito muito comum entre os brasileiros de todas as classes sociais, foi imbuído de representações de modernidade. A antiga tradição de tomar café industrializa-se. Em primeiro plano, a imagem demonstrava que o café era o mesmo: o ramo da planta pontilhado de grãos se encarregava de afirmar que é o genuíno que se encontraria na lata reluzente, que atestava ali ter “*café puro*”. O jogo de claro-escuro da imagem revestia a lata de brilho, evidenciando-a. A aura da modernidade estava ali.

Até o tempo, ou melhor, a falta dele – símbolo da necessidade de velocidade – não foi esquecido: “3 TEMPOS”. O texto logo abaixo prometia um “café fresquinho, bem brasileiro e feito na própria xícara”, mágica e facilidade. Como imaginar tecnologia maior que um café fresco feito na xícara? Além disso, a prova incontestada de acesso irrestrito ao mundo industrializado era reforçada pelo pronome que garantia que o valor de uso igualasse todos os consumidores: “*Todos saboreiam!*”. Abaixo da marca, a sugestão final da soma de produtos evidenciava a promessa: “*Para um saboroso café com leite, junte o Leite Moça ao café feito com Nescafé. Que revelação*”.

De fato, uma revelação. A análise da propaganda mostra-nos que a variedade e a forma dos produtos anunciados, que eram em muito semelhantes ao exemplo citado, tinham enorme repercussão porque, além de fortalecer a ideia de desenvolvimento apoiando-se na existência de uma maior profusão de objetos, levava a uma noção de evolução face a uma maior quantidade de opções para o mesmo hábito de fazer café.

Estas repercussões atingiram seu nível máximo perante o público feminino que, além de responsável pelos afazeres da cozinha (e portanto pela alimentação), era o foco das imagens publicitárias. Assim, as associações destes produtos ao cotidiano feminino demonstravam o quanto de modernidade emanava das latas que prometiam, com o mínimo esforço e o máximo de rapidez, aliar em si o passaporte para o mundo industrial desenvolvido e a segurança necessária para alimentar os membros da família.



Figura 08: Farinha Láctea Nestlé (imagem inteira)
 Fonte: Diário de Pernambuco, 03/11/1955, Diário Social, p. 8.



Figura 09: Farinha Láctea Nestlé (Detalhe)
 Fonte: Diário de Pernambuco, 03/11/1955, Diário Social, p. 8.

As imagens (Figuras 08 e 09) da mulher sorridente na cozinha vendiam a facilidade (preparo em três passos) do alimento pronto. Segundo a propaganda, apesar de feito com rapidez e comodidade por não ter sido levado ao fogo, não deixava de ser “gostoso” e

“*altamente nutritivo*”. Enquanto isso, o brilho da tampa da lata à direita confundia-se com o reflexo da mulher que, realizada e feliz, segurava o prato finalizado.

Apesar da imagem da mulher ser recorrente, ela não era a única utilizada. Muitas campanhas aderiam ao ideal de família feliz pois, como o papel de dona de casa encontrava identificações, este caminho acabava por atingir o mesmo público com apelos diferenciados.



Figura 10: Enlatados Swift
Fonte: Revista O Cruzeiro, 13/05/1961 p. 100.

Por trás da imagem (Figura 10) de uma família ideal ao lado de um prato suculento - possível graças aos enlatados onipresentes na cozinha – estava o argumento de convencimento de que a harmonia do lar dependia das inovações de uma comida que, não sobrecarregando a mulher, deixaria todos (inclusive a mulher) satisfeitos. “*Todos Adoram*”, dizia o texto. Neste jogo de imagens, o papel de esposa atenciosa e o de mãe protetora era indissociável da imagem da mulher moderna que tinha um porquê para, sempre que possível, lançar mão das maravilhas dos artifícios industriais. Observe:



Figura 11: Propaganda Toddy

Fonte: Diário de Pernambuco, 04/11/1955, Diário Social, p. 9.

O hábito dos enlatados disseminava-se tranquilamente pelo universo infantil. Conscientes do sucesso e da capacidade de convencimento das representações de crianças saudáveis e satisfeitas entre o público feminino, a indústria alimentícia explorava este ramo e, para garantir eficiência, adicionava a esta imagens o modelo de ideal materno.

Na imagem (Figura 11), as crianças aparecem com um copo na mão e festejando. A associação da bebida leite e achocolatado em pó com o evento aniversário, momento geralmente especial, sugere a ideia de bebida boa para crianças, ou seja, de “bebida infantil” e, não, somente porque as crianças estão felizes e brincando, mas, também, porque o texto publicitário confirma: “*é o alimento mais completo, mais gostoso, mais perfeito e mais puro*”. Que boa mãe não ofereceria um alimento que garantia tornar as crianças “*mais fortes, mais confiantes, mais vigorosas, mais inteligentes*” e que “*Não tem nem pode ter similares*”?

Esta facilidade de nutrientes e a evocação de boa conduta materna, que revestia a aura dos produtos enlatados infantis, proporcionavam às mulheres uma ilusão de liberdade. No entanto, esta ilusão não se dava só em sentido das suas tentativas de encaixe nas

representações de mulher moderna, que, como já vimos, pontuavam os jornais e revistas transformando este público em consumidores ativos dos mais diversos tipos de produtos.

Adicionando-se a esta ilusão, havia outra, mais intrínseca, que, ligada às escolhas alimentares, estabelecia uma ordem filosófica do entendimento que estas mulheres estavam vivenciando de sua liberdade pessoal (e que era tão propagada pelo lado ocidental). Segundo Mintz⁴⁹, há uma intrínseca relação entre o que se escolhe para comer e a liberdade pessoal. Ao se evocarem tais elementos, este entendimento imbricava nas consumidoras dos enlatados um sentimento de libertação adequado ao ritmo de vida que elas vivenciavam, levando-as a optarem pela alimentação enlatada. Enquanto, entre as mulheres daquele período, a lata significava a redenção sem culpa, estabelecia-se um campo fértil para que a indústria desenvolvesse uma das mais significativas metamorfoses das práticas de consumo do século XX. O leite enlatado, um produto desenvolvido para necessidades bélicas, foi transformado num objeto de necessidade diária responsável pelo desmame de milhares de crianças. É sobre os fatores que institucionalizaram estes leites como legítimos para alimentação de bebês, que comentaremos a seguir.

⁴⁹ MINTZ, Sidney. **Tasting Food, Tasting Freedom. Excursions into Eating, Culture and the Past.** Boston: Beacon Press, 1996.

2. COM A LATA NA CABEÇA, LÁ VAI MARIA...

“Emergindo de um pitoresco rendilhado de rios e canais, o que lhe valeria o título de Veneza Americana, muito sofreu o Recife, durante larguíssimos tempos, pela escassez d’água potável, pela má qualidade da água bebida pela sua população.”⁵⁰
(Orlando Parahym)

2.1. O RECIFE E SUAS ÁGUAS: A ‘VENEZA BRASILEIRA’ NÃO É TÃO POÉTICA ASSIM

Não só nos pensamentos femininos as latas estavam presentes. Encimando suas cabeças, o que se podia ver no Recife à época era uma profusão de latas d’água que evidenciavam a precariedade deste sistema de abastecimento na cidade, principalmente nos bairros mais pobres, desprovidos também de sistemas de esgotos. Não conseguindo acompanhar o crescimento da demanda populacional, delineava-se, na jovem metrópole subdesenvolvida, - assim como no restante dos países periféricos - o cenário resultante de uma urbanização desordenada, que acentuava os processos de segregação espacial e exclusão social e impunha uma lógica nada moderna à maioria dos seus habitantes.

Os habitantes do Coque não têm água para beber

Há uma zona no bairro de Afogados, que, pelo aspecto físico-social que apresenta, distancia-se da vista baixa e curta dos homens do governo. É a zona compreendida entre a Ponte de Fernandinho e a Ponte da Gaiola e que é dividida em Ilhas denominadas de Ilha Joana Bezerra, Ilha Pitangueira e Ilha do Coque. Essa parte de Afogados é habitada por cerca de 10 mil pessoas. Homens do povo que habitam um país tão rico e uma capital bastante desenvolvida, mas, a despeito de tudo isto, não possuem água para beber. Entre a soma de problemas que envolve aquela gente numa terrível aflição, o problema da água constitui naquele subúrbio uma mercadoria caríssima e difícil. Custa uma lata do precioso líquido 50 centavos.⁵¹

A relação da “Veneza Brasileira” com as águas nem sempre inspiraria poesias. Segundo o censo, em 1950, o Recife possuía um total de 104.804 moradias. Destas, somente 56.365 possuíam aparelhagem sanitária e menos da metade - 30.319 - possuía água encanada. Diante desta carência, rotineiramente era preciso recorrer a cacimbas que, muitas vezes, ficavam distantes do lugar de moradia, o que, dificultando as condições de acesso, promovia,

⁵⁰ PARAHYM, Orlando. **Traços do Recife:** ontem e hoje. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1978.

⁵¹ A Folha do Povo, 27/10/1955 p. 08.

além da venda da água a preços exorbitantes, o transtorno pela formação de filas de latas a serem abastecidas e o cansaço irritadiço proveniente do peso do vai-e-vem das mesmas sobre as cabeças. Como as brigas e os tumultos eram constantes, aumentavam as reivindicações pela construção de chafarizes. No entanto, segundo a professora Maria de Socorro Abreu, “o abastecimento de água feito dessa forma também deixava muito a desejar. Além de o preço da lata de água ser considerado alto (no início dos anos 50, dependendo do bairro, custava de 40 a 60 centavos).”⁵²

Mesmo nos bairros mais abastados, o problema também era uma constante uma vez que eram recorrentes os personagens que ganhavam a vida vendendo água em carroças de porta em porta, como também empregados carregando latas d’água nos ombros.

Em alguns bairros⁵³ habitados pelas classes mais carentes como Santo Amaro, Casa Amarela, Beberibe, Várzea, Engenho do Meio, Iputinga, Cordeiro, Coque, Afogados, Pina e Imbiribeira, crescentes populações, que não tinham um acesso adequado à água potável, eram expostas à água suja e a um sistema ineficiente de esgotos. Levando-se em consideração a alta densidade populacional destes bairros, ocupados predominantemente por mocambos ou construções precárias, percebe-se como estes fatores expunham milhares de pessoas a fontes de disseminação de ciclos de doenças preocupantes, inserindo-as num lamentável ambiente de insegurança.

João Paulo salta do leito e abre a porta dos fundos do mocambo. O sol bate em cheio no seu rosto magro, moreno, de maçãs salientes. Com seus olhos negros e profundos ele contempla embevecido a maré que nesta hora da enchente avança até a porta do mocambo (...) João Paulo avança água adentro (...) Pára com água à altura dos tornozelos e faz pipi dentro d’água. O jato de urina brilha ao sol como se fora um arco-íris, e, batendo na água, faz um barulho de cascata que parece encher todo silêncio do charco. Este barulho forte de urina batendo na água dá a João Paulo uma satisfação enorme. Sente-se como se fosse um homem porque consegue fazer o mesmo barulho com o seu pipi que fazem os pescadores de caranguejo quando mijam no mangue. Com uma expressão de contentamento João Paulo avança mais para frente, abaixa-se, lava o rosto na água barrenta da maré, retira a ramela dos olhos. Bochecha forte um pouco de água para lavar a boca e depois lança-a longe, fazendo pressão nas bochechas com as duas mãos. A água salta como uma bala caindo a grande distância.⁵⁴

⁵² ABREU E LIMA, Maria do Socorro. “Pela Efetivação dos Direitos das Mulheres: Associações Femininas no Recife dos Anos 50”. In: **Revista Esboços**, V.14, ano.17, 2007, pp. 94-95.

⁵³ O critério para elencar tais bairros partiu da observação das reportagens encontradas nos periódicos pesquisados, em que as referências de precariedade sobre tais lugares aparecem constantemente.

⁵⁴ CASTRO, Josué de. **Homens e Caranguejos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. pp. 28-29.

Ao optar pelo romance, a descrição de Josué de Castro do cotidiano de um menino morador de um dos tantos mocambos da cidade expõe com riqueza de detalhes as condições sanitárias destes ambientes. No trecho selecionado, a água que cerca a casa é utilizada em inúmeras funções: desde latrina até para bochecho. Ao descrever os diversos usos que João Paulo *faz* da mesma água de forma natural, mecanicamente, como o *fazem* os que possuem sistema de abastecimento e esgoto, a narrativa adquire um caráter instantâneo da naturalidade do acordar, urinar e fazer o asseio matinal. Esta forma de narrativa cumpre a função de, primeiramente, aproximar o leitor da realidade destes personagens (para uma melhor capacidade de percepção) para, só posteriormente, chamar atenção para suas misérias, estratégia utilizada para enfatizar a denúncia das duras condições de sobrevivência da maioria da população, que é sentida pelo leitor quando percebida a alteridade na semelhança. As fotografias de época ilustram esta realidade, vivida pelos inúmeros Joões Paulos. Observe:

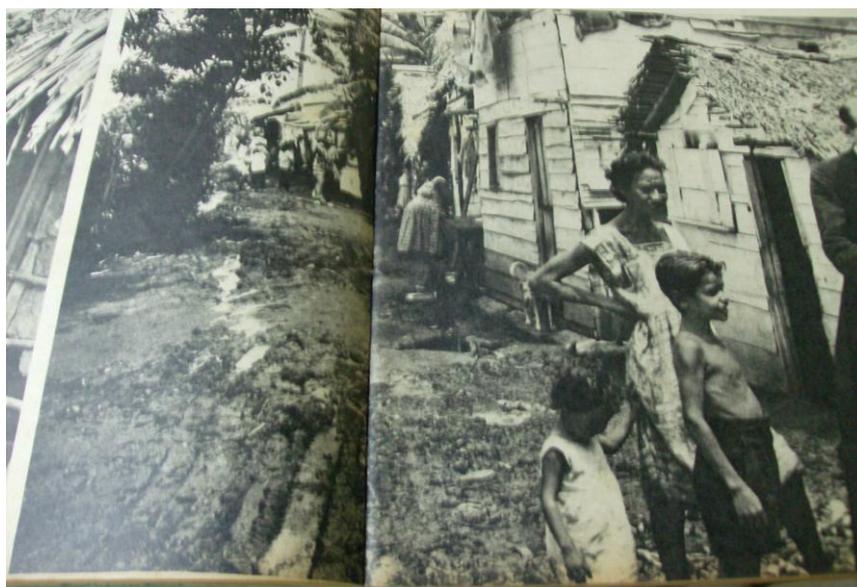


Figura 12: Habitações Precárias no Recife
Fonte: Revista O Cruzeiro, 09/05/1964, pp. 38-39.

Na Figura 12, as precárias condições sanitárias são evidentes. O terreno argiloso e alagado que adentrava pelas casas delineava um quadro favorável para presença de mosquitos, vermes e parasitas. Um terrível espetáculo de desumanidade que exalava um opressivo mau cheiro proveniente da degradação humana. A presença de animais no já diminuto espaço doméstico (ver cachorro na porta atrás do braço da mulher) agravava a falta de higiene.

Assim, as barrigas inchadas das crianças e a esqualidez da mulher eram o retrato destas populações expostas a todo tipo de agentes patogênicos que encontravam, nos organismos já debilitados pela alimentação deficitária em nutrientes, um lar profícuo para sua instalação.

As intermitentes inundações pelas quais passava a cidade em virtude de sua geografia⁵⁵ contribuía para a sobrecarga desta realidade. Inundando tudo o que havia pela frente, as águas misturavam-se ao esgoto, à lama, aos restos de lixo, aos animais e às pessoas, descortinando o caos dos “Anos Dourados”. Por mais moderna que a cidade quisesse aparentar - como demonstrou, espantado, Gilberto Freyre⁵⁶, ao narrar a velocidade dos carros, a pavimentação de ruas e a proliferação dos edifícios - o holocausto social era crescente e demonstrava todas as limitações que “os novos tempos” e a urbanização não conseguiam sustentar.

O objetivo final do desenvolvimento (...) deve ser seguramente a melhoria do que conhecemos como qualidade de vida. E isto não pode ser alcançado somente através do crescimento econômico, especialmente medido pela renda capital nacional. O progresso deve ser humanizado; somente quando considera o ser humano o desenvolvimento pode ser olhado de maneira mais ampla. Vale ressaltar ainda que o desenvolvimento avaliado apenas pelo produto nacional bruto, sem abranger todas as camadas sociais, favorece somente a pequenos grupos.⁵⁷

Apesar dos discursos proclamarem o oposto, a pobreza, as moradias sub-humanas e a insipiente estrutura urbana deixavam evidente o quanto a cidade ainda encontrava-se impregnada de um odor lamacento que a deixava longe da sonhada modernidade. Sem infraestrutura hídrica eficiente, em grande parte responsável pelo saneamento necessário para prevenir doenças e promover a saúde da população, aumentava a possibilidade de encontro das famosas águas do Recife, símbolo da paisagem da cidade, com os despejos e dejetos humanos eliminados nos entornos dos lares devido às atividades normais da comunidade. Isso diminuía a potabilidade e, num círculo vicioso, aumentava as despesas com o tratamento da

⁵⁵ Segundo Josué de Castro, “A cidade assenta nas terras baixas de uma extensa planície aluvional (...) É essa planície constituída de ilhas, penínsulas, alagados, mangues e pauís, envolvidos pelos braços d’água dos rios que, rompendo passagem através da cinta sedimentar das colinas, se espraiam remansosos pela planície inundável. Foi nesses bancos de solo ainda mal consolidado – mistura ainda incerta de terra e de água – que nasceu e cresceu a cidade do Recife, chamada de cidade anfíbia, como Amsterdã e Veneza, porque assenta as massas de sua construção quase dentro da água, aparecendo numa perspectiva aérea, com seus diferentes bairros flutuando esquecidos à flor das águas.” In: CASTRO, Josué de. **Fatores de Localização da Cidade do Recife** – Um ensaio da Geografia Urbana. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948. p.16.

⁵⁶ FREYRE, Gilberto. **Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife**. São Paulo: Global, 2007.

⁵⁷ CHAVES, Nelson. **Nutrição Básica e Aplicada**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985. p. 326.

água, tornando ainda mais inacessível o já ineficaz sistema de abastecimento, que constantemente deixava as poucas torneiras da cidade secas.

Assim, a interação entre água suja e infecção se alastrava e vitimava os organismos mais frágeis das populações carentes: os dos bebês, que, constantemente, por falta de informação das mães ou pelas condições precárias do ambiente, eram postos em contato com a água não potável das mais diversas formas. Desta interação entre água suja e infecção apareceria um grande número de eventos de desnutrição infantil que derivariam em óbitos.

A capital pernambucana desde muitos anos vêm desfrutando uma singular primazia, em paralelo com as cidades do mundo inteiro: o Recife é o centro de população onde os índices de mortalidade infantil são os mais elevados que se conhecem. (...) Há pouco tempo um grupo de nutricionistas da FAO, organização internacional mantida pela ONU para estudar o problema da criança em todos os países, chegou a declarar à imprensa de nossa capital que, em matéria de mortalidade infantil, o Recife só poderia ser comparado a algumas cidades do Sul da África. Daí se conclui que somos, na verdade, um grande cemitério de crianças e não uma cidade civilizada.⁵⁸

Apesar de parecer óbvia, esta equação não se configurou como um evento isolado. Piorou a situação, agravando-a, uma série de fatores, complexos e encadeados, embutidos naquele momento histórico. A soma de todos resultaria em uma lastimável realidade dos infantes de famílias pobres da cidade, fato que colocaria o Recife num elevado porém infeliz patamar das urbes campeãs em mortalidade infantil. A seguir, analisaremos cada um destes fatores.

2.2. ‘MODERNIDADE NA LATA’: A MÍSTICA DO LEITE ENLATADO

A evolução dos conhecimentos científicos e tecnológicos observados em diversas esferas no período pós-guerra⁵⁹ e reforçados, posteriormente, sobretudo pela exploração do espaço, estabeleceu de forma intensa uma relação direta entre os progressos da ciência e o conceito de êxito. Esta ideia era aceita de tal forma que, tanto tentativas frustradas levadas a

⁵⁸ **Folha do Povo**, 13/02/1955 p.1.

⁵⁹ Segundo Hobsbawm, o que “mais impressiona neste período é a extensão em que o surto econômico parecia movido pela revolução tecnológica. Nessa medida, multiplicaram-se não apenas produtos melhorados de um tipo preexistente mas outros inteiramente sem precedentes, incluindo muitos inimagináveis antes da guerra (...) Mais que qualquer período anterior, a Era de Ouro se baseou na mais avançada e muitas vezes esotérica pesquisa científica, que agora encontrava aplicação prática em poucos anos.” In: HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. pp. 259-260.

conhecimento público como questões antiéticas⁶⁰ que porventura fossem suscitadas acerca de possíveis abusos, eram consideradas partes constitutivas do processo e, portanto, reafirmadoras do sucesso desta noção.

Os avanços tecnológicos e científicos na medicina, por exemplo, podem nos retratar o alcance desta influência, uma vez que, além da ideia de progresso, também apontavam, por efeito instantâneo, o desenvolvimento da qualidade de vida como seu principal desdobramento. Esta associação diretiva, no entanto, logo demonstraria sua fragilidade. O alcance do emprego de antibióticos em um público cada vez maior nos serve de ilustração. Sem dúvida, sua aplicação combateu inúmeras infecções que dizimavam milhares de pessoas, mas o êxtase provocado por esta qualidade e expectativa de vida, conseguida via antibióticos, eclipsava os novos e preocupantes problemas decorrentes do seu uso, como o da resistência microbiana e o da baixa imunidade, que deixava os organismos mais suscetíveis a recaídas e a novas infecções. Absortos pelos avanços, muitos consideravam absurdas as restrições às tecnologias da saúde e chegavam a compreender as posições de cautela como pensamento reacionário ao progresso.

Nas ciências médicas os resultados do progresso parecem autolegitimar-se pelos seus impressionantes avanços, fazendo-os adquirir uma auréola mágica e determinista que as coloca acima da razão e da moral (...) Tais potências míticas parecem ocupar o lugar deixado vago pelos feiticeiros e deuses antigos. A razão técnica agora oferece a “cura”, originando uma lógica própria e um poder sem limites.⁶¹

Encontrando forte eco na ciência médica - que, por sua vez, também se fortalecia numa via de mão dupla, em virtude de tal ideia projetar os seus acertos e não repercutir os seus fracassos como tal - a busca pelo progresso via científicidade e tecnologia legitimava-se cada vez mais e arrematava, por analogia, cada vez mais áreas de conhecimento para dentro desta vertente. O “Guia das Mães”, livro não só destinado às mães como também aos profissionais da área de saúde, evocava em sua apresentação a *“era dos satélites artificiais, que simbolizam o extraordinário adiantamento da ciência e da técnica, - e como não podia deixar de ser, também, os progressos da medicina e particularmente os da pediatria.”*⁶²

⁶⁰ O saber científico modelou já no Projeto Manhattan um problema ético. Servindo-se do progresso científico e tecnológico, a humanidade tinha condições de exterminar a si própria.

⁶¹ DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso:** ou o progresso como ideologia. São Paulo: Unesp, 2006. pp. 171-172.

⁶² DOTTI, G.A. **Guia das Mães.** Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1960. p.17.

Dotadas de poder, tais associações invadiam o cotidiano e estruturavam valores e comportamentos.

Explorados também pela publicidade, que anunciava seus produtos como sinônimo de progresso visando o consumidor, estes argumentos encontravam um terreno social fértil. Este processo, combinado com o incremento da industrialização no país, fez a economia dar saltos, o que, contudo, não significou uma melhoria das condições econômicas da maioria da população, mas, sim, o fato de que amplos segmentos sociais⁶³, independentemente do poder de compra, passassem a aceitar esta prerrogativa e, conseqüentemente, contribuíssem para a solidificação de uma verdade que alimentava cada vez mais o crescente styling⁶⁴.

Inseridos nesta lógica, uma gama de bens ganhavam mercado e enraizavam-se socialmente como símbolos de modernidade. Os leites enlatados foram um forte exemplo do nível de consumo alcançado por um produto com base nesta argumentação. Industrialmente confiáveis e selados, os leites condensado e em pó, desenvolvidos em meados do século XIX e já consumidos em virtude da facilidade de sua conservação num mundo sem geladeiras, começaram a ser largamente disseminados para fins de alimentação infantil: *“Está, agora, tão difundida, entre nós, a confiança no leite em pó, que se pode recorrer a êle cegamente não só graças à longa experiência de competentes cientistas, como também devido aos aperfeiçoamentos adotados, ultimamente, pelos estabelecimentos produtores.”*⁶⁵ Certamente, os avanços conseguidos com o desenvolvimento de fórmulas infantis salvou a vida de centenas de bebês por terem indicação precisa àqueles que não possuíam maneiras de se alimentar via amamentação. No entanto, como o percentual destes bebês era (e ainda é)⁶⁶ muito reduzido, as companhias alimentícias resolveram captar mais lucros aumentando o seu mercado consumidor.

⁶³ Principalmente - mas não somente - as camadas médias urbanas que emergiam face ao crescimento das cidades no Brasil.

⁶⁴ Termo utilizado pelos especialistas em marketing e publicidade. Indica a ideia de obsolescências, que podem ser desde funcionais até estéticas. Atualmente, a simples troca das embalagens ou das cores dos aparelhos eletrodomésticos, por exemplo, garante aos produtos uma aura de novidade, alavancando as vendas de “novos produtos velhos” e também alimentando a periodicidade de substituição.

⁶⁵ DOTTI, G.A. **Guia das Mães**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1960, pp.154-155.

⁶⁶ Segundo Marina Ferreira Rea, “há estudos hoje comprovando que é muito pequeno o percentual de bebês que necessitam realmente de tais produtos em substituição ao leite materno.” In: REA, Marina Ferreira. “Substitutos do Leite Materno: Passado e Presente”. In: **Revista de Saúde Pública**. São Paulo: V. 24, no. 03, 1990, pp. 241-249. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v24n3/11.pdf>. Acessado em: 10/04/08.

Produzidos em grande escala e de perecibilidade baixa, eram professados como verdadeira maravilha moderna no quesito confiabilidade de nutrição. Absorvidos como dado cultural, de um período em que o progresso materializava-se em produtos com o carimbo da ciência, estes leites povoavam o imaginário das mães, que acreditavam estar na lata os maiores benefícios alimentares para seus filhos. Ao se industrializar a modernidade, apresentando-a na lata, nascia a mística dos leites enlatados, que em muito contribuiria para o desmame precoce das crianças e, conseqüentemente, para a fragilidade de seus organismos. Apesar de os mecanismos da amamentação concentrarem o que havia (e o que ainda há) de mais sofisticado e eficaz para alimentação de bebês, não era esta a interpretação das mães ao receberem livretos de como proceder para garantir uma boa nutrição do seu filho.

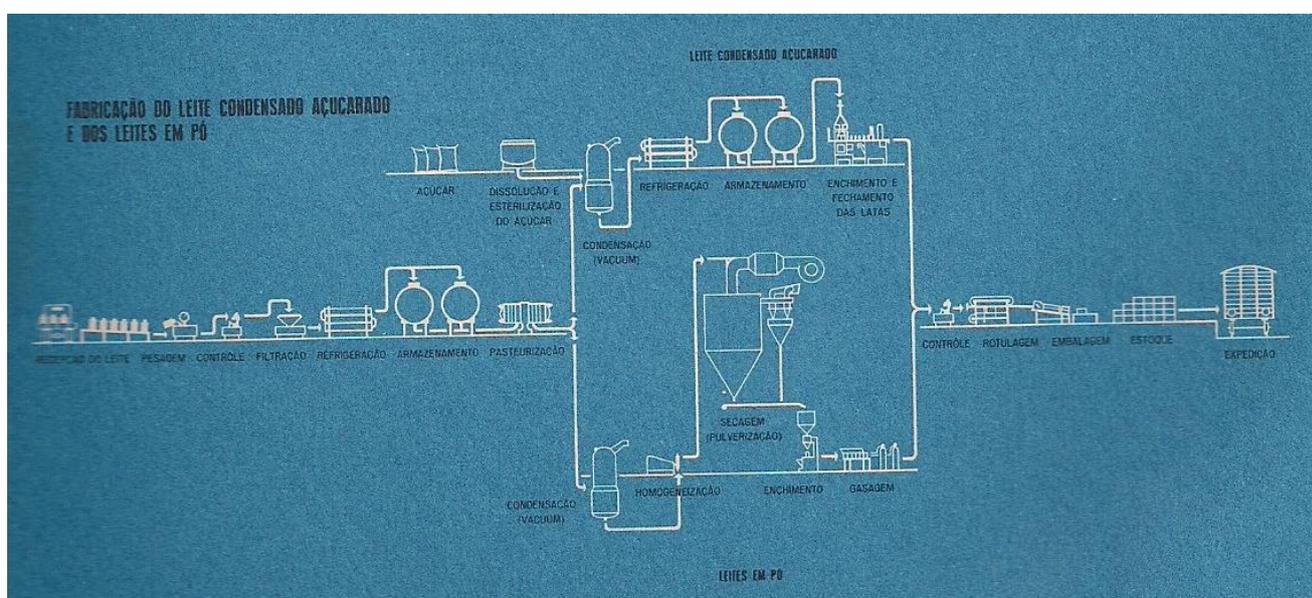


Figura 13: Fabricação de leites enlatados

Fonte: Brochura Nestlé - A Maior das Maravilhas... Meu Filho. Nestlé, 1968. p25.

O esquema acima (Figura 13), retirado de um destes livretos⁶⁷ oferecidos às mães ainda nas maternidades, utiliza imagens representando engrenagens de mecanismos

⁶⁷ Apesar de excelentes estudos em nutrição e em pediatria apontarem para a existência da grande quantidade deste material circulando livremente nas maternidades de boa parte do globo na época, o apetite histórico empurrou-nos numa verdadeira odisséia para que fosse possível termos acesso primário a estas fontes e, conseqüentemente, uma maior possibilidade de interrogá-las. Esta opção de análise forçou-nos a um trabalho instigante de busca por tais documentos. Inicialmente, várias tentativas foram feitas, através de e-mails, com a empresa líder do segmento no mercado, cuja resposta foi de não haver possibilidade de acesso por “não haver material para envio”. Posteriormente, na esperança de conseguir cartazes de divulgação de tais produtos, algumas maternidades da cidade foram percorridas. Novamente, não obtivemos sucesso. Nelas, encontramos a lastimável situação da ausência de preocupação com arquivos de variados gêneros. Para os administradores e

industriais e processos científicos de produção de leites enlatados para estimular a confiança em tais produtos. Segundo Joly, “ao considerarmos uma imagem como uma mensagem visual compreendida entre expressão e comunicação, a conduta analítica deve, de fato, levar em conta a função desta mensagem.”⁶⁸ Um leitor mais inquieto, todavia, poderia suscitar que o patamar de pobreza de muitos habitantes da cidade, como foi apresentado na Figura 12, não permitisse uma interpretação visual desta natureza, podendo, inclusive, evocar para este público leituras de compreensões aleatórias, tais como simplesmente uma série de mecanismos indecifráveis ou a sensação de que sua “simples observação” não “daria conta” daquela *complexidade*. De fato, apesar de tais questionamentos poderem carregar consigo uma aura de preconceito, a questão da posição do espectador há de ser levada em consideração⁶⁹, já que suas condições induzem as representações. No entanto, em face de o contexto em que estas imagens circulavam ser o mesmo, ou seja, o ambiente hospitalar, tal constatação só reforçaria a nossa premissa de que a força da metáfora visual que substituiu os objetos ausentes - no caso as latas de leite - pela ideia de *complexidade* presente nos mecanismos industriais, chegava (mesmo que de diferentes formas) às diversas classes sociais, independentemente do nível de instrução ou econômico. Tendencionando a percepção dos enlatados desta forma, a amamentação, uma prática milenar, parecia aos olhos das mulheres muito menos sofisticada que seus novos concorrentes, fato que, inevitavelmente, estimularia a troca.

Esta confiança da troca ganhava cada vez mais respaldo pelo fato de os livretos serem distribuídos por representantes das indústrias vestidas de enfermeiras, que circulavam livremente pelas unidades de saúde.

responsáveis, além da ausência de espaço físico para dispor de um acervo de tal natureza, a implantação do SUS (Sistema Único de Saúde), em 1990, acarretou a perda ou descarte de muito material e, conseqüentemente, muito da memória da saúde pública do país também. Como, segundo Le Goff, o historiador precisa ser um “andarilho fiel a seu dever de exploração”, era preciso achar outro caminho. Foi assim que a (inicialmente desacreditada) opção da busca em sebos virtuais - “por desencargo de consciência” - acabou por se mostrar reveladora. Lá encontramos uns poucos destes documentos, que foram adquiridos. Desta forma, apesar da pequena quantidade e de a seleção ter se dado pelo critério da disponibilidade, a análise histórica se abasteceu, principalmente pela possibilidade de cruzá-los com outros estudos e com os depoimentos orais colhidos de médicos pediatras que atuavam na cidade naquele período.

⁶⁸ JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. São Paulo: Papirus, 1996. p.68.

⁶⁹ Para reflexão sobre a subjetividade que é empregada ao desentranhar-se a narrativa que uma imagem produz, recomendo a leitura de Alberto Manguel, que afirma que “nenhuma narrativa suscitada por uma imagem é definitiva ou exclusiva.” In: MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens: Uma História de Amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 28.

Vendedoras sem qualificações médicas são contratadas e vestidas com uniforme de enfermeiras, para fazer com que seu trabalho de venda pareça um conselho nutricional. As mães são encorajadas a alimentar seus filhos com mamadeira, enquanto estão amamentando satisfatoriamente, e antes de haver qualquer necessidade de suplemento.⁷⁰

Ao estimular a substituição do ato humano de amamentar, distanciando-se de um eixo racional do ponto de vista nutricional (que está diretamente associado aos parâmetros de desenvolvimento humano segundo a OMS), o sistema econômico dava sua contribuição para o enfraquecimento de um importante conceito universal. E, ainda, descomprometendo-se com as diversas origens das pessoas que teriam acesso a tais materiais, favorecia a diluição destes leites nas águas sujas e contaminadas da cidade, às quais as camadas menos privilegiadas tinham acesso.

Este descomprometimento era visível em tais cartilhas nutricionais, em que as fotografias de bebês aparentemente saudáveis tomando leite na mamadeira invadiam o imaginário das mães complementando a noção de evolução.

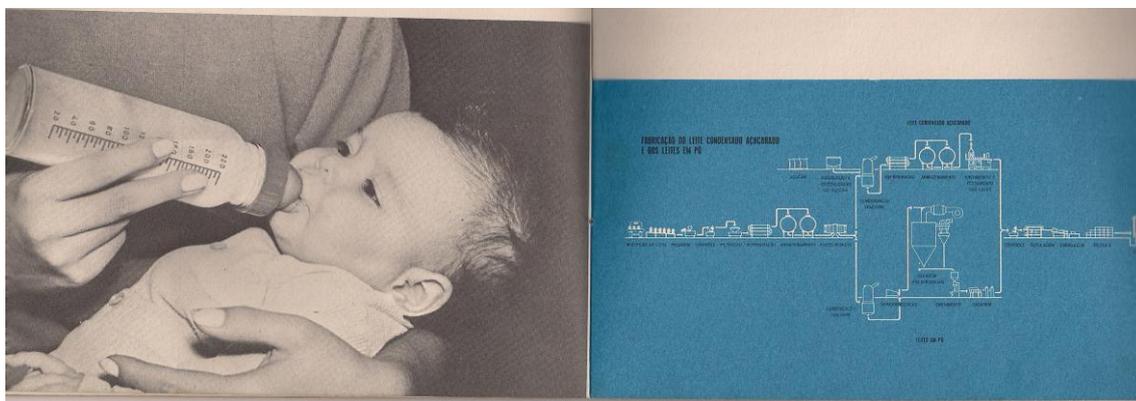


Figura 14: Fabricando a confiança

Fonte: Brochura Nestlé – A Maior das Maravilhas... Meu Filho. Nestlé, 1968. pp. 24-25.

Ao analisarmos a imagem, percebemos que o bebê, enquadrado com a mamadeira, aproximava a espectadora da perspectiva de confiança e de tranquilidade da cena, uma realidade que nem sempre era a mesma pela qual as mães estavam passando, nos primeiros

⁷⁰ MULLER, Mike. **The Baby Killer Scandal** – A War on Want investigation into the promotion and sale of powered baby milks in the Third World. Londres: War on Want, 1974. Tradução Instituto Materno Infantil de Pernambuco – IMIP. Recife: 1995. p.35.

dias de amamentação, principalmente fossem elas primíparas⁷¹. Segundo depoimento oral da dra. C⁷²:

Dá trabalho. A amamentação não é uma coisa simples. A amamentação tem que a mãe se conscientizar que deve amamentar, procurar descansar no período que o nenozinho estiver dormindo, querer, pronto, é querer. Com isso a gente consegue. Agora mesmo, lá no interior, tem uma mãe que, aliás, a mãe é doída de jogar pedra, e ela chegou lá dizendo que não dava, tava dando NAN⁷³. Aí eu disse: ‘-Minha filha, porque você ta dando NAN? -Não, porque não tenho leite.’ Aí eu digo, ‘venha cá’. Aí quando peguei nas mamas dela disse: ‘-Você tem leite suficiente. -Mas olhe dá um trabalho, o menino chora... -Mas vai ser assim, minha filha, tá no primeiro mês de vida você vai, ser mãe é padecer no paraíso.’ Só em eu conversar e mostrar como era, consegui [...] Mas em 50,60, até eu mesmo não tinha esta convicção. Sabia que a amamentação era outra coisa, mas não via ainda um incentivo assim. Dentro de mim mesmo, eu não sentia isso [...] Nem eu conversando, eu não conseguia porque muitas reclamavam [...] ‘-Quando eu amamento, sinto dor na barriga, sinto dor no peito’.⁷⁴

Desta forma, ao emparelhar a imagem do bebê robusto à de um complexo sistema, de maneira sutil mas eficientemente, reforçava-se o mito da superioridade de tais produtos. Neste jogo de sinais, vários elementos ainda contribuíam para reforçar esta ideia. A intensa exploração visual da brancura dos leites industrializados exemplifica como a pureza⁷⁵ destes alimentos adquiria credibilidade. De acordo com a dra. C, no momento em que ela relembra as dúvidas freqüentes das mães, comenta: *“Tinha mãe que achava que o leite era fraco, porque era muito claro.”*⁷⁶ Assim, enquanto por trás dos leites enlatados parecia haver uma bela aura de brancura capaz de trazer o vigor e a calma, a cor do leite materno, quase

⁷¹ Termo científico para aquela que pare pela primeira vez.

⁷² Todos os depoimentos orais concedidos pelos médicos pediatras que atuavam na cidade à época foram previamente autorizados pelos mesmos a serem gravados digitalmente e reproduzidos para fins acadêmicos, desde que fossem preservadas suas identidades.

⁷³ Segundo Serviço de Informação Científica Nestlé, trata-se de um leite em pó modificado, com proteínas adaptadas, “indicado para alimentação do lactente sadio, durante os seis primeiros meses de vida”. In: **Nestlé. Linha Pediátrica. L. Ped – OL/LA CN. p. 7.**

⁷⁴ Entrevista dra.C. 27.12.10 – IMIP.

⁷⁵ Segundo Sidney Mintz, a ideia de pureza do branco, nestes casos, remete tanto àquilo que é natural como àquilo que é científico, pois estaria ligada ao aspecto da segurança. Em seus dizeres: “A moments reflection reveals that both of these meanings of “pure” are correct, though they are significantly different. By ‘pure’ we do mean natural, unspoiled, simple, earthy. But by ‘pure’ we also mean safe, biologically cleansed, scientifically aseptic, germ-free.” (“Uns momentos de reflexão revelam que ambos os significados de ‘puro’ são corretos, embora significativamente diferentes. Quando utilizamos ‘puro’, queremos dizer algo natural, não manchado, simples, da terra. Mas, por ‘puro’ também queremos dizer algo seguro, biologicamente limpo, cientificamente asséptico, sem elementos de contaminação.”) In: MINTZ, Sidney. **Tasting Food, Tasting Freedom. - Excursions into eating, culture and the past.** Boston: Beacon Press Books, 1996. p. 85.

⁷⁶ Entrevista dra. C, 27.12.10 – IMIP.

transparente⁷⁷ se comparado ao leite de vaca, suscitava, ao contrário, a impressão de fraqueza⁷⁸ entre as nutrizes.

Esta sensação do poder de nutrir e acalmar, gerada pela força da penetração dos enlatados, fortalecia-se não só pela insegurança das parturientes de seu leite não ser suficientemente bom, como pela constatação das mães de ser maior o tempo em que os bebês ficavam sem se alimentar (portanto sem as solicitar) quando lhes era fornecida a mamadeira. Segundo Paulo Roberto Lopes, isto acontece porque o leite materno é formado principalmente pela proteína albumina, “de alto valor biológico e fácil digestão e absorção, ao contrário da proteína do leite de vaca – a caseína – que forma um coágulo duro no estômago do bebê, de difícil digestão e responsável pelo ressecamento das fezes (prisão de ventre).”⁷⁹ No entanto, a leitura induzida feita por grande parte das mulheres era a de que a qualidade do seu leite era inferior. Somada à grande comodidade de utilizar tais produtos, este argumento colaborava sobremaneira para a penetração cada vez mais maciça dos seus substitutos nas cenas dos infantes, afinal, como reconhece a dra. C e também mãe, “*Dá trabalho. A amamentação não é uma coisa simples.*”

Não tardou, então, para que as propagandas criassem mais demanda para estes produtos e enchessem os espaços destinados à publicidade nos jornais e revistas da época. Ao estabelecer um mercado vantajoso, multiplicavam-se as ofertas de fórmulas de leite nas versões modificadas, acidificadas, hidrolisadas, enriquecidas, desnatadas, integrais, semidesnatadas. Sob o signo do progresso e dirigindo-se diretamente ao público feminino, tais propagandas abusavam da ideia de modernidade sob os estereótipos de praticidade, rapidez e garantia tal como demonstra a imagem abaixo:

⁷⁷ Menos concentrado que o leite de vaca, o materno adquire esta coloração quando maduro. Vale ressaltar que, na primeira semana, a coloração do leite materno também não é branca, mas amarelada, pegajosa e espessa, o denominado colostro, insubstituível alimento do recém-nascido.

⁷⁸ Em relação a esta questão, Clotilde Tavares comenta que “foi descrita na literatura médica uma síndrome denominada de “síndrome do leite fraco”, figurando entre suas características além de sensação de inferioridade e/ou solidão materna, sensação materna de que seu leite é insuficiente e “fraco” para o bebê.” TAVARES, Clotilde Santa Cruz. “Aleitamento Materno”. In: **Coleção Textos Acadêmicos**. No.97. Natal: PRAEU, 1982, p.45.

⁷⁹ LOPES, Paulo Roberto. “As Vantagens da Amamentação – Por que Amamentar?” In: DIAS REGO, José (Org.) **Aleitamento Materno** – Um guia para pais e familiares. São Paulo: Atheneu, 2008. p. 8.



Figura 15: Propaganda Leite Ninho
Fonte: Diário de Pernambuco, 04/11/1959, p.02.

Nesta imagem, que ocupava $\frac{1}{4}$ da página do periódico, a lata aparece em destaque ao centro e na altura dos seios que são escondidos pelas mãos. Tal representação sugeria sutilmente a confiabilidade da troca pelo produto, reafirmada pelo olhar maternal da personagem que não era uma mãe “à moda antiga” tendo em vista os cabelos curtos, o esmalte escuro e a camisa de corte masculino, elementos sugestivos de uma nova época. O slogan abaixo da mulher indicava o comportamento a ser seguido uma vez que o leite em questão era transmitido como “o melhor do mundo!”. A lata maior, à direita, com tampa reluzente, rótulo e selo de garantia abaixo transmitia o ideal moderno industrial de um produto puro. O texto publicitário em letras menores trazia informações suplementares de reforço da imagem e indicava a necessidade cotidiana do produto: “*um leite sempre fresco porque tem consumo tão intenso que os estoques estão sendo sempre renovados*”. Todos estes signos traziam em si um forte apelo e incentivavam a adoção deste hábito alimentar.

Segundo Baudrillard, a onipotência dos signos presentes nos objetos é capaz de refletir antecipadamente uma grande satisfação⁸⁰. Em virtude do corrente argumento do progresso, uma espécie de constrangimento pela inércia do não consumir alavancava o consumo dos leites enlatados na cidade. Milenares fornecedoras de leite paradoxalmente transformavam-se em grandes consumidoras, para apropriar-se também da modernidade e de uma proposta de “novo” modelo feminino.

Mas não só as mulheres foram convencidas. A força da argumentação científica espalhava-se sem precedentes. Mesmo com a consciência sobre a importância nutricional e o valor incomparável do leite materno, coube também à respeitada e influente classe médica dar respaldo, por diferentes razões, a esta prática. É sobre esta questão que trataremos a seguir.

2.3. ‘O DR. DISSE QUE É BOM’: O DISCURSO MÉDICO SOBRE OS LEITES INDUSTRIALIZADOS

A fim de explorarmos, com maiores subsídios de análise, como a mística dos leites enlatados foi reconhecida e assimilada pela sociedade, superando a prática do aleitamento nos anos 50/60, optamos por incorporar à nossa pesquisa historiográfica também o método da História oral. A opção por este método deveu-se, sobretudo, pela possibilidade de constituirmos a partir dele uma fonte de riqueza inesgotável acerca do assunto por meio do diálogo com os depoimentos orais prestados por médicos-pediatras⁸¹ que atuavam na cidade naquela época.

⁸⁰ BAUDRILLARD, Jean. Op.cit.

⁸¹ A escolha dos entrevistados foi orientada pela procura dos profissionais que, no recorte temporal da pesquisa, fossem médicos ou estudantes dos últimos anos de Medicina (acompanhado de preceptores na rotina das unidades de saúde), e que estivessem disponíveis e em condições físicas e mentais de oferecer-nos seus depoimentos. A lista dos prováveis entrevistados continha no projeto da pesquisa sete profissionais, mas circunstâncias adversas tais como o excesso de ocupação, a negativa em prestar depoimento ou complicações na condição de saúde, reduziram o número de entrevistados a quatro: três homens e uma mulher (dr. A, dr. B, dra. C e dr. D). Eles não foram identificados, para que fosse preservada a sua identidade. Um dos entrevistados, dr. A, por ter trabalhado mais ativamente na zona da mata, deu-nos parâmetros comparativos em relação à realidade urbana, mas não foi citado. A redução de entrevistas não afetou a condição da pesquisa, uma vez que os critérios levados em consideração não eram quantitativos. A opção por médicos-pediatras se deu em virtude de estes profissionais poderem fornecer depoimentos significativos sobre o que se pretendeu investigar - saúde e nutrição dos bebês. Por estarem em um papel estratégico, de contato direto com mulheres de diversas classes sociais, em iminência de parir, ou que chegavam às unidades de saúde com bebês pequenos, os médicos puderam oferecer informações importantes acerca do universo hospitalar e feminino da época. Ademais, por fazerem parte de um

A chance de ampliar nossa capacidade interpretativa sobre o passado, com as versões narradas pelos atores sociais, desvendou um fato que chama a atenção: a prática e o discurso médico-pediátrico daquele período também acabaram por fortalecer a mística dos leites enlatados. No entanto, nos discursos médicos, é perceptível a atuação de filtros, na construção da memória coletiva⁸², que reelaboram estas questões e justificam como legítimos os posicionamentos tomados naquela época. Por meio de palavras, a narrativa atende a desejos do presente. Segundo Portelli, *“Isto deriva sobretudo do fato de que a memória não é um ato imediato e binário de retirada de informações já formadas, mas um processo múltiplo de produção gradual de significados, influenciado pelo desenvolvimento do sujeito, pelo interlocutor e pelas condições do ambiente.”*⁸³

Não tinha esta situação de alimentação materna porque a Nestlé era quem era a dona da bola, então todas as mães, eu mesmo recebi, recebi quando nasceram meus filhos, eu recebia lata de leite direto. Então realmente não havia incentivo à alimentação. Eu amamenteei, mas não amamenteei muito, não (...) E quando encerrou, acabou o leite. (...) Tinha que fazer artificial. (...) Na minha época não tinha incentivo nenhum à amamentação. Talvez eu tivesse continuado, mesmo trabalhando eu tivesse continuado se houvesse incentivo, porque já minha filha trabalhava e ela mesmo colhia o leite e deixava, e eu não né?! (...) Eu fui incentivada a usar o leite de lata, chegou o ponto em que eu uni o útil ao agradável. Atualmente não, o incentivo é total.⁸⁴

Tem as mães que não têm leite, tem as mães que têm problemas, então o leite infantil da Nestlé e de outras companhias, mas sobretudo da Nestlé, que é muito parceira da pediatria, tem que vender mesmo. Agora, que ela tem um papel de grande destaque no crescimento da pediatria brasileira, isto tem porque ela apoiou muito e ainda hoje apoia muito congresso, muito aperfeiçoamento, não é? Palestra... Então, crescemos muito através desta companhia parceira.⁸⁵

As narrativas transcritas acima oferecem uma importante reflexão sobre o fato de que, apesar de a amamentação ser uma função biológica, a forma determinante de praticá-la é social. Isto significa que o sucesso da amamentação não depende somente da capacidade de secretar leite – o que não é problema para a maioria das mulheres – nem da capacidade de

grupo visado pelas empresas alimentícias que desenvolviam os leites enlatados, também estavam aptos a esclarecer questões sobre estes produtos e os meios utilizados para difundir-los. Cruzar estes depoimentos com os de mulheres que tiveram filhos no mesmo período seria uma alternativa interessante não fosse o apertado cronograma de uma pesquisa de mestrado.

⁸² Apesar de toda memória ser individual, “- pessoas e não grupos se lembram –“ cada indivíduo extrai memória de uma variedade de grupos e as organiza de acordo com o tempo histórico. “Assim, a memória é social e pode ser compartilhada, razão pela qual cada indivíduo tem algo a contribuir para a história social.” In: PORTELLI, Alessandro. “O Massacre de Civitella Val di Chianna (Toscana, 29 de Junho de 1944): mito e política, luto e senso comum”. In: FERREIRA Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.127.

⁸³ PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p.72.

⁸⁴ Entrevista dra. C, IMIP, 27/12/10.

⁸⁵ Entrevista dr. B, Shopping Plaza, 19/05/10.

sucção dos bebês, mas, sim, primordialmente, das informações que as mães têm sobre o processo e também do seu desejo, que será maior quanto mais for reconhecido socialmente o papel insubstituível desta nutrição. Assim, podemos afirmar, com base nos depoimentos, que a força e o poder atribuídos por muitos membros da classe médica à Nestlé contribuíram para legitimação do discurso da companhia industrial em relação à supremacia dos enlatados. Isto não significa, contudo, que estes profissionais de saúde estimulassem a permuta do leite materno pelos leites industrializados. Mas, ao considerarem estes produtos como alternativa confiável, em virtude da intensa atividade científica da empresa, influenciavam o enfraquecimento do discurso sobre a superioridade da amamentação.

Certamente, não cabia só aos médicos a responsabilidade pelo incentivo à prática do amamentar. Além do apoio do Estado, uma necessidade da qual falaremos mais tarde, -a ação das enfermeiras-, por exemplo, também tinha um papel fundamental, assim como a colaboração dos familiares. No entanto, ainda que partíssemos do pressuposto de ter havido esforços positivos de incentivo provenientes destes personagens, os médicos, por estarem em lugar de destaque e de decisão nas questões relacionadas à saúde, constituíam elementos de referência não só para as mães, mas para esses outros sujeitos. O status conferido à classe médica, reforçado ainda pelas roupas brancas, os instrumentos para exame e um vocabulário diferenciado que lhe abrilhantam o título, constitui elemento que fortalece sobremaneira a confiança na sua prática. A respeito disso, comenta Bourdieu:

À palavra autorizada da competência estatutária, palavra poderosa, que contribui para fazer o que ela diz, responde o silêncio da incompetência não menos estatutária que, vivenciada como incapacidade técnica, condena à delegação, o *desapossamento irreconhecido* e reconhecido dos menos competentes em favor dos mais competentes, das mulheres em favor dos homens, dos menos instruídos em favor dos mais instruídos, daqueles “que não sabem falar” em favor daqueles “que falam bem”. (...) O diploma escolar (e a cultura, supostamente, garantida por ele) é tacitamente considerado – tanto por seus detentores, quanto pelos outros – como um diploma legítimo para exercer a autoridade.⁸⁶

A sensação de acordo natural resultante de relações deste gênero incorria, neste caso, tanto na conservação da tradição médica como na incorporação do seu poder. Ao identificar um terreno fértil não só para disseminação de seus produtos, mas também para uma via de certificação dos mesmos, aproveitando-se da posição respeitável dos profissionais médicos, a Nestlé, como representante exemplar destas indústrias alimentícias, realizava investimentos

⁸⁶ BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo. Edusp, 2008. p. 387.

entre e através deste público a fim de garantir maiores fatias no mercado. O Recife estava entre as capitais importantes do país.

Com o habitual sucesso dos anteriores, realizados no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Salvador e Belém, teve lugar em Pôrto Alegre, de 5 a 18 de abril último, o VI CURSO NESTLÉ DE ATUALIZAÇÃO EM PEDIATRIA, auspiciado pela Sociedade Brasileira de Pediatria. (...) Oferecendo o Curso que então se iniciava, aos médicos que ali se encontravam para dêle participarem como alunos, o nosso Diretor Geral pronunciou: ‘Estudar e Trabalhar, Lutar e Construir para assegurar a felicidade da criança constitui o verdadeiro objetivo deste sexto Curso Nestlé de Atualização em Pediatria.(...) Mencionando a gratidão da Companhia Industrial e Comercial Brasileira de Produtos Alimentares – Produtos Nestlé às entidades que auspiciaram o Curso e quanto significa para seu êxito o apóio das mesmas e das Cátedras pediátricas do país, bem assim agradecendo aos Professôres que vinham ministrar as aulas e conferências, o Sr. O. Ballarin apresentou boas vindas aos médicos bolsistas, que dos laboratórios, dos consultórios, dos centros educacionais, dos gabinetes, aqui se vieram congregar. (...) Representando a Sociedade Brasileira de Pediatria falou o seu Vice-Presidente Executivo, Dr. Walter Telles, enaltecendo a obra de colaboração pediátrica que estes Cursos representam e congratulando-se com a útil iniciativa da Companhia Industrial e Comercial Brasileira de Produtos Alimentares – Produtos Nestlé do Brasil.⁸⁷

De fato, estes investimentos em forma de congressos, encontros e seminários, que reuniam grande público de profissionais pediátricos, inegavelmente contribuíam para o desenvolvimento da ciência médica, uma vez que favoreciam a troca de experiências e conhecimentos entre os profissionais das diversas regiões do país e também de outros países. O extenso conteúdo publicado nos Anais Nestlé confirma essa afirmativa. Com discussão de casos raros e incentivando também artigos sobre casos cotidianos, uma extensa bibliografia era citada. Este sentido profícuo, ressaltado no trecho destacado do Vice-Presidente Executivo da Sociedade Brasileira de Pediatria, também apareceu nos depoimentos orais colhidos para nossa pesquisa:

O que eu aprendi, eu aprendi aqui (referindo-se ao IMIP). A universidade faz a gente aprender a estudar. A universidade não prepara para a prática. A gente sai cru, cru, cru. Então ele (referindo-se ao professor Fernando Figueira⁸⁸) ele promoveu minha

⁸⁷ NESTLÉ. “Gastroenterologia Infantil e Doença Citomegálica de Inclusão”. In: **Anais Nestlé**, no. 58. 1959. pp. 114-119. É necessário referenciar nesta nota que as páginas 114, 115 e 118 são ocupadas por fotografias do encontro.

⁸⁸ O professor Fernando Figueira é uma referência no cenário médico pernambucano por ser um dos fundadores do IMIP (Instituto Materno Infantil de Pernambuco). Este complexo hospitalar foi considerado em 1992 o “Primeiro Hospital amigo da Criança” no Brasil pelo sucesso com o aleitamento materno. Em todos os depoimentos orais colhidos entre os médicos, o nome do professor Fernando Figueira aparece logo em resposta diante da pergunta sobre a rotina médica dos doutores, mostrando a influência por ele exercida no “praticar a medicina” daquela geração. Digno de nota o fato de ele ser lembrado com um imenso carinho e respeito, além de ser referenciado constantemente como uma figura à frente do seu tempo, principalmente por instituir como prerrogativa de trabalho a obrigação dos médicos em tratarem indistintamente bem os pacientes de diferentes classes, sob pena de desligamento da unidade de saúde caso descumprissem a indicação. Foi durante o exercício

ida para São Paulo, passei três meses em São Paulo, (...) cursos de Nestlé, todos os cursos ele me colocava, era uma maneira de me promover. (...) De um grupo assim de 59, 60 só tinha eu (de mulher), então eu era 'a menina dos olhos', não só dele como também de toda equipe. Então eles investiram muito em mim.⁸⁹

Poderíamos, então, afirmar que, de acordo com os depoimentos médicos, estes cursos representavam um ganho, oportunidades para importantes discussões acerca do conteúdo do seu ofício. Enquanto, por um lado, os pediatras se beneficiavam destes momentos e, provavelmente, os *aproveitassem* para expor suas contribuições e obterem reconhecimento no meio científico, a indústria, por sua vez, *aproveitava* estas ocasiões para tentar obter retorno dos seus investimentos.

As somas gastas nestes encontros frequentes reflete, do ponto de vista do capital, a aplicabilidade da lógica do retorno investido. Em um dos Anais de congresso publicados pela empresa, expressou o diretor geral ser:

Grato e jubiloso para nós continuarmos a cooperar com a Pediatria nacional em todas as oportunidades como: Congressos de Medicina, Jornadas Pediátricas, Seminários de Nutrição Infantil e Cursos de Atualização em Pediatria, em que a missão dos mitigadores dos males infantis necessita ser auxiliada pela ação da indústria não só pelo que a nossa parte pode representar de ajuda material, mas pelo carinhoso e cívico objetivo de ajudar a criança brasileira.⁹⁰

Aos olhos médicos, e a partir do discurso do diretor geral da empresa que evidenciava a ajuda material, o patrocínio no que concerne a passagens, hospedagens, alimentação, durante até 15 dias, para grupos de centenas de médicos de várias capitais do país, representava a preocupação da empresa em desenvolver, cada vez mais, produtos mais especializados, sendo para isso necessário o investimento em tais estudos. De fato, isto ocorria: os substitutos do leite humano especializavam-se e ficavam cada vez melhores, muito embora permanecessem aquém dos benefícios do aleitamento materno⁹¹. *“Houve um avanço muito grande realmente, nutrição infantil houve um avanço muito grande, gastroenterologia, dieta, muito grande. Hoje a medicina, pode-se dizer que está num patamar de estabilidade em*

de sua função como Secretário de Saúde do Estado que, por resolução da Portaria No.99, publicada no Diário Oficial de Pernambuco de 03.12.1974, no seu artigo 1º, proibiu-se a distribuição direta de leite em pó às mães de recém-nascidos, nos hospitais e unidades de saúde pertencentes ao Estado de Pernambuco e entidades que lhe fossem vinculadas.

⁸⁹ Entrevista dra .C, IMIP, 27/12./10.

⁹⁰ NESTLÉ. Gastroenterologia Infantil e Doença Citomegálica de Inclusão”. In: **Anais Nestlé**, no. 58. 1959, p. 125.

⁹¹ Não só do ponto de vista nutricional, imunológico, como também do ponto de vista afetivo-emocional.

*muita coisa porque avançou muito nestes 40 anos de medicina, quase 50.*⁹² Destacada pela memória entre as evoluções do período, concluímos que, de fato, a imagem dos leites enlatados estava ligada à imagem do desenvolvimento, da evolução científica e, portanto, merecia credibilidade.

Por outro lado, a possibilidade de a empresa obter lucros, utilizando-se indevidamente da relação com a classe médica a fim de supervalorizar tais produtos, ou era subestimada ou incorria numa prática de negação ou silenciamento, que ficam visíveis nos depoimentos orais.

Não, não, não, não. Rigorosamente não. Repartição, essa coisa não. Deturpação, decepção, merece punição severa. Em pediatria não acontece mais! Em pediatria não. Pediatria é uma especialidade pobre e justamente hoje a dificuldade de estar formando pediatras é grande. Tem pediatra e tem “mediacha”, mas tem muito pediatra bom. Entendeu? O que ganha dinheiro da consulta e a consulta é barata. Agora, quando tem procedimentos de ortopedia, de próteses, de oftalmologia que tem lente, gente que bota stent⁹³, estas coisas, aí vem realmente esta parte de comercialização.⁹⁴

A ambiguidade da memória em evocar a negativa e, posteriormente, afirmar que “*não acontece mais*” revela um ponto de conflito entre as possíveis percepções da parceria médicos-indústria e descortina a existência da diferenciação dos tipos profissionais: “*tem ‘mediacha’, mas tem muito pediatra bom*”. O desvio do foco para outras especialidades na atualidade também demonstra que a associação da prática da medicina com atitudes consideradas antiéticas – “*merece punição severa*” – é vista como um problema para a credibilidade da imagem médica.

Em função disso, muitas vezes a indústria chegava a explorar o discurso científico, fundamentado por pesquisas, para aproximar-se da classe médica.

No período compreendido entre 1952 e 1955, o autor observou 59 prematuros, dos quais 26 foram alimentados com leite materno cru e 33 com leite acidificado Pelargon. Nos primeiros, o aumento ponderal diário foi de 10g em média, com o mínimo de 1,81g por dia e o máximo individual de 30g. Os prematuros que recebiam Pelargon progrediram mais satisfatoriamente; não se observou qualquer inconveniente com esta alimentação. A taxa média de aumento diário é de 13,33g com um mínimo de 3g e um máximo de 45g. Esta é a razão porque o autor considera

⁹² Entrevista dr. B, Shopping Plaza, 19/05/10. Observe que neste trecho há um erro matemático (uma vez que estávamos focados nas décadas de 50 e 60) na contagem dos anos que ocorre devido ao fluxo da memória.

⁹³ Stent é uma endoprótese expansível, frequentemente utilizada para aliviar o fluxo sanguíneo diminuído dos órgãos devido a uma obstrução, para que tenham aporte adequado de oxigênio.

⁹⁴ Entrevista, Dr.B, Shopping Plaza, 19/05/10.

o Pelargon como o alimento adequado ao prematuro, no qual consegue aumentos ponderais superiores aos obtidos com o leite materno.⁹⁵

A publicação científica encontrava respaldo na prática porque, segundo os próprios médicos entrevistados, o leite de vaca engorda mais que o leite materno, por ser “*leite para bezerro*”, mais calórico. Todavia a descrição, a forma como eram apresentados tais trabalhos comparativos, favorecia sobremaneira o uso dos substitutos. Ao cercear sutilmente o seio, os enlatados ganhavam um território cada vez mais amplo.

Uma das evidências desse favorecimento é o fato de o ganho de peso dos bebês ser um fator de relevo na prática médica da época. Concursos de robustez eram julgados por pediatras, assim como muitos livros de referência no ramo, como o ‘Guia das Mães’ do Dr. Wittrock⁹⁶, recorrentemente publicavam fotografias enviadas pelas mães, nas quais elas se regozijavam da beleza e principalmente do peso dos filhos em virtude de terem seguido os conselhos dos manuais.

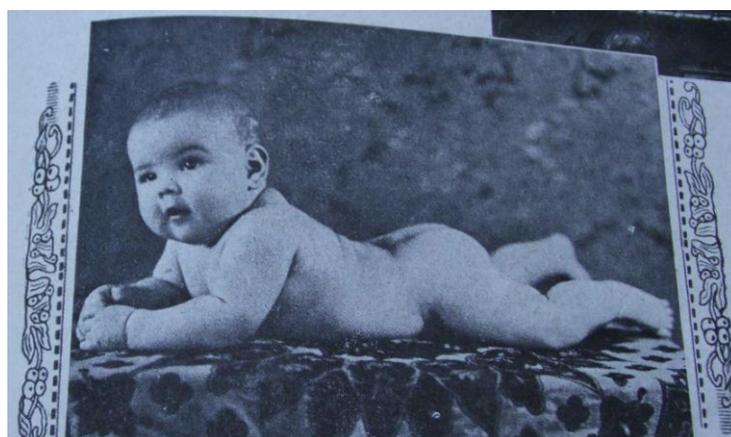


Figura 16: A beleza no peso
Fonte: Guia das Mães do Dr. Wittrock. Rio de Janeiro, 1947. p.211.

A imagem acima, promovendo um bebê gordo, acompanhava a seguinte legenda:
“Seguindo escrupulosamente as indicações do seu utilíssimo livro, tive a satisfação de observar magníficos resultados no desenvolvimento de minha filhinha, que com cinco meses

⁹⁵ NESTLÉ. “Gastroenterologia Infantil e Doença Citomegálica de Inclusão”. In: **Anais Nestlé** no. 58. 1959. pp.105-106.

⁹⁶ Este médico desenvolveu uma farinha nutritiva para crianças, de anúncios muito presentes na publicidade do Diário de Pernambuco, que ele propagandeava como “a melhor para engordar e fortalecer as crianças”.

atingiu o peso de nove quilos.” Servindo-se de parâmetros de beleza institucionalizados para crianças, a cientificidade apoiava-se no argumento de desenvolvimento corporal via fórmulas infantis, e com isso, ganhava cada vez mais respaldo. Percebendo nele um grande veio, as indústrias mais uma vez tratavam de fortalecê-lo, promovendo sobremaneira os mencionados congressos.

Uma das mais expressivas consequências sociais deste culto exacerbado à ciência foi o descrédito dado aos conhecimentos que não tinham o aval do saber pelos meios institucionalizados da educação formal. É neste tocante que podemos inserir a intensificação da ideia de medicalização do parto, que também interferiria negativamente no desmame precoce.

2.3.1. PARTEIRAS E ALEITAMENTO, MÉDICOS E BERÇÁRIOS

Em razão do culto à ciência, o discurso higienista do começo do século ganhava cada vez mais força, o que, conseqüentemente, dava fôlego à ideia do parto como algo complexo para que ocorresse em ambiente doméstico. Deste modo, apesar de o trabalho das parteiras não ter caído em desuso e ainda ser recorrente, em virtude inclusive de os serviços de saúde serem muitas vezes ineficientes, o que se observou na cidade foi a presença cada vez mais constante dos médicos na assistência ao parto, fato que impulsionava muitos nascimentos para o ambiente hospitalar.

Esta prática, estimulada pela ciência médica, esbarrava na falta de estruturas hospitalares adequadas. Em um Recife que crescia de forma acelerada, eram constantes as reclamações sobre a ineficiência dos sistemas públicos de saúde. *“Abandonada completamente a população do Morro da Conceição. No posto de puericultura só há um médico.”*⁹⁷ Toda esta falta de estrutura ficou evidente nos relatos, especificamente na passagem de uma entrevista, em que, com o gravador desligado a pedido do próprio entrevistado, foi revelado um cotidiano estudantil que mesclava teoria e prática entre aulas de anatomia e práticas obstétricas. Como o fluxo de parturientes era grande, segundo o relato, nem sempre era possível lavar as mãos, o que ocasionava a disseminação de muitas infecções.

⁹⁷ **Folha do Povo**, 08/07/1955, primeira página, manchete.

Ou seja: a existência de um discurso higienista não garantia a sua prática. Obliteradas pelas benesses do progresso, simples práticas higiênicas foram ignoradas. No entanto, como o higienismo alavancava a posição científica, muitas mulheres devem ter sido expostas a esta situação anti-higiênica.

A recorrente presença de parteiras nos hospitais demonstra como o pensamento científico sobrepujava-se. Ocupando ali um lugar secundário na assistência ao parto em virtude do discurso científico alocar o seu saber simplesmente como “prático” e, portanto, não oficializado, as parteiras passavam a ser encaradas como ajudantes e não mais como protagonistas da arte do partejar.

Havia era o seguinte: todas as maternidades, públicas e privadas tinham parteiras de plantão. A vida do médico obstetra era muito ocupada como é até hoje e por exemplo, a mulher deflagrava trabalho de parto e dizia, corra, vá para a maternidade Frei Terrinho. E lá tinha a parteira de plantão que tomava as primeiras providências ou fazia o parto até o médico chegar. Todas as maternidades tinham as parteiras: Nossa Senhora de Fátima, Frei Terrinho. Depois com a evolução, estas parteiras perderam o status.⁹⁸

Na maternidade setenta por cento quem fazia os partos eram as parteiras e a gente ficava supervisionando e muitas vezes elas sabiam mais que a gente. [Risos] como estagiários né? E só nas cesárias que havia indicação nossa, ou seja do plantonistas médicos ajudávamos na cirurgia. Eu nunca fiz cirurgia, porque não dou para cirurgia, então ficava na anestesia. Não sei como não matei muita gente. Na época era éter. Lá na maternidade da Encruzilhada era no éter .⁹⁹

Transformado o parto num evento hospitalar, reforçava-se a hierarquia médica colocando-os numa posição de privilégio por acumular o que Bourdieu¹⁰⁰ chamou de “capital cultural”, ou seja, os saberes e conhecimentos reconhecidos por diploma, e o “capital simbólico” ou seja, o prestígio. Desta forma, para a mãe atendida, o saber do médico “*que era muito ocupado*” ou que “*ficava supervisionando*” impunha uma visão de reconhecimento. Assim, a inabilidade médica é justificada ou pela falta de prática “*como estagiários né?*” ou pela falta de material adequado, “*na época era éter*” e não pela forma parcial de atendimento que deixava a desejar questões importantes da subjetividade da mulher, que seriam definidoras de uma prática eficiente de aleitamento.

O parir em casa, um ritual eminentemente feminino, comandado pelo saber das mulheres e de parteiras que incluía total assistência em relação à mãe e ao filho,

⁹⁸ Entrevista dr. B, Shopping Plaza, 19/05/10.

⁹⁹ Entrevista dra.C, IMIP, 27/12/10.

¹⁰⁰ Bourdieu, **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo. Edusp, 2008.

gradativamente perdia espaço para o obstetra, especialista de olhar fragmentado, que tinha a função de facilitar a saída do bebê do ventre materno.

Existia aqui um obstetra, Alfredo, Alfredo, esqueço o sobrenome dele. Era considerado ‘o rei das vias baixas’, tirava menino de todo jeito. O menino saía de todo jeito entendeu? Os partos eram sempre¹⁰¹ vaginais. (...) Existia o fórceps, existia o vaco extrator que também era uma coisa extremamente traumática no tempo. Era um vácuo que colocava na vagina e shuuuuurup! [faz som de sugar] como se fosse um sugador, puxava a criança.¹⁰²

Segundo a lembrança do dr. B, podemos perceber que eram ignoradas¹⁰³ formalmente as condições de intimidade feminina “*tirava menino de todo jeito*” o que desestimulava a confiança da mãe em seus mecanismos. Diferentemente do trato operado pelas parteiras, em que questões de autoconfiança eram trabalhadas não só no momento do parto, mas também em relação ao aleitamento, as mães que ocupavam as salas de parto das unidades de saúde eram expostas a uma sensação de que seu corpo era incapaz e portanto, necessitadas do que Iaconelli nomeou de “constantes correções dos seus desvios biológicos”¹⁰⁴. Este sentimento, aliado às práticas médicas pós-parto afetavam sobremaneira o vínculo de lactância entre as mães e os bebês uma vez que recém-nascidos e examinados, os bebês eram apartados de suas mães seguindo diretamente para os berçários.

Aí pronto. Então o menino era meu né, a criança era minha. Então eu fazia todos os procedimentos: lavagem gástrica, administrava no olho nitrato de prata, fazia curativo do umbigo com álcool absoluto, administração de vitamina K. Não dava banho. Fazia só uma limpeza do coto umbilical. (...) Então não tinha esta situação de a gente ver alimentação materna. (...) Atualmente, nasceu, vai pro seio. Naquela época não. A orientação dos pediatras era essa, inclusive a minha mesmo. Dr. Aureliano mesmo, que era chefe do berçário deixava prematuro 48h sem se alimentar.¹⁰⁵

Não ia para a mãe que nada, ia para a mãe que nada! Nada disso. Ia para a enfermagem, para o berçário. Ficava lá.¹⁰⁶

¹⁰¹ A palavra sempre aqui aparece como um sinônimo para usualmente e não exclusivamente. O próprio dr. B refere-se posteriormente aos partos cesarianos, a dra. C, narrou também com riqueza de detalhes o procedimento do parto cesário e as dificuldades em fazê-lo pelo fato de as substâncias anestésicas ainda serem muito difíceis, sendo comumente utilizado o éter.

¹⁰² Entrevista dr. B, Shopping Plaza, 19/05/10.

¹⁰³ Muito embora em alguns casos fosse necessária a utilização destes métodos a fim de serem evitados óbitos.

¹⁰⁴ IACONELLI, Vera. “Maternidade e erotismo na modernidade: assepsia do impensável na cena do parto.” In: **Revista de Psicanálise** – ano XV n.34 – 1º, p. 77-85. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae: 1º semestre de 2005, pp.77. Disponível em: www.gerarecoladepais.com/maternidade-e-erotismo.doc Acessado em: 24/11/10.

¹⁰⁵ Entrevista dra. C, IMIP, 27/12/10.

¹⁰⁶ Entrevista dr. B, Shopping Plaza, 19/05/10.

Primeiro o cuidado com a respiração nos primeiros minutos. Quando o menino começava a chorar, a respirar bem, era cuidado de higiene, e levava para o berçário. Isso em maternidade onde a gente trabalhava e pegava o menino. Ia para o berçário e pronto, aí depois de 12h mais ou menos começava então a alimentar o menino, e não dava importância na minha época, ao aleitamento materno. (...) Não era muito divulgado e nem tinha serviços apropriados para incentivar mais. Não existia aquela orientação rígida de orientar para a mãe amamentar. E isso é uma coisa que deve começar antes de ela ter o seu bebê. Ela já deve ser orientada de que o leite materno é fundamental e que vai proteger a criança contra muitas doenças.¹⁰⁷

De acordo com a memória dos médicos, podemos perceber a ação da subtração da figura feminina no processo do nascimento: “*Aí pronto. Então o menino era meu, né, a criança era minha. Então eu fazia todos os procedimentos*”. Ao tomar como natural a separação dos bebês de suas mães, mais uma vez, a prática médica legitimava o discurso do desenvolvimento com base na argumentação científica. Além disso, a frequência da lembrança dos berçários no cotidiano demonstra como o ambiente hospitalar criava um abismo entre mãe e bebê num momento importante¹⁰⁸ para o fortalecimento de laços afetivos. Ao apartar a mãe do bebê, a prática médica contribuía para que o aleitamento não obtivesse sucesso.

Uma vez que o reflexo de sucção do recém-nascido é muito forte durante as primeiras horas de vida, a perda destes primeiros instantes interferia negativamente na pega da criança ao seio. Ademais, indo para os berçários, a chance de que os bebês fossem alimentados com leites artificiais antes de ingerirem o colostro, era maior, o que prejudicava¹⁰⁹ tanto as suas defesas¹¹⁰ como também a adaptação ao seio. Uma vez que a mamadeira é dada, a relactação

¹⁰⁷ Entrevista dr. D, Hospital Jorge de Medeiros, 04/01/11.

¹⁰⁸ Segundo psicólogos, a prática da amamentação contribui significativamente para o apego entre mãe e filho, condição de extrema importância para a sobrevivência da espécie humana que se desenvolve em grande parte fora do útero.

¹⁰⁹ Um estudo pioneiro realizado em Gana entre 2003 e 2004 e que analisou 11.316 crianças de 4 distritos diferentes sobreviventes ao segundo dia após o nascimento revelou que 22,3% da mortalidade por todas as causas em neonatos poderiam ser evitadas se a amamentação ocorresse na primeira hora de vida. In: EDMOND, Karen M; ZANDOH, Charles; QUIGLEY, Maria A; AMENGA-ETEGO, Seeba; OWUSU-AGYEI, Seth; KIRKWOOD, Betty R. **Delayed breastfeeding initiation increases risk of neonatal mortality**. In: Pediatrics 2006; 117:380-386.

Disponível em: <http://pediatrics.aappublications.org/content/117/3/e380.abstract>

Acessado em: 04/04/2011.

¹¹⁰ Segundo Paulo Roberto Lopes, o colostro “ajuda a eliminar o mecônio, material espesso rico em bilirrubina, que se acumulado, pode causar icterícia. Também favorece o desenvolvimento do sistema imunológico protegendo-o de infecções além de concentrar fatores de crescimento que promovem o desenvolvimento do tubo intestinal imaturo do bebê, preparando-o para receber o leite maduro. Se o bebê receber leite industrializado antes de mamar o colostro, poderá absorver proteínas não digeridas que costumam lesionar o intestino e causar alergias.” In: DIAS REGO, José. **Aleitamento Materno: Um guia para pais e familiares**. São Paulo. Atheneu, 2008. pp.10-11.

torna-se difícil tanto para o bebê (que acostumado com o bico da mamadeira, chora por ter de estimular o seio da mãe, que hora produz mais, ora produz menos leite, quanto para a mãe, (que se sente insegura em relação à sua prática de nutriz).

Contribuindo neste cenário hospitalar de desestímulo ao seio, encontrava-se ainda a força da propaganda, que com território livre para oferecer latas de leite como amostras e mamadeiras como brindes às mães que tinham acabado de dar à luz, induziam-nas ainda mais a optar por este tipo de alimentação. É sobre a força da mamadeira que comentaremos a seguir.

2.4. ‘COM A PRIMEIRA MAMADEIRA SE FORMA UM CIDADÃO’: A TRANSFERÊNCIA DO SENTIDO NUTRICIONAL DO SEIO E O PAPEL DO ESTADO NA MANUTENÇÃO DESTA POLÍTICA

2.4.1. A supervalorização da mamadeira

O uso da mamadeira para alimentação de bebês é uma prática bastante antiga. Ela foi observada em variadas culturas e em diferentes períodos históricos. O Baby Bottle Museum¹¹¹, por exemplo, fornece informações acerca de registros arqueológicos de uma múmia de um bebê de três meses de vida, enterrado 1.000 anos a.C. em Cherchen, noroeste da China, juntamente com uma mamadeira feita de úbere de ovelha. Segundo o Museu, alimentos suplementares ou substitutos do leite materno já existiam, provavelmente antes, desde a Idade da Pedra, pela possibilidade de a criatividade humana ter atuado em socorro à nutrição dos infantes quando a amamentação não era possível. No entanto, uma das mais belas esculturas deste período evidencia, em forma de arte, a magnífica evidência de respeito à capacidade de nutrir da espécie feminina.

¹¹¹ Para observar o acervo, acessar: <http://www.babybottle-museum.com.uk>



Figura 17: Vênus de Willendorf¹¹²
Fonte: Museu Postal de Viena de História Natural

A mitologia antiga também aponta para o uso de diferentes alimentos na nutrição dos bebês: Zeus foi amamentado por uma cabra (Amaltéia)¹¹³ após o abandono pela sua mãe. Rômulo e Remo, por uma loba (Capitolina)¹¹⁴, após serem jogados no Rio Tibre em virtude da deposição do rei Numitor (avô dos gêmeos) pelo seu irmão Amúlio. E, segundo o museu da mamadeira, na Grécia Antiga, o ato de oferecer aos lactentes alimentos outros, diferentes do leite humano, estendia-se a ponto de muitas mães darem uma mistura de vinho com mel para seus filhos pequenos com o intuito de alimentá-los. A evidência desta prática, ainda de acordo com informações do museu, pode ser atestada pela descoberta do artefato abaixo: uma mamadeira de terracota datada de 450 a.C., disposta no acervo do Museu da Arte, em Cleveland (Figura 18).



Figura 18: Mamadeira Grega
Fonte: <http://www.babybottle-museum.com.uk>

¹¹²A Vênus de Willendorf, uma pequena estatueta de 11cm, talhada em pedra calcária e datada de aproximadamente 24 mil anos a.C., é uma das mais antigas esculturas feitas por mãos humanas e uma das evidências mais incontestáveis da fascinação da humanidade pela capacidade das mulheres de gerar e nutrir. Descoberta no sítio arqueológico de Willendorf, na Áustria, em 1908, encontra-se exposta no Museu de História Natural de Viena.

¹¹³Anotações de aula da Disciplina História Antiga II, ministrada pelo professor Luciano Cerqueira na Universidade Federal de Pernambuco no dia 12/08/02.

¹¹⁴ VIRGÍLIO, Publio Marao. **A Eneida**. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

Por outro lado, vale ressaltar que, da mesma forma, são fortes as referências em relação à amamentação na Antiguidade. Na cultura hebraica, Sara amamentou Isaac¹¹⁵ e, na egípcia, a imagem de Ísis amamentando Hórus (Figura 19) remete a um conjunto de mitos que narra as aventuras da deusa e a proteção que ela dá ao filho depois que ele nasce até que fique suficientemente forte para encarar Seth, o assassino de seu pai. Esta imagem (Figura 19) teve uma influência tão representativa que, segundo alguns historiadores, influenciou na iconografia cristã sobre Maria e o menino Jesus.



Figura 19: Ísis amamentando Hórus¹¹⁶
Fonte: <http://www.mnarqueologia-ipmuseus.pt>

A imagem de Nossa Senhora do Leite, inventada na Itália do século XIV, indica como os seios foram dignificados na tradição cristã. Segundo Yalom, “*O exemplo do menino Jesus a beber o leite da mãe tornou-se uma metáfora do alimento espiritual de todas as almas cristãs.*”¹¹⁷ Esta imagem teve um poder imenso, dada a importância da cultura religiosa na sociedade ocidental. Em torno dela, percebe-se a instituição da ideia de maternidade, da ligação sagrada entre mãe e filho. Todavia este modelo do seio maternal logo rivalizou com a influência crescente do amor cortês e com a evolução do capital, que criou um mercado de espartilhos, erotizando esta parte da mulher. A preocupação com o seio sexualizado de Maria pode ser vista na arte Renascentista.

¹¹⁵ A Bíblia Sagrada. (Gêneses 21:7).

¹¹⁶ A estátua em bronze, de 15cm de altura, é egípcia e data do Período Ptolomaico. Atualmente encontra-se no Museu do Louvre, na França.

¹¹⁷ YALOM, Marilym. **História do Seio**. Lisboa: Teorema, 1997. p. 15.



Figura 20: Nossa Senhora do Leite

Fonte: http://www.shafe.co.uk/art/ambrogio_lorenzetti_madonna_del_latte

A maioria dos quadros e esculturas não expõe todo o colo feminino da Virgem mas, apenas, um pequeno seio redondo, enquanto o outro permanece por debaixo de seu manto. O seio exposto, que o menino chupa, inclusive é pouco realista e pequeno, como que um acidente na tela. No entanto a imagem de um menino rechonchudo deve ter sido reconfortante para uma população que passou por graves crises nutricionais.

Apesar das inúmeras referências históricas à prática da amamentação, igualmente diversos foram os registros acerca da variedade de maneiras de nutrir uma criança ao longo do tempo. Na Idade Média, os substitutos do leite materno foram muito comumente oferecidos aos bebês em chifres de animais. Encaixava-se um pedaço de úbere de animal na ponta do chifre. Destinavam-se aos infantes ainda com poucos meses de vida, técnica que, sem dúvida, contaminou milhares de frágeis organismos em face dos rudimentares processos higiênicos utilizados naquele período.

Mais tarde, surgiram novos modelos de mamadeira em materiais diversificados mas, como as antigas, eram de difícil higienização e, portanto, eminentes meios de contaminação. Os “banjos” utilizados no século XIX foram um exemplo impressionante deste perigo: *“Eram feitos em vidro e na abertura superior conectava-se um tubo de borracha que chegava ao*

fundo da garrafa e terminava vários centímetros acima do gargalo com um bico de borracha adaptado numa peça de osso.”¹¹⁸



Figura 21: Banjo

Fonte: <http://www.babybottle-museum.com.uk>

As dezenas de imagens contidas no arquivo do museu da mamadeira dão conta de diferentes modelos e mostram o quanto esta opção foi largamente procurada, por ser um instrumento eficiente inclusive em casos onde eram obrigatórias, como em orfanatos.

A efervescência industrial deste período, que “*possibilitou o surgimento de um novo setor, o alimentar, utilizando sistemas originais de produção e conservação de bens comestíveis*”¹¹⁹, claramente indica como a prática do desenvolvimento de novos produtos industriais segue a lógica de estimular o consumo de outros já existentes, fortalecendo-os mutuamente e acelerando o processo de acumulação de capital. Assim, o conhecido binômio mamadeira-leite – já utilizado em outros períodos históricos e, naquele momento, procurado por muitas mães-consumidoras que, submetendo-se às longas jornadas de trabalho como operárias das fábricas, não tinham condições de amamentar os filhos – ganharia força com o aparecimento dos leites enlatados, em tese, menos sujeitos às contaminações. No entanto, como entre o aparecimento destes produtos e a sua popularização decorreu-se quase um

¹¹⁸ “The not so friendly feeding bottle”. In: <http://www.babybottle-museum.com.uk>

¹¹⁹ PEDROCCO, Giorgio. “A Indústria Alimentar e as Novas Técnicas de Conservação”. In: FLANDRIN, Jean Louis e MONTANARI, Massimo (Dir). **História da Alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p. 764.

século¹²⁰, a indústria ainda focava sua energia no diversificado e rentável mercado de mamadeiras. Observe:



Figura 22: Diversidade de mamadeiras
Fonte: <http://www.babybottle-museum.com.uk>

Em face de estes modelos possibilitarem que o bebê se alimentasse sozinho mesmo antes de ter idade suficiente para segurar a mamadeira, muitas mães consideravam-nos como verdadeira “tábua de salvação”. Por permitir-lhes economia de tempo numa vida cheia de afazeres, muitas chegavam a deixar seus bebês atrelados às suas “mummies darlings”, como eram chamadas, durante várias horas ao dia.

¹²⁰ Segundo Pedrocchio, apesar de as experiências com a máquina a vapor na conservação de alimentos existirem desde o início do século XVIII, atribui-se a dois americanos, Charles e George Page, em 1866, a fundação no centro da Suíça de uma Companhia Industrial de leite condensado: a Anglo Swiss Condensed Milk. Esta indústria desenvolveu feroz concorrência com o produto do alemão instalado na Suíça, Henri Nestlé, que lançou no mercado em 1867 a farinha láctea, um alimento inventado por ele para alimentação de crianças. “Depois de uma feroz concorrência, as duas sociedades fundiram-se em 1905 para formar a Nestlé and Anglo-Swiss Condensed Milk C.o., que possui 17 fábricas em toda a Europa, assim como uma rede nos EUA.” In: FLANDRIN, Jean Louis e MONTANARI, Massimo (Dir). **História da Alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, p. 774.



Figura 23: Banjo Baby Bottles
Fonte: <http://www.babybottle-museum.com.uk>

Mas, como pode ser percebido na imagem (Figura 23), a tecnologia não significou desenvolvimento pois o canudo fino que atravessava a tampa da garrafa, dificilmente higienizável, era um meio constante de proliferação de bactérias. Segundo estimativas, esta prática contribuiu para elevar os índices de mortalidade da Era Vitoriana: “*De um total de 10, apenas 2 crianças sobreviviam até os dois anos.*”¹²¹

As mamadeiras surgidas no século XX, a exemplo da desenvolvida em vidro resistente ao calor, em 1950 apenas, pela Pirex, e os modelos posteriores, de plástico e com bico de silicone tais como as utilizadas atualmente, em muito eram semelhantes aos modelos anteriores. Isto significa dizer que, mesmo sem canudos e com uma boca maior, requeriam processos minuciosos de limpeza e esterilização, uma técnica de difícil alcance para as populações mais pobres, principalmente aquelas com dificuldade de acesso a água tratada. Segundo Cristiane Nogueira Nunes,

Seria mesmo estranho que a diversidade e o nível de complexidade [da humanidade] não desencadeassem o desenvolvimento de alternativas para a amamentação por uma sociedade inteligente, inventiva e produtiva. O problema reside no quão adequada e eficaz vem demonstrando ser a alternativa criada e o grau de adesão.¹²²

¹²¹ “The not so friendly feeding bottle”. In: <http://www.babybottle-museum.com.uk>.

¹²² NOGUEIRA, Cristine. **O desdesign da mamadeira: por uma avaliação periódica da produção industrial**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010. p. 232. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação do Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. pp.16-17. Disponível em: http://www2.dbdpuc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0610645_10_pretextual.pdf. Acessado em: 20/11/10.

Indiferentes a esta questão fundamental, as indústrias de leites enlatados passaram a investir maciçamente na imagem das mamadeiras em sua publicidade. Na década de 1950, elas frequentemente apareciam como um objeto relacionado “naturalmente” ao público infantil e, ao ser evocada sua tradição, ou seja, o fato de a humanidade ter utilizado mamadeiras ao longo da História, as peças publicitárias usurpavam do seio sua principal função nutricional e transferiam-na para as mamadeiras, promovendo seus produtos mediante uma aura superior de brancura e cientificidade.



Figura 24: Propaganda Mamadeira e leites Nestlé – Frente e Verso
Fonte: Folheto Nestlé¹²³, 1963.

O Folheto acima, destinado ao público médico (Figura 24), mostra como era sugerido este tipo de nutrição. Na frente do folheto, a imagem de um chifre de animal vinha acompanhada de uma legenda: “*Mamadeira feita de um chifre de boi, munida de uma chupeta de teta de vaca.(...) Segundo a tradição, esta mamadeira teria sido a de Guilherme o Conquistador.*” O uso de uma figura histórica, sugerida aqui de forma grotesca como modelo de credibilidade, oferecia empatia ao leitor, o qual, mesmo que não tivesse informações sobre

¹²³ Este folheto, medindo 21x15cm, foi impresso em papel cartão brilhoso. Material veio à parte, como brinde do sebo de onde compramos os Anais. Algumas informações, que parecem ser de controle do marketing da empresa sobre a propaganda dos leites Nestogeno (NG) e Semilko (SK), aparecem no lado esquerdo do verso ‘BR-E000 A-NC Enc NG/SK – Ma-3/63’ e, por isto, temos referência ao ano.

o personagem, atribuía-lhe características positivas devido a seu cognome remeter a uma ideia de força. A sensação era abastecida pelo indicativo de aquela informação ser reiterada por um artigo médico, o qual é referenciado no texto: “*Ver o artigo de Leon Dafour: ‘A mamadeira através dos tempos no país de Caux’ (Normandie Médicale, 1. Av, 1897).*” No verso do folheto, a informação “*mais proteínas*”, em letras garrafais ao lado da logomarca da empresa, legitimava o uso destes leites “*para a alimentação do lactente nos primeiros meses de vida*”. A imagem das latas finalizava o recado, induzindo os médicos ao uso dos produtos.

A mesma lógica era empregada nos materiais destinados às mães. Nos livretos que se propunham a ajudá-las, funcionando como uma espécie de guia com “*os mais modernos e úteis conselhos sobre o modo de tratar, criar e alimentar*”¹²⁴, a indução ao emprego dos enlatados via mamadeiras atingia-as diretamente.

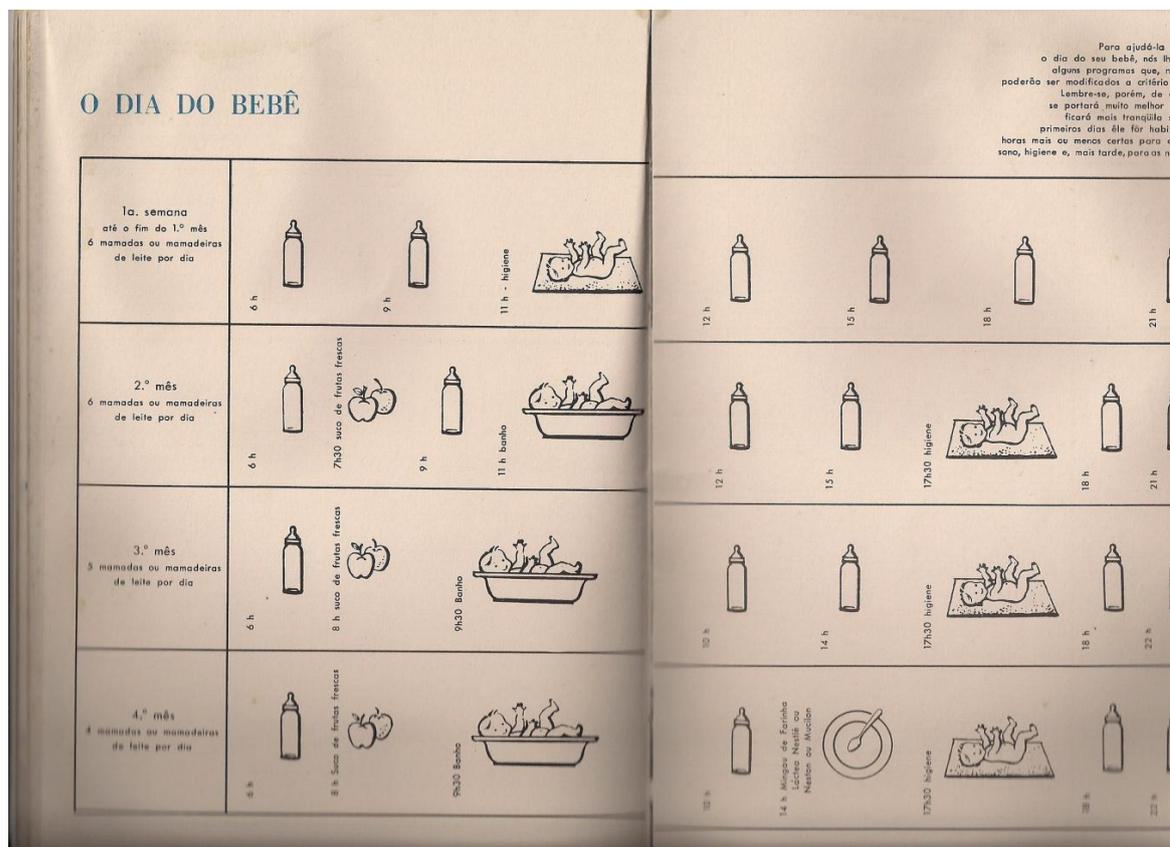


Figura 25: O Dia do Bebê
Fonte: NESTLÉ. *A Maior das Maravilhas... Meu Filho*. 1968, pp. 42-43.¹²⁵

¹²⁴ NESTLÉ. *A Maior das Maravilhas... Meu Filho*. 1968, contracapa.

¹²⁵ As imagens utilizadas neste estudo fazem parte de um banco de dados das décadas de 1950 e 1960, organizado pela autora para elaboração desta dissertação de mestrado. Independentemente de pertencerem ao início ou fim das décadas, seguem o mesmo propósito, ou seja, obedecem a uma confluência de informações que se complementam numa mesma lógica: a de as indústrias promoverem seus produtos indiscriminadamente.

Neste exemplo, observamos um programa ilustrativo de cuidados para o dia-a-dia do bebê. Dividida em colunas, de acordo com os meses de vida da criança representados em números desde a primeira semana (1ª, 2º, 3º, 4º), a tabela estabelece horários para alimentação – representada pelas mamadeiras, frutas e prato. Higiene – representada pelo bebê sobre uma superfície. E banho – representado pelo bebê na banheira.

Apesar de o quadro indicar, abaixo de cada mês, a quantidade de mamadas ou mamadeiras que deveria ser dada à criança por dia, a presença exclusiva da imagem das mamadeiras (únicas que dispensavam as legendas) na tabela, permite imaginar tanto o fato de a mulher ser vista com pouca inteligência, e por isso precise de desenhos, como qual a forma de nutrição era empregada pelas mães que seguiam as recomendações do programa, principalmente fossem elas analfabetas. Além disso, a inserção das mamadeiras na rotina do bebê entre as indispensáveis recomendações de banho e higiene, naturalizava-as também sob o viés da indispensabilidade. Ademais, o horário de cada refeição definido ao lado de cada mamadeira ajudavam o fortalecimento da opção pela nutrição industrializada, uma vez que depositava na mãe não só a confiança de ter “alimentado corretamente” seu filho – já que o conteúdo da mamadeira pode ser medido – como também a ideia do conforto em oferecer o último alimento do dia às 21 horas, apelando-se para o irresistível pensamento de um período noturno mais tranquilo.

A didática empregada na execução de tais cartilhas adequava-se também às questões de gênero que, compreendendo a mulher - assim como as crianças -, limitada para entender informações, superlotavam com desenhos os materiais destinados a ela. Este pensamento ajudou a promoção de um regime visual que levava as mulheres ao encontro cada vez mais próximo das mamadeiras.

O regime visual, ou seja, o conjunto de imposições que regiam os modos de ver e de mostrar as mamadeiras (e por associação os leites não-maternos) definiriam, portanto, consequências mais complexas.

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social (...) mediada por imagens. Considerado em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. (...) Sob todas as suas formas

Portanto, as imagens selecionadas para aparecerem ao longo da pesquisa são as que mais oferecem recursos elucidativos ao leitor. No caso desta imagem, o seu uso justifica-se pelo fato de a empresa informar em seu site (no espaço “linha do tempo”) o uso de tais guias no período abarcado por esta pesquisa. Para acesso: <http://www.nestle.com.br/site/anestle/historia.aspx>.

particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos-, o espetáculo constitui o *modelo* atual da vida dominante da sociedade. É a afirmação onipresente da escolha *já feita* na produção, e o consumo que decorre dessa escolha.¹²⁶

Desta forma, a supervalorização da mamadeira implicou questões consistentes que, tanto do ponto de vista cultural como do ponto de vista político-social, influenciariam a difusão massiva do hábito do desmame precoce. Do ponto de vista cultural porque, ao contribuir para que os seios não se destacassem por seu caráter nutricional, separando-os de sua função milenar, favorecia-se neles a imagem do outro caráter, o sexual, que por outro lado era disseminado abundantemente nas imagens femininas desnudas ou seminuas que enchiam as páginas dos jornais e revistas da época e que serviam de modelo às mulheres.

Do ponto de vista político-social porque, legitimada pela simpatia da classe médica, favoreceu a expansão das políticas públicas de distribuição do leite em pó para populações carentes, o que funcionava como um artifício político para suprir a ausência de investimentos na área social. A fim de dissecar melhor estes processos, analisaremos caso a caso.

2.4.1.1. Se(i)o, se(x): o “x” da questão

As imagens de mulheres desnudas ou seminuas, com seios em evidência, não foram uma novidade do período pós-guerra. Tempos antes, muitas foram as representações¹²⁷ do corpo feminino em diversos campos, o que transformou a mulher em “belo sexo”¹²⁸. No entanto, esta beleza veio acompanhada de diversos sentidos que influenciaram as diferentes formas como as mulheres foram enxergadas e enxergaram a sua corporeidade ao longo da História em variadas culturas.

¹²⁶ DÉBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p.14.

¹²⁷ Tais representações foram, geralmente, fomentadas pelos homens. A ação de intervir na construção da identidade corporal da mulher aparece-nos como uma certa prepotência masculina de apropriar-se do corpo da mulher e também de sua essência, delimitando-a e reduzindo-a à sua medida, o que debilitaria a individualidade feminina.

¹²⁸ O fato de a imagem da mulher e da construção da identidade feminina estarem ligadas direta e eminentemente a uma ideia de beleza é mais um aspecto indicativo da atitude masculina em depreciar outras qualidades nas mulheres. A reflexão de Kant sobre esta questão ilustra isso: “O estudo laborioso ou a especulação penosa, mesmo que uma mulher nisso se destaque, sufocam os traços que são próprios a seu sexo; e não obstante dela façam, por sua singularidade, objeto de fria admiração, ao mesmo tempo, enfraquece os estímulos por meio dos quais exerce seu grande poder sobre o outro sexo.” In: KANT, Immanuel. **Observações sobre o belo e o sublime**. Campinas: Papyrus, 2000. p. 49.

Em tais representações, podemos destacar não somente a atenção ao corpo feminino como um todo, mas também a atribuição de sentidos em relação às suas partes específicas. É nesta fragmentação que podemos inserir os seios. Em relação a eles, as representações geralmente contrastam-se entre dois pólos: o nutricional e o sexual¹²⁹, e mesmo entre muitas sociedades indígenas, onde a presença consistente dos seios é encarada com muita naturalidade, estas duas visões, apesar de intrincadas, quando percebidas conjuntamente, aparecem permeadas de tensões. Conforme Pereira¹³⁰, Darcy Ribeiro já descreve entre os índios Urubus-Kaapor, do Maranhão, um tabu sexual pós-parto que faz com que os casais evitem relações sexuais durante um ano, o que seria o tempo de amamentação até o desmame. Segundo ela, isto ocorreria em virtude do forte aspecto simbólico que permeia o leite que sai do seio materno.

Na opinião de Marylim Yalom, autora do livro “História do Seio”¹³¹, a sociedade ocidental impetrou sob os seios significados poderosos e também contraditórios: o seio sagrado para os primitivos, o que nutriu as crianças das civilizações antigas, os que foram uma constante no século XV na forma das Madonnas italianas e o que representou a liberdade da Revolução Francesa expressa na pintura de Eugène Delacroix. Mas também o seio ligado ao sexo e ao erotismo das devassas, das prostitutas. Todas estas e outras representações que evocavam a sexualidade, a arte, a nutrição, afetavam a condição íntima da mulher.

Nas imagens dos anos 50, a influência do modelo feminino norte-americano tipo pin-up, que explorava a nudez das mulheres evidenciando sobremaneira seus seios, disseminava-se. Fosse através das divas do cinema, ou por meio de anúncios e publicidade em jornais e revistas, estas imagens hipertrofiavam o caráter estético do corpo feminino e, conseqüentemente, interferiam para que as mamas adquirissem uma primazia erótica, com forte apelo sexual. Assim, a revelação do corpo da mulher, sobretudo em função das representações plásticas, a convertia numa espécie de mais um objeto industrial que invadia o cotidiano da época.

¹²⁹ É comumente aceito pelos biólogos que os seios são uma das principais características sexuais secundárias.

¹³⁰ PEREIRA, Gilza Sandré. “Amamentação e sexualidade”. In: **Revista Estudos Femininos**. Florianópolis v.11 n.2 jul./dez. 2003. Disponível em: <http://www.amamentacao.com/amamentacao/conteudo.asp?cod=177> Acessado em: 11/01/2011.

¹³¹ YALOM, Marylim. Op. Cit.



Figura 26: Chuveiro Lorenzetti
Fonte: Diário de Pernambuco, 01/05/1955, 1º Seção, p. 3.

A imagem acima (Figura 26) oferece-nos recursos para esta análise. Apesar de estar no banheiro, a cenografia da peça publicitária superutiliza-se do corpo nu da mulher para vender o produto em questão, um chuveiro. A imagem tem uma força hipnótica: A mulher que se banha mostra-se ao leitor numa pose que invoca o olhar. A genitália não é mostrada, mas a exibição dos seios num jogo de erotismo convida o espectador masculino a habitar aquela cena. Para a mulher espectadora, o corpo apresentado como modelo em pose instaura de imediato uma interlocução que fixa não só o padrão corporal a ser seguido como também a leitura do seio como elemento de sensualidade. Segundo Novaes, “a imagem oferecida para os leitores a respeito dos seus próprios corpos investe neste jogo de espelhos, produzido entre o corpo e o olhar do outro operando na construção da auto-imagem.”¹³²

A moda também contribuía neste processo ao instaurar modelos a serem copiados. Aliado ao fato de as mulheres movimentarem-se mais pelos espaços públicos, o vestuário feminino do período permitia uma maior exposição das formas. As saias eram rodadas, mas a cintura marcada, complementada pelas blusas mais estreitas vestidas por cima dos soutiens tipo “efeito de pombo”, elevava os seios, destacando-os.

¹³² NOVAES, Joana de Vilhena. **Ser Mulher, Ser Feia, Ser Excluída.** Disponível em: http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0240&area=d11&subarea= Acessado em: 11/01/2011.

Mensageiras de modelos propostos, estas múltiplas maneiras de espalhar tais imagens carregavam consigo forte conteúdo e eram assimiladas sobremaneira nas classes médias e altas. Obviamente, as classes mais baixas da cidade, com recursos limitadíssimos, não sofriam esta influência tão diretamente. O fato de seus corpos estarem ligados geralmente ao trabalho tornava-lhes quase inacessível a este ideal burguês de erotização. No entanto, aquelas imagens que faziam parte de um universo longínquo, mas que estavam presentes no cotidiano da cidade, acabavam também por atingi-las de forma indireta. Isto acontecia porque, ao desenvolverem, em sua maioria, ocupações informais como lavadeiras, vendedoras de tapioca, entregadoras de água que perambulavam pelo espaço público, ou até mesmo enquanto domésticas, observavam as outras classes e delas tiravam significados não só de seu lugar social – que geralmente vinha acompanhado de um ideário de pobreza – como também de seu lugar enquanto mulher – que, em virtude do seu corpo sofrido em muito não se assemelhar à voluptuosidade das modelos, neste papel tinham elas todos os requisitos biológicos para utilizar-se de um mecanismo mental de ascensão a fim de escapar imaginariamente das privações da miséria.

Também nos cartazes de cinema da cidade, como os cinemas Moderno, Parque, São Luiz e Art-Palácio, vistos das calçadas e também impressos nos jornais, muito destaque era dado não só ao culto da beleza feminina como também a figuras de mulheres com desejo sexual prestes a ser satisfeito. “A... respeitosa – A história de uma mulher indomável e submissa como a paixão e o amor.”¹³³ “A Princesa do Nilo – Aventuras Exóticas e emocionantes! Paixões que dominaram um império.”¹³⁴

¹³³ **Diário de Pernambuco**, 01/05/1955, Pequenos Anúncios, p.25.

¹³⁴ Idem.



Figura 27: Cartaz de cinema

Fonte: Diário de Pernambuco, 01/05/1955, Pequenos Anúncios, p.25.

Nesta imagem (Figura 27), mais uma vez, a evidência aos seios libidinosos que contribuem para os elementos de sensualidade da mulher e remetem ao prazer sexual era cultivada, fazendo com que estes parâmetros invadissem o rol das representações femininas. Uma rápida observação nas perguntas feitas pelas mulheres às seções de jornais, que publicavam suas cartas com uma resposta, permite percebermos o quanto os temas ligados ao sexo eram tratados com uma maior intensidade, ainda que de forma sutil, em colunas de todos os tipos.

Sra. Vanderbilt: Meu marido é um homem de certa educação e tem um bom emprego. Sua roupa exterior está em geral bem limpa e passada, contudo, não muda a roupa interior senão uma vez por semana. E não sei o que deva fazer, pois dorme com essa roupa. Por favor, não ria, porque para mim este é um problema muito sério e que está prejudicando o nosso casamento.¹³⁵

A coluna em questão, não destinada a perguntas deste gênero, mas que abriu espaço para tal, faz-nos perceber a preocupação da leitora com sua condição íntima. Relatando inseguranças no trato com o marido em relação a aspectos do ato sexual, o “*problema muito sério que prejudica o casamento*”, ou seja, a recusa ao sexo em relação a algumas situações (neste caso a higiene do marido) abre-nos prerrogativa¹³⁶ para imaginar outras situações de

¹³⁵ **Diário de Pernambuco**, 02/03/1956. Primeiro Caderno, Diário Social, Coluna: Etiqueta, por Amy Vanderbilt. p.06.

¹³⁶ Esta prerrogativa justifica-se em função de haver vários estudos em que relações de conflito entre amamentação e sexualidade são analisadas. Um dos mais significativos e que nos serviu de inspiração, apesar de estar inserido em outro recorte histórico, é a pesquisa de Rose Marie Muraro na qual a execução de entrevistas

insegurança feminina. Situações que poderiam adquirir conotações de maior complexidade se as questões que as permeassem recaíssem não sobre o corpo do companheiro, mas do seu próprio, principalmente se imaginarmos a leitura díspar (em função das atribuições culturais já comentadas) que poderia ser feita por um casal ao comparar, ainda que sem verbalizar, os seios sensuais de outrora com as mamas agora cheias de leite em função da lactância. Mesmo considerando que uma função não excluiria a outra, o imperativo incansável dos seios lascivos era por demais poderoso para conviver com os seios de uma mãe, principalmente porque estes não apareciam propagandeados nem na literatura destinada a elas. Ao contrário, além das mamadeiras, era o corpo impecável da mãe o que ganhava destaque nas páginas.

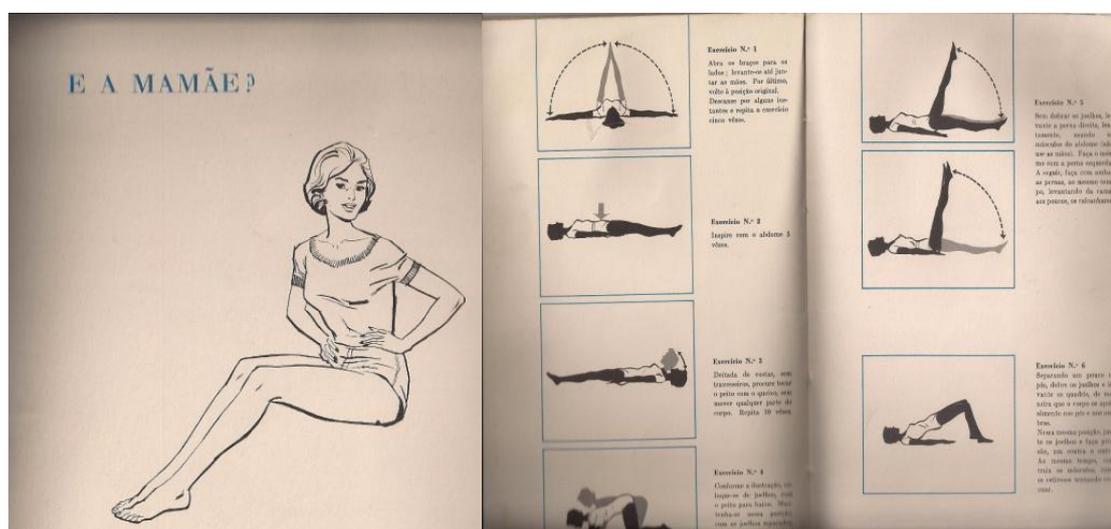


Figura 28: Mamãe em forma
Fonte: NESTLÉ. A Maior das Maravilhas... Meu Filho. 1968, pp. 51-53.

A imagem da mãe em forma, o corpo esbelto, pernas longilíneas, os seios empinados, sua pose modelo e expressão de felicidade complementada pelo plano de exercícios proposto neste livreto, retrata como o alcance da imagem penetrante da mulher com seios sensuais obtinha mais uma via poderosa em obliterar a função nutricional desta parte do seu corpo. Neste livreto de 56 páginas, no único parágrafo dedicado à amamentação (que traz a única imagem do seio com conotação nutricional), não só é comentada a dificuldade em amamentar

com homens e mulheres do Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco, sobre questões referentes à sexualidade, demonstrou que as mulheres fazem comparações entre os estados de sexualidade e de maternidade e os observam “como duas imagens cindidas, diferentes.” In: MURARO, Rose Marie. **Sexualidade da Mulher Brasileira: corpo e classe social no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1996. p. 247.

como também é recomendada a necessidade de outras substâncias: *“Nos intervalos das mamadas, ofereça ao bebê água fresca, previamente fervida, a qual poderá ser adoçada com Nidex (Nestlé) – (1 medida rasa para cada 100ml de água).”*¹³⁷

Enquanto eram repetidos modelos esquemáticos de uma mulher eminentemente atraente em função dos atributos do seu corpo, a fixação¹³⁸ pelos seios eróticos adquiria uma imagem tão recorrente que mulheres das diversas classes chegavam a deixar de amamentar porque acreditavam que em função desta prática seus seios ficariam flácidos e caídos. É em decorrência de opiniões como esta e outras, que igualmente viam na amamentação uma espoliação do corpo, que podemos afirmar ter havido uma diminuição do valor precípuo da função fisiológica do seio. A indústria sabia disso, as mamadeiras ajudaram a embalar estas representações e o governo, aproveitou para trocar a assistência pelo assistencialismo.

2.4.1.2. ‘Um ninho para a águia’: os programas do governo de distribuição de leite em pó e a aliança nacional para o progresso

Desde meados dos anos 40, quando o governo Vargas criou o Departamento Nacional da Criança e os vários Departamentos Estaduais (DEC), o governo já aconselhava o desmame maternal desde o nascimento. Assim como o seu governo populista utilizou as leis trabalhistas e criou imagens para desarticular o movimento operário, bem ao seu modo, várias imagens com crianças também eram veiculadas para florear a falta de políticas públicas eficientes em relação às questões da infância.

¹³⁷ NESTLÉ. **A Maior das Maravilhas... Meu Filho**. 1968, p.23.

¹³⁸ Não podemos deixar de fazer referência ao fato de as teorias Freudianas sobre as pulsões sexuais na mulher e no filho contribuírem para fortalecer a visão do seio sensual.

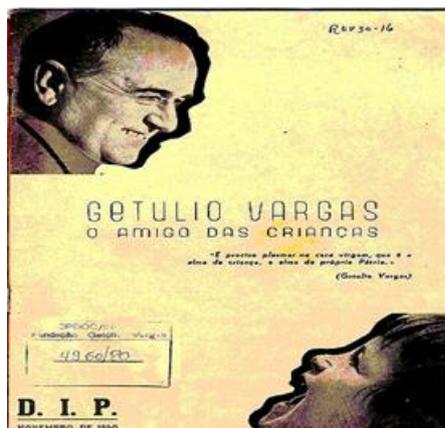


Figura 29: Populismo para menores

Fonte: www.cpdoc.fgv.br/nav_fatos_imagens/htm/fatos/dip.htm

Apesar de não haver preocupação com a verossimilhança na fotografia, (uma foto qualquer de Vargas sorrindo – o que não era muito comum – e uma foto de uma garotinha) a intenção em demonstrar como desde cedo Getúlio tinha planos para com a proteção do povo, instaurava um clima de confiança. A realidade da pobreza dos meninos com costelas à mostra, que segundo Josué de Castro, eram “irmãos de leite dos caranguejos”, por sua miséria, se alimentavam do mesmo suco dos mangues do Recife, não aparecia. Esta situação, que tinha relação direta com a política excludente de manutenção do status quo de uma minoria privilegiada, era a mesma que ao invés de tomar providências sanitárias, derrubaria os mocambos para derrubar os bairros pobres do Recife. A estratégia de marketing político que mantinha aceso o espírito patriótico, era a mesma que evidenciava o presidente próximo da população desde o nascimento como indica o texto da Figura 29 “*a alma da criança é a alma da própria pátria.*”

Assim, a assistência materno-infantil prestada pelo Estado Varguista vangloriava-se por inaugurar um programa nacional de distribuição gratuita de alimentos e passou a incluir leite em pó na rotina das populações pobres. Estes programas, postos em prática através de convênios com empresas de alimentação, chegavam a contar inclusive com lactários, onde as mães aprendiam a fazer mamadeira. Nenhum incentivo à prática da amamentação existia na rotina destes lactários, que muitas vezes funcionavam em postos de saúde. Ao contrário, ao distribuírem amostras grátis e livretos de como cuidar dos bebês, as empresas em colaboração com o Estado, encontravam espaço profícuo para lucrar cada vez mais. Segundo Nogueira, “o

crescimento das atividades ‘assistenciais’ da Nestlé eram representadas por frascos de mamadeiras”¹³⁹.

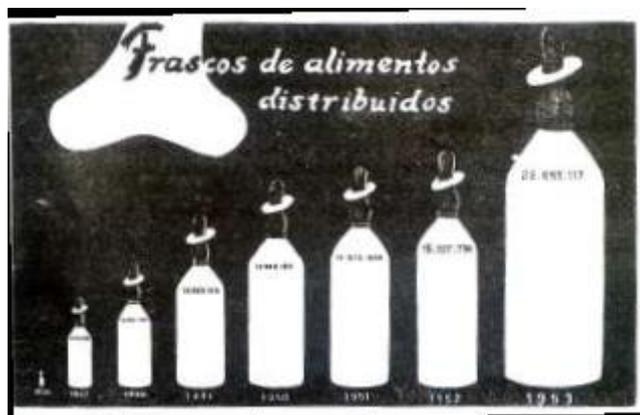


Figura 30: Evolução Nestlé

Fonte: http://www2.dbdpuc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0610645_10_pretextual.pdf

No Recife, não temos números exatos¹⁴⁰, mas em São Paulo, o aumento de distribuição de latas de leite passou de 198.654 unidades para 733.141 de 1950 a 1973. Aliás, a extensão¹⁴¹ de tais programas que também contaram com o apoio da Legião Brasileira de assistência (LBA), segundo Goldberg, abriu espaço para que aos poucos, a indústria aumentasse a sua campanha exaltando o valor do leite em pó e recomendando-o “desde o momento da secção do cordão umbilical.”¹⁴² Em 1954, um dos programas conveniados tinha o seguinte lema: “Com a primeira mamadeira, se forma um cidadão.” O diálogo da governo com as multinacionais tornava-se um negócio lucrativo para ambas as partes. Enquanto, por

¹³⁹ NOGUEIRA, Cristine. **O desdesign da mamadeira**: por uma avaliação periódica da produção industrial. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010. 232 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação do Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010 p.24.

¹⁴⁰ Tentou-se, pelos arquivos do Porto da cidade, fazer um levantamento do número de latas de leite em pó chegadas ao Recife. Obviamente, como o Recife era um centro distribuidor para a região Nordeste, o total não indicaria que todo o carregamento teria sido consumido aqui, no entanto, forneceria-nos um bom quantitativo de análise desta influência. Mas, como nos hospitais, a memória do porto também deixa a desejar. Não existem livros de alfândega da época com o registro das entradas de carregamentos destes gêneros alimentícios. O acesso é dificultado, e os livros que restam, estão em situação lastimável.

¹⁴¹ Conforme informa o site da Rede Brasileira de Alimentação e Nutrição Escolar (REBRAE), “ Na década de 50 foi elaborado um Plano Nacional de Alimentação e Nutrição, chamado Conjuntura Alimentar e o Problema da Nutrição no Brasil e pela primeira vez, se estrutura um programa de merenda escolar em âmbito nacional, sob a responsabilidade pública. Deste plano restou apenas o Programa de Alimentação Escolar que com o financiamento do Fundo Internacional de Socorro à Infância (FISI), atualmente Unicef, fazia a distribuição do excedente de leite em pó destinado, inicialmente, à campanha de nutrição materno-infantil.” Disponível em: <http://www.rebrae.com.br/alimentacao.html> Acessado em: 04/04/2011.

¹⁴² GOLDEMBERG, Paulete. “Consumo e reprodução social: o desmame precoce na perspectiva do marketing do leite em pó num país subdesenvolvido”. In: NOGUEIRA, Cristiane. Idem. p.24.

um lado facilitava-se uma abertura de mercado para o escoamento de produtos da indústria, por outro, patrocinava-se o assistencialismo governamental que contribuía para anestesiar as populações.

Deploro sim, o rumo de verdadeiro barbarismo que tomou a civilização ocidental. Os erros dos países desenvolvidos e das lideranças do subdesenvolvidos levaram o mundo ao desequilíbrio econômico e social (...) É um mundo inspirado no “Time is Money”, no “Make Money”, sem princípios éticos ou morais. (...) O Brasil entrou em cheio nesse novo sistema de vida. A Ciência foi mutilada pelo novo deus: a Técnica, ou melhor, a Super-Técnica. A industrialização foi superada pela superindustrialização desumana e anti-social.¹⁴³

Muitas eram as críticas¹⁴⁴ a estas políticas, principalmente de nutricionistas que conheciam os problemas intrínsecos da fome como Josué de Castro e Nelson Chaves. Tais estudiosos não viam vantagem profunda em relação à distribuição destes alimentos aos núcleos carentes porque além de não resolver as questões das populações quanto às suas

¹⁴³ CHAVES, Nelson. O” Homem Civilizado e o Homem Primitivo”. In: COSTA, Maria Cristina; LAGO, Eunice Salzano (Orgs.) **Nelson Chaves: O Homem Além do Tempo – A palavra de um cientista que amava sua terra e sua gente.** Recife:UFPE, 2007. p.306.

¹⁴⁴ Segundo o relatório de domínio público do Ministério da Educação e da Cultura, de 1981, “Durante o expediente do dia 2 de março de 1961,o deputado Josué de Castro profere um longo discurso denunciando o Programa de ajuda alimentar Norte-Americano, conhecido na época como “Alimentos para a Paz”. Qualifica-o de paternalista e inaceitável, por gerar dependência, classificando o programa de estratagem do Departamento de Agricultura dos EUA para se livrar dos estoques excedentes, que estavam fazendo cair o preço dos alimentos no mercado mundial. O Deputado Josué de Castro depois de assegurar que "com essa compra, o Brasil instala indústrias concorrentes às nacionais, que vão remeter seus lucros para os Estados Unidos, em dólares", em certo momento, adverte: "(...) Há ainda um perigo enorme: é que esses excedentes são transitórios. Os Estados Unidos estimulam o consumo de certos alimentos no mundo, como o fez no Brasil, depois que seus excedentes acabam, ficamos nós sem ter para quem apelar e passamos a ter crises de formação de hábitos, sem ter meios de satisfazê-los. Isso não é hipótese, e dou meu testemunho do Delegado do Brasil na FAO. (...) Mais adiante, lembrou o Deputado, um encontro, era 1955, com o então Presidente Truman, dos Estados Unidos, quando propôs a este a doação à FAO, organismo que na época dirigia, dos excedentes alimentares norte-americanos "o Presidente Truman, tendo como testemunha seu ministro da Agricultura Sr. Charles Brown, respondeu-me o seguinte; "Não posso concordar com o senhor, os Estados Unidos não podem abrir mão de seus excedentes de alimentos para as Nações porque os Estados Unidos deverá manipular seus alimentos politicamente: Confessava o Presidente norte americano que seu país desejava barganhar com a fome dos povos famintos do mundo." (...) "Longe de ser esse um.plano de alimento para a paz, é um plano para captar alianças para a formação de guerras. É alimento para a guerra e não para a paz." Ao final de seu discurso, o Deputado Josué de Castro faz um apelo ao Presidente da República: "(...) que não venda a fome dos brasileiros, porque os brasileiros preferem passar fome a ser escravos (...)" "O Brasil continua a mandar na sua miséria, na sua fome e no seu subdesenvolvimento. É capaz de, com sua economia, com sua poupança, com seu esforço e trabalho, tornar-se independente da falsa caridade, das grandes potências colonialistas imperialistas e exploradoras da fome do mundo." O Diário do Congresso informa, na edição que publicou este pronunciamento, que o Plenário se manifestou com muitos aplausos e cumprimentos do orador.” COIMBRA, Marcos. A Merenda Escolar no Congresso Nacional Primeiras Observações e Trajetória Parlamentar: do populismo ao regime autoritário. Relatório I, Parte A. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Alimentação Escolar no Brasil: política e instituição.** Brasil, 1981. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002603.pdf> Acessado em: 04/04/2011. pp.14-15.

deficiências nutricionais e instituir hábitos que contribuíssem para a desnutrição, disseminavam produtos que não participavam dos hábitos culturais regionais.

Alargando as implicações políticas desta prática, muitos destes alimentos, quando chegados às cidades do interior, poderiam servir como moeda de troca para os prefeitos corruptos que, poderiam utilizar tais doações para pagar pessoas que tivessem executado serviços. Além do mais, nas áreas rurais, onde a deficiência de vitaminas era responsável por um nanismo que rebaixava a população perante a fome, a entrega de leite em pó e de cápsulas de vitamina A por estes programas criou efeitos problemáticos, como nos revela o professor Malaquias Batista Filho:

Em nível de justiça doméstica, a mãe interpretava da seguinte forma: - *“Por que é que eu vou dar leite e dar também vitamina para o mesmo menino? Então, eu dou leite a um menino e vitamina a outro que não recebeu leite!”* Provavelmente, esse foi um dos fatores que contribuíram para que aparecesse uma frequência muito grande de lesões oculares por deficiência de vitamina A, detectadas aqui em Pernambuco. Detectadas, eu creio que, também, em Santa Catarina, em Fortaleza. E isso passou a ser um achado comum, por causa da massificação do uso do leite em pó desnatado e das cápsulas de vitamina A.¹⁴⁵

No entanto, rentável política e economicamente, a cultura dos leites artificiais, reforçava-se cada vez mais, principalmente, quando alastrou-se sobremaneira na cidade a notícia de que o leite de vaca in natura vinha sofrendo adulteração no caminho vacarias-consumidores. Nas ruas movimentadas do Recife, onde os ambulantes vendiam cuscuz e tapiocas, também se podia ver o leite fresco ser vendido de porta-a-porta diariamente. Vinha em carroças, e dos tonéis, escorriam por uma mangueira até os galões ou leiteiras da cada casa.

O calor e as deficiências de transporte sempre foram motivos de preocupação em relação ao abastecimento deste produto e, já na década de 30, o projeto de uma Usina Higienizadora que funcionaria como entreposto para recebimento e pasteurização do leite demonstra como o comércio deste produto era visto como problema de saúde pública na cidade. No entanto, os rumores de que nele estavam sendo adicionados vários tipos de

¹⁴⁵ BATISTA FILHO, Malaquias. “OBRA” In: VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes. **A Epidemiologia das deficiências nutricionais no Nordeste**: a contribuição de Malaquias Batista Filho à institucionalização da nutrição em Saúde Pública no Brasil. Cadernos de Saúde Pública. v.16 n.2. Rio de Janeiro. Abril/junho 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2000000200023. Acessado em: 27/12/10.

substâncias, inclusive água suja, punha em risco este comércio e contribuía para que os leites enlatados parecessem ser a única alternativa confiável a fim de evitar a contaminação.

Nos grandes centros civilizados, o leite entregue ao consumo é acondicionado em vasilhames de fecho inviolável, o que garante a segurança do produto pelo menos durante o trajeto entre o estábulo e a casa do consumidor. No Recife, porém, utilizam-se simples latões de grande capacidade, munidos de torneira, por onde o leite escorre, de cor mais ou menos duvidosa, para as garrafas medidoras. Mesmo admitindo-se que não seja “batizado” na própria vacaria, nunca chega ele pagão às mãos do comprador. A ponto que os leiteiros não se preocupam, ao menos, de “batizá-lo” com água limpa.¹⁴⁶

A dificuldade em encontrar leite de “boa procedência” fazia os preços dispararem. Reclamações acerca da alta dos preços do leite, das adulterações e da sua falta tornaram-se uma constante. Nos jornais o assunto era tratado chegando a ser manchete tanto na Folha do Povo, jornal operário¹⁴⁷, como no Diário de Pernambuco, jornal mais tradicional da cidade. Apesar de os jornais concordarem sobre a situação calamitosa, a Folha do Povo insinuava continuamente que os problemas relacionados ao leite in natura eram uma forma de “*criar condições necessárias à maior invasão do mercado pelo leite enlatado produzido pelos trustes ianques.*”¹⁴⁸

A tensão decorrente de tais afirmações deu início a uma série de reuniões com os produtores de leite no Estado a fim de discutir o problema. Enquanto a COAP, Comissão de Abastecimento e Preços de Pernambuco, órgão responsável pelo controle dos preços da cidade, adiava por repetidas vezes o parecer sobre a questão do preço do leite, o governo do então prefeito Pelópidas Silveira¹⁴⁹, reconhecido pela assistência às populações das periferias, tentava medidas para a recuperação da Usina Higienizadora do Leite a fim de organizar sua pasteurização e distribuição seguindo as normas da DIPOA – Divisão de Inspeção de Produtos de Origem Animal¹⁵⁰ - que regulava disposições a serem cumpridas pelos estábulos

¹⁴⁶ **Diário de Pernambuco**, 18/03/1955, p. 14.

¹⁴⁷ A Folha do Povo era um jornal patrocinado pelo partido comunista que se preocupava em fazer denúncias dos mais diversos assuntos. Teve um papel fundamental de formação e representação de grupos sociais populares como os operários. Duramente perseguido pelo DOPS que imprimia ações violentas contra seus jornalistas, foi proibido de circular inúmeras vezes.

¹⁴⁸ **Folha do Povo**, 01/05/1955. p.04.

¹⁴⁹ Pelópidas Silveira foi prefeito do Recife de 1956 a 1959 e entre 1963 e 1964. Miguel Arraes esteve na prefeitura de 1960 a 1962 e foi eleito governador do Estado em 1963, permanecendo até 1964, quando foi deposto pelo golpe civil-militar.

¹⁵⁰ As atividades da DIPOA, repartição subordinada ao Departamento Nacional da Produção Animal, que por sua vez fazia parte do Ministério da Agricultura, obedeciam ao regulamento aprovado pelo Decreto 30.691, de 29 de Março de 1952, assinado pelo então presidente Getúlio Vargas.

fornecedores de leite fresco às populações. No entanto, para que a usina voltasse a funcionar era necessária a chegada de nova maquinaria que substituísse as antigas peças encontradas em estado lastimável.

É fato que essas fraudes grosseiras poderiam ser assinaladas por análises mais rigorosas. No entanto, como o aparelhamento dos fiscais se limita a simples densímetros, as alterações criminosas campeiam, impunes e vitoriosas, numa ameaça permanente à sobrevivência.¹⁵¹

Apesar de ter relações de cordialidade com o governo do presidente Juscelino Kubitschek, com quem coincidiu o seu mandato, a administração de Pelópidas Silveira, associada ao Partido Comunista, não recebia ajuda do governo Federal. “*O orçamento era muito minguado e nós não tivemos verbas federais. Como eu disse a única ajuda que houve foi para os ônibus elétricos, só para obter o câmbio oficial e mais nada.*”¹⁵² Declaradamente anticomunista, o presidente sempre combatia esta opção política utilizando em suas falas a ideia da necessidade da ordem para combater o atraso e instaurar o progresso pelo desenvolvimento. “*O comunismo é, atualmente, a ideologia política que maior preocupação traz aos poderes públicos, em virtude do seu caráter notoriamente antidemocrático e de suas táticas essencialmente insidiosas.*”¹⁵³

Preocupado com a ameaça soviética no país, e ao mesmo tempo percebendo na aproximação com os EUA uma parceria para políticas assistencialistas – a fim de não precisar realizar reformas a fundo - o presidente Juscelino Kubitschek favoreceu a continuidade da distribuição de leites enlatados.

Vendo na ideologia da Guerra Fria uma oportunidade para barganhar com a potência líder do Ocidente, propôs o Pan-Americanismo¹⁵⁴, que, a seu ver, transformaria o Brasil num líder latino com capacidade de exercer pressão sobre esta potência, e ao mesmo tempo garantia-lhe recursos para executar medidas que diminuiriam tensões sociais em Estados como Pernambuco, palco de conflitos.

¹⁵¹ **Diário de Pernambuco**, 18/03/1955, p.14.

¹⁵² SILVEIRA, Pelópidas. Pelópidas Silveira (depoimento, 1978). Rio de Janeiro, CPDOC, 2005. 41p. p.17. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/historiaoral/arq/Entrevista734.pdf> Acessado em: 05.03.10.

¹⁵³ “JK – Mensagem”. In: CARDOSO, Miriam Limoeiro. **Ideologia do Desenvolvimento** – Brasil: JK- JQ. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, p. 185.

¹⁵⁴ A operação Pan-Americana tinha como lema a defesa dos interesses latino-americanos, sendo apresentada como um esforço conjunto das nações latino-americanas para vencerem o desafio do subdesenvolvimento e da pobreza. Ao tomar a iniciativa de se dirigir ao governo dos Estados Unidos, o presidente se antecipava às outras possíveis lideranças latinas.

Em virtude da explosão revolucionária ocorrida em Cuba, logo a proposta de Juscelino transformou-se no Programa da Aliança para o Progresso, um jeito econômico que a potência ocidental encontrou para garantir a sua estabilidade. Formulado de acordo com os interesses norte-americanos, a assimetria de poder entre os participantes era visível. Para os EUA, sem gastar com defesa, a ajuda econômica garantiria seus objetivos mais imediatos de contenção do inimigo. Para o Brasil, a tônica assistencialista servia aos interesses do Estado e espalhava-se no cotidiano por meio da doação de alimentos, entre eles, o leite enlatado.

Em virtude de o discurso desenvolvimentista pontuar que o estilo de vida do “mundo livre” seria o responsável pelo progresso, foram propagandeados como verdadeiro benefício, o sinônimo da abundância e a materialização da positividade da indústria (confiável, evoluída, desenvolvida). Segundo Baudrillard, *“Ainsi les peuples (sous-développés) vivent-ils l’(aide) occidentale comme quelque chose d’attendu, de naturel, et qui leur était dû depuis longtemps. Comme une médecine magique.”*¹⁵⁵

Havendo alcançado um lugar de destaque no cotidiano da cidade por todas as razões anteriormente explanadas, o binômio mamadeira-leite reforçava-se ao ter no governo o seu patrocinador legítimo. Ao pensar em manobras políticas que beneficiassem seus governos mais do que no melhoramento do nível de vida das populações, os governantes, sob o pretexto da liberdade e da democracia, estimulavam o uso cotidiano dos leites enlatados. Seguindo por este caminho, chegou-se a uma encruzilhada, na qual a solução dos enlatados levava a um terrível espetáculo de desastre nutricional.

3. ‘O ÊXODO MAMÁRIO’: O IMPACTO DA TRANSFERÊNCIA DOS SEIOS PARA OS BICOS DAS MAMADEIRAS

*“As cidades formam sempre o reino privilegiado do valor de troca. A modernização as torna o verdadeiro império das seduções, a moeda mais atrativa e envolvente para acelerar ainda mais as trocas. As forças da propaganda e do consumo, as novidades produzidas pelas indústrias, mexeram profundamente com o cotidiano das pessoas.”*¹⁵⁶
(Antônio Paulo Rezende)

¹⁵⁵ “Desta maneira, os povos (subdesenvolvidos) vivem a (ajuda) ocidental como algo de esperado e de natural, que desde há muito lhes era devido. Consideram-na como medicina mágica.” In: BAUDRILLARD, Jean. **La société de consommation: ses mythes, ses structures.** Paris: Denoel, 1970, p. 29.

¹⁵⁶ REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)Encantos Modernos – Histórias da Cidade do Recife na Década de Vinte.** Recife: FUNDARPE, 1997. p. 57.

Evidenciando os condicionamentos sociais, econômicos, políticos e culturais que, nos anos 50/60, transformaram o consumo dos leites enlatados em sinônimo de modernidade em virtude de argumentos pautados no progresso, procuraremos agora demonstrar como o desmame precoce, decorrente desta situação, contribuiu para a morte de milhares de crianças na cidade.

A facilitação do contato dos bebês com as mamadeiras privou-os paulatinamente da proximidade com o seio materno. Esta situação colocava em risco os frágeis organismos infantis porque, com mecanismos imunológicos próprios ainda precários no momento do nascimento, criava-se uma situação de vulnerabilidade infantil¹⁵⁷ a um número significativo de bactérias, vírus e também protozoários. Segundo dados da OMS,

Resultados de estudos epidemiológicos, clínicos, comportamentais e de base experimental, em praticamente todas as regiões do mundo e sob diversas condições, firmaram um consenso sobre a importância do aleitamento materno como fator ímpar de promoção e proteção da saúde materno-infantil.¹⁵⁸

Isto é explicado pelo fato de o leite materno possuir substâncias protetoras que favorecem o desenvolvimento do sistema imunológico do bebê. Segundo Lopes, *“o leite materno concentra 4 mil células/mL, um verdadeiro exército que, em termos de defesa imunológica, transforma o leite numa espécie de ‘sangue branco’.”*¹⁵⁹ Este sistema atua principalmente na parede intestinal do bebê que, apresentando-se muito permeável, protege-o contra germes e alergias. O poder de proteção do aleitamento materno é tão expressivo que,

¹⁵⁷ Vários estudos foram publicados ressaltando a importância do aleitamento exclusivo até os 6 meses. Estes estudos serviram de base para reformulações de políticas internacionais, inclusive da UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), que estimularam positivamente a prática. Segundo Toma e Rea, revisões sistemáticas realizadas pelo Cochrane Database e Cochrane Controlled Trials Register levaram a 2.668 trabalhos publicados em diversos bancos de dados. Destes, 20 selecionados (9 experimentos controlados e 11 observacionais) demonstraram que “bebês amamentados exclusivamente apresentam menor morbidade por diarreia em comparação com aqueles que receberam aleitamento materno junto com alimentos complementares aos 3-4 meses (...) além da prática também mostrar-se importante para a saúde da mulher.” Ainda segundo as autoras, estes estudos desmistificaram as afirmações referenciadas pelo Centro Nacional para Estatísticas em Saúde dos Estados Unidos que “diziam ser mais lento o crescimento em crianças exclusivamente aleitadas em detrimento das que recebiam fórmulas infantis In: TOMA, Tereza Setsuko; REA, Marina Ferreira. **Benefícios da amamentação para a saúde da mulher e da criança:** um ensaio sobre as evidências. Cadernos de Saúde Pública. vol.24 suppl.2. Rio de Janeiro, 2008.

Disponível em: www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102311X2008001400009&script=sci_arttext
Acessado em: 04/04/2011.

¹⁵⁸ World Health Organization. Evidence on the long-term effects of breastfeeding: systematic reviews and meta-analyses. Geneva; 2007. In: CAMINHA, Maria de Fátima Costa, et. al. **Tendências Temporais e fatores associados à duração do aleitamento materno em Pernambuco.** Revista de Saúde Pública. 44(2):240-8. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/rsp/v44n2/03.pdf> Acessado em: 10/04/10.

¹⁵⁹ LOPES, José Roberto. In: REGO, José Dias. (Org.) Op. Cit.p.13.

segundo Vilneide Braga, coordenadora do Banco de Leite Humano do Instituto Materno Infantil de Pernambuco (IMIP), “o leite humano tem mais de 250 fatores de proteção conhecidos.”¹⁶⁰

As vantagens nutricionais são inúmeras. As proteínas específicas formadas por aminoácidos garantem não só o desenvolvimento dos músculos, mas, também, do cérebro. Estas proteínas estão presentes de forma tão significativa na composição do leite materno que mesmo mães malnutridas apresentam um teor satisfatório deste elemento. O mesmo não acontece com a gordura, cuja quantidade é afetada de acordo com a dieta da mãe. No entanto, por ser rica em ácidos graxos poli-insaturados de cadeia longa, é perfeita para formação do sistema nervoso central. Além disso, o açúcar presente no leite humano não apenas serve como fonte energética para os pequenos organismos, como também fermenta no intestino dos bebês, possibilitando a formação de lactobacilos, que protegem esta flora de infecções.

Os sais minerais presentes no leite materno, como cálcio e fósforo, também contribuem para o excelente desenvolvimento das crianças. Existentes em quantidades e proporções adequadas, não sobrecarregam os rins, ainda imaturos, dos lactentes. Mesmo contendo pouca quantidade de ferro, responsável pela prevenção de anemias, a biodisponibilidade deste elemento faz com que ele seja absorvido em 50%, o que dispensa a suplementação deste mineral. A quantidade de água presente no leite humano também dispensa o seu oferecimento extra, uma vez que, mesmo em localidades de clima quente, este leite garante a hidratação dos bebês.

Muitas vitaminas hidrossolúveis e lipossolúveis são encontradas no leite materno. Consumidas diretamente do seio, não sofrem perdas no trajeto para o corpo do bebê, contribuindo sobremaneira para o seu desenvolvimento. Um dos nutrientes fundamentais nesta categoria é a vitamina A. Mamando, o recém-nascido encontra nesta vitamina importante proteção para ectoderme. Além disso, ela também é indispensável fonte para o desenvolvimento do esqueleto, para o reforço do sistema imunológico e para os mecanismos que atuam benéficamente sob a visão.

Segundo prevê o Ministério da Saúde, *“a baixa na reserva de vitamina A no organismo pode aumentar o risco de morbidade por diarreia e infecções respiratórias e*

¹⁶⁰ “Campanha defende amamentação e alerta grávidas para o risco da gripe A”. Disponível em: <http://www.revistaalgomais.com.br/noticias/noticiaClicada.php?not=3505>. Acessado em: 14/08/10.

mortalidade”¹⁶¹. Ao ser privado da amamentação, principal meio de fornecimento desta vitamina, os bebês sofrem efeitos perversos, resultantes desta carência. Segundo Malaquias Batista Silva, “*dentre as deficiências nutricionais de maior importância epidemiológica, está a hipovitaminose A.*”¹⁶² Assim, o impacto nutricional resultante da falta da amamentação é significativo.

Do ponto de vista cognitivo, o contato físico entre a mãe e o filho durante a lactação diminui a ocorrência de distúrbios comportamentais. O conforto e o fortalecimento emocional do contato com a mama favorecem a formação positiva da criança enquanto indivíduo. Ademais, a ocitocina, hormônio abundante na nutriz, produz as contrações uterinas e estimula a fluidez do leite. Quando liberada, favorece também uma resposta psíquica que promove a interação entre mãe e filho, além de beneficiar a saúde da mulher diminuindo, inclusive, as chances de desenvolvimento de câncer ginecológico.

Eficientemente disponível e na temperatura certa, o leite materno também oferece vantagens econômicas. Ele não sacrifica o orçamento familiar e sua adoção não é problema para o bolso das famílias. Todas as contas da literatura médica apontam que a compra de alimentos a serem oferecidos às mães que amamentam sai bem mais barato que a compra de leites em lata para alimentar um bebê. Assim, os efeitos benéficos do aleitamento materno oferecem infinitos ganhos à saúde da infância.

No entanto, transformado o desmame precoce num ato regular, o binômio mamadeira-leites enlatados, que foi utilizado largamente na cidade no período estudado, trouxe inúmeros problemas. Além de privar os bebês de todos os benefícios acima descritos, deixando seus organismos fragilizados e expostos, estes leites industrializados precisavam ser diluídos. Necessitando de água para diluir as fórmulas lácteas, mas sem acesso à água limpa e vivendo em precárias condições sanitárias, só havia uma saída à maioria dos habitantes pobres do Recife: a água suja que os circundava. Esta água, que se transformava em leite nas

¹⁶¹BRASIL. Ministério da Saúde. **Cadernos de Atenção Básica: carências de Micronutrientes**. Ministério da Saúde, Unicef; SCHIMITZ, Bethsáide Abreu Soares; BATISTA FILHO, Malaquias (colaboração). Carência de Micronutrientes. In: Cadernos de atenção Básica. n.20 série A – normas e manuais técnicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. p. 21.

¹⁶² Batista Filho M, Rissin A. Deficiências nutricionais: ações específicas do setor de saúde para o seu controle. *CadSaudePubl* 1993;9(2): 130-135. In: SOUZA, Walnéia Aparecida, BOAS, Olinda Maria. **A deficiência de Vitamina A no Brasil: um panorama**. Revista Panamericana de Salud Pública. vol.12 no.3. Washington, Sept. 2002. Disponível em: http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1020-49892002000900005 Acessado em: 30/01/11.

mamadeiras de milhares de crianças, levava à diarreia em face da contaminação por germes patogênicos. Ademais, sem fogão e muitas vezes sem panelas adequadas para esterilizar as mamadeiras, o resultado era duplamente impactante.

Sem dúvida, o submundo da miséria com a sua péssima qualidade de vida era o grande responsável por esta situação, mas a manipulação necessária à preparação dos leites artificiais e o uso de mamadeiras dava a sua contribuição a esta realidade. Sem condições adequadas de higiene— *“estimava-se que 60% da população do Recife morava em mocambos, palafitas, mangues e favelas”*¹⁶³ —, o resultado era fatal:

As casas populares do Recife, casas em que mora a maioria esmagadora da população da terceira capital brasileira, oferecem um espetáculo de miséria aterradora. Tudo falta nos bairros populares, desde alimentação, prejudicada pela intensiva carestia de vida, à água, ao espaço, à luz.¹⁶⁴ [...]

Por outro lado, as casas do Serviço Social contra o Mocambo, na sua maioria, encontram-se dentro de poças d'água, constituem verdadeiras ilhas, a lama que as circunda é casa de todos os tipos de insetos. [...] Não há quem suporte as muriçocas e o maruim. As crianças quase não dormem, o aparelho está entupido, as fezes não descem, é uma verdadeira miséria.¹⁶⁵

De fato, uma miséria. Sem os anticorpos do leite materno e expostos constantemente à água suja, os bebês desenvolviam um quadro de desnutrição que geralmente evoluía para a morte. Segundo o IBGE, na década de 1950, os índices de mortalidade infantil¹⁶⁶, ou seja, o número de mortes ocorridas no primeiro ano de vida, dentro de cada grupo de 1.000 recém-nascidos, era de 118,10¹⁶⁷, chegando a 131,20¹⁶⁸ em meados de 1960.

¹⁶³PAGE, Joseph. **A Revolução que nunca houve**. O Nordeste do Brasil 1955-1964. Rio de Janeiro: Record, 1972. p.23.

¹⁶⁴**Folha do Povo**, 10/04/1955, p.01.

¹⁶⁵ **Folha do Povo**, 07/04/1955, p. 04. As duas reportagens foram transcritas juntas em virtude de terem sido publicadas na mesma semana, em encadeamento, com títulos bem semelhantes — “Condições de Vida Insuportáveis na Vila Popular do Engenho do Meio” e “Situação Calamitosa no Engenho do Meio”.

¹⁶⁶Estes índices refletem, de maneira geral, as condições de desenvolvimento socioeconômico e infraestrutura ambiental, bem como o acesso e a qualidade dos recursos disponíveis para atenção à saúde materna e da população. Costuma-se classificar o valor da taxa como alto (50 mortes ocorridas, ou mais, por mil recém-nascidos), médio (20 a 49 mortes ocorridas por mil recém-nascidos) e baixo (menos de 20 mortes ocorridas por mil recém-nascidos). Estes parâmetros passam por revisões periódicas em função de mudanças no perfil epidemiológico. Apud, REDE Interagencial de Informação para a Saúde - Ripsa - Indicadores Básicos para a Saúde no Brasil: conceitos e aplicações. 2ª. ed Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2008.

¹⁶⁷ IBGE, Departamento de Pesquisas Econômicas/Coordenação de Pesquisas e Indicadores Sociais (COPIS)/Gerência de Estudos e Análise da Dinâmica Demográfica - GEADD. Disponível em http://www.ibge.gov.br/series_estatisticas/exibedados.php?idnivel=BR&idserie=CAJ262. Acessado em: 18/10/2009.

¹⁶⁸Idem.

Nestes números, a diminuição da amamentação era implacável¹⁶⁹. Segundo Lopes, “Diarréias são 20 vezes mais freqüentes em crianças que sofrem desmame precoce”¹⁷⁰. Ao contrário do leite materno, os leites de vaca, in natura ou industrializados, que muito frequentemente sensibilizam a mucosa intestinal da criança, facilitavam o desenvolvimento das infecções. Além disso, produzindo coliformes fecais em vez dos benéficos lactobacilos como resultado da digestão, o seu uso indiscriminado como produto cotidiano afetava sobremaneira o dia-a-dia dos infantes. Esta perigosa relação já era conhecida na época, e o aleitamento materno, também já visto como um meio preventivo para minimizar situações de risco da saúde infantil.

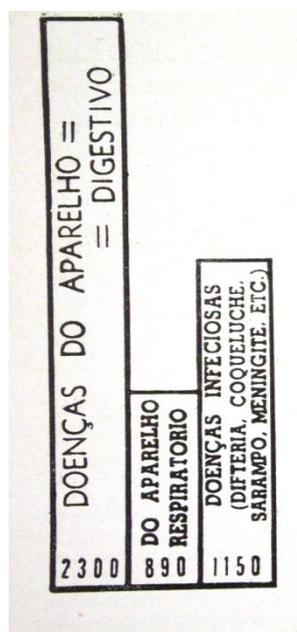


Figura 31: Doença do aparelho digestivo é a principal causa da mortalidade infantil
Fonte: Dr. Wittrock. Guia das Mães, 1947. p.53.

¹⁶⁹ Segundo Victora, o leite oferecido à criança tem grande influência sob os riscos de morte por diarreia e doenças respiratórias, mesmo atualmente, onde as condições de saneamento são bem melhores que nas décadas de 50/60. Em seu estudo, ao serem comparadas com crianças desmamadas, as crianças exclusivamente amamentadas “tiveram um risco 14,2 vezes menor de morte em decorrência de diarreias no seu primeiro ano de vida.” “As crianças menores de 2 meses tiveram um risco de vida 23,3 vezes maior que as amamentadas.” Estes números são reveladores já que a lógica aplicada indica que não são 23 de um grupo de 1000 que morrem, mas sim que enquanto morre um do primeiro grupo amamentado exclusivamente, morrem 23 dos que não tiveram a amamentação exclusiva. In: VICTORA, César G; SMITH, Peter G; VAUGHAN, J Patrick; NOBRE, Letícia C; LOMBARDI, Cintia; TEIXEIRA, Ana Maria; et al. **Evidence for protection by breast-feeding against infant deaths from infectious diseases in Brazil**. The Lancet, 1987. vol.330.pp. 319-322.

Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/2886775>

Acessado em: 20/04/2011.

¹⁷⁰ LOPES, José Roberto. In: REGO, José Dias.(Org).Op. Cit.p.14.

O gráfico se empenha em mostrar que as doenças do aparelho digestivo matavam mais bebês do que, juntas, as do aparelho respiratório e as doenças infecciosas (como difteria, sarampo e coqueluche). Segundo o texto que o acompanha, 9/10 das mortes por estas doenças ocorriam em virtude do uso dos leites enlatados. Assim sendo, apesar de muitos dos conhecimentos científicos citados sobre o aleitamento materno serem recentes, os benefícios do regime alimentar pautado na amamentação eram evidentes para a comunidade médica naquele período.

No entanto, na falta da propaganda sobre os benefícios do aleitamento e da promoção de sua prática, aplainava-se o terreno para que o marketing das indústrias alimentares avançasse vertiginosamente. Este marketing sustentava-se na sugestão de pouco valor à cultura *tradicional* da amamentação em nome do *progresso* empregado na fabricação de tais leites. Doravante, a amoralidade política esquivava-se de políticas de saúde pública sistemáticas e efetivas. Preferindo os paliativos assistencialistas, mostrava o desinteresse pelo bem-estar das populações. O resultado combinado destes fatores era o incremento no consumo dos substitutos do leite materno.

As importações de leite em pó e de leite condensado vai em crescendo enorme (...) Quem pode compra o seu leite em pó, sempre fácil de preparar e sempre de boa qualidade. Os que podem menos, se contentam com o leite condensado, que é um produto também garantido.¹⁷¹

Foi aprovada uma partida de leite em pó para crianças e lactantes do Nordeste brasileiro. O leite em pó representa a maior partida já doada a qualquer país pelos Estados Unidos (...) Calculado na base de 40 gramas por dia para cada pessoa, dará para dois milhões de pessoas durante o período de um ano.¹⁷²

Esta situação de consumo socialmente inconveniente descortinava como o mosaico da urbanização descontrolada do meio do século XX trazia cada vez mais elementos que iam agregando-se e dificultando sobremaneira a vida das populações nas urbes. Os problemas de habitação, saúde, alimentação, segurança cresciam, mas o país subdesenvolvido, empolgado com a industrialização, com os discursos dos “50 anos em 5”, enfatizava a imagem positiva de cidades em construção, em movimento. Construindo um padrão de circulação urbana, orientava o caminho do olhar. “*Diario de Pernambuco e o Pôrto do Recife viram a cidade*

¹⁷¹ **Diario de Pernambuco**, 19/03/1955, p.04.

¹⁷² **Jornal do Commercio**, 16/07/1961.p.02.

crecer”¹⁷³, dizia a reportagem do jornal que ressaltava as obras, os trabalhos de recuperação e as construções. As imagens relacionadas representavam obras inacabadas, fotos tiradas no sentido ascensional, efeitos de crescimento. Evidenciando a modernização e o progresso, concretizava-se uma verdadeira pedagogia social que indicava nos “novos tempos”, uma aura de modernidade. No entanto, como diria Kahn, o imperador e personagem do livro de Calvino, há cidades que pesam sobre o solo e sobre os homens, crescer com leveza é uma raridade.

Feliz é aquele que todos os dias tem a cidade ao alcance dos olhos e nunca acaba de ver as coisas que ela contém’, exclama-se triste por ter deixado a cidade depois de tê-la olhado apenas de relance. Sucede, no entanto, de permanecer e passar ali o resto dos seus dias que a cidade logo se desbota, apagam-se os florões, as estátuas sobre as mísulas, as cúpulas (...) Todos os habitantes distinguem-se entre zonas de sol e zonas de sombra (...) Os percursos são traçados entre pontos suspensos no vazio(...) Milhões de olhos erguem-se diante de janelas e pontes e é como se examinassem páginas em branco.¹⁷⁴

As famílias do interior, atraídas pela miragem da cidade grande, pelos boatos de uma vida melhor, inchavam estes espaços. No entanto, o espetáculo que as aguardava era de desorganização. A cidade do Recife, não suportando a grande densidade populacional, tornava-se centro de grandes problemas humanos. Logo, a culpa pelos problemas urbanos foi atribuída aos migrantes, aos que vinham de fora. Ou seja, não bastasse serem excluídos, marginalizados, subempregados, desnutridos, ainda foram culpados pela falta de planejamento e de políticas públicas adequadas.

Ademais, como a modernização industrial e a conseqüente urbanização eram tidas como sinônimo de modernidade, e este pensamento foi ajudado pela ideia de um novo tempo - bastava observar a quantidade de novidades que invadiam o cotidiano -, as contradições presentes nesta “modernidade”, como é o caso da crescente desigualdade social, eram levadas ao entendimento do povo como partes integrantes do processo de mobilização para o desenvolvimento que logo atingiria a todos, se todos contribuíssem. Este pensamento pode ser exemplificado pelos discursos do então presidente Kubitschek, que pedia calma e paciência aos menos favorecidos, calcando-se na antiga tese de “aumentar o bolo” para depois reparti-lo em fatias maiores.

¹⁷³ **Diário de Pernambuco**, 06/11/1955. Diário Social, p.15.

¹⁷⁴ CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. pp. 85-86.

A meta real é a remoção das diferenças iníquas, a construção de uma sociedade mais justa, de uma convivência mais humana, onde o homem não seja o lobo do homem, e onde a sede de inovações, estimulada pelo exemplo das nações mais poderosas, possa ser satisfeita, por uma distribuição equitativa de riquezas, produzidas em paz pelo trabalho coletivo.¹⁷⁵

Mensagens como esta possuíam um efeito e um alcance imenso na sociedade, não só porque traziam esperança, mas, principalmente, por fazer parte de um raciocínio que prometia instaurar uma nova mentalidade no país a fim de generalizar o que antes era destinado a só alguns setores sociais. No entanto, o que se percebia era que as promessas sedutoras dos ‘novos tempos’ logo se desmanchavam na realidade das famílias mais pobres, incidindo de forma massacrante sob a realidade infantil. Para Chaves, “*os fatores econômico-sociais influem, segundo a antropologia física, nas condições do ambiente físico, o qual, por sua vez, tem interferência decisiva nas condições biológicas e sociais dos povos. Há, incontestavelmente, um círculo vicioso de inter-relações e interdependência.*”¹⁷⁶ Os bebês, vindo muitas vezes deteriorados, à imagem e semelhança de mães e ambientes familiares precários, mal nascidos já conheciam a dura realidade. A “modernidade” lhes dava boas-vindas: apartados das suas mães no nascimento, encontravam nos frios berçários o fato de lhes ser negado, inclusive, o que a natureza lhes dava de graça – o leite de suas mães. As carências nutricionais intrauterinas agora eram mais fortes. Sofrendo a febre dos leites enlatados, muitas vezes eram expostos a leites mal diluídos.

Para as mães que recebiam os leites do governo, via amostra grátis da indústria, ou tendo-os comprado com sacrifício, o senso matemático sofria a imposição dos dias do mês. Para que rendessem, apelava-se para diluição excessiva, o que, em termos nutricionais, representava um verdadeiro desastre! “*Aí lascava. Aí, enquanto a Nestlé estava dando[o leite] tudo bem. Depois não tinha condição de dar. Aí começava a diluir para poder dar.*”¹⁷⁷ Segundo a memória da dra. C, a força da expressão “*Aí lascava*” demonstra a situação miserável em que eram postas as crianças. Indefesas perante o comércio implacável e a frequente omissão da prática pediátrica, sobreviviam sem dignidade e com sofrimento

¹⁷⁵ JK – “A marcha do Amanhecer”. In: CARDOSO, Miriam Limoeiro. **Ideologia do Desenvolvimento** – Brasil: JK- JQ. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. p. 192.

¹⁷⁶ Alimentação e Saúde Pública. Revista Brasileira de Medicina Pública. Rio de Janeiro, v.4, n. 19-20, p.41-56, 1948. In: CHAVES, Nelson. **Alimentação e Sociedade: a inter-relação dos aspectos antropológicos, culturais e sociais com a nutrição**. Recife: CEPE, 2009. p.9.

¹⁷⁷ Entrevista dra.C, 27/12/10, IMIP.

mediante a bem-intencionada matemática de suas mães que, convencidas pelo ‘capitalismo inclusivo’ de que tinham direito ao ‘progresso’, ao ‘ser feliz’, agora travavam uma batalha contra a morte de seus rebentos. Daí percebermos a imensa capacidade de adaptação do capitalismo global que, passando a dialogar com os miseráveis, explora sua última fronteira de acumulação¹⁷⁸.

O resultado é a preparação de leites superdiluídos porque os padrões de vida são frequentemente tão baixos que os leites são demasiado caros para ser adquiridos em quantidades suficientes que permitam uma alimentação adequada (...). E condições anti-higiênicas inadequadas para cozinhar e esterilizar mamadeiras e bicos.¹⁷⁹

Em função da tática da diluição, ou por pobreza – para que rendesse até o próximo mês – ou por ignorância – em contabilizar medidas matemáticas –, milhares de bebês foram atirados aos (des)encantos da modernidade, uma vez que outra realidade bastante comum era o fato de as mães, em maioria analfabeta, não conseguirem operar com as frações indicadas nos rótulos.

Para mais ou para menos, as consequências eram sempre maléficas. Em os bebês adoecendo, a negativa em se associar a fraqueza infantil ao uso dos leites enlatados deveria ser uma frequente, uma vez que a confiabilidade da marca geralmente levava às imagens de crianças saudáveis, lindas e cheias de vida. Ao associar a logomarca da Nestlé, um ninho, a segurança, natureza, nutrição, família e infância, evocam-se atalhos instantâneos no cérebro, que ajudam a tomar decisões. A intensa utilização de imagens de bebês reforçam esta ideia, pelo fato de a imagem dos pequenos surtir um efeito poderoso¹⁸⁰ sobre a receptividade de uma marca.

¹⁷⁸Este mecanismo ainda mantém-se atualmente. Segundo Dupas, “A percepção de importância do mercado dos pobres avança célere. A Nestlé do Brasil descobriu, por exemplo, que uma lata de leite condensado, em regiões pobres do país, é presente de aniversário. Em entrevista à imprensa ela anunciou que esse produto, com embalagem dourada e laço impresso de fita vermelha, será o novo mascote da empresa no país.” In: DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso:** ou o progresso como ideologia. São Paulo: Unesp, 2006, p. 161.

¹⁷⁹MULLER, Mike. **O Matador de Bebês. Uma investigação da “War onWant” sobre a promoção e venda de leite em pó para bebês no Terceiro Mundo.** Londres: War onWant, 1974. Tradução Instituto Materno Infantil de Pernambuco – IMIP. Recife: 1995. p. 58.

¹⁸⁰ Segundo Lindstrom, em um estudo da Universidade de Oxford envolvendo uma técnica de produção de imagens, conhecida como magnetoencefalografia, o neurocientista Morten L. Kringlebach pediu para que 12 adultos realizassem uma tarefa no computador enquanto rostos de bebês e adultos (com a mesma expressão) eram projetados em uma tela próxima. Segundo a Scientific American, ‘embora os voluntários em última instância processassem os rostos usando as regiões cerebrais que normalmente realizam uma tarefa deste tipo, todos os participantes mostraram uma reação inicial distinta apenas aos rostos de bebês.’ Mais especificamente, ‘em um sétimo de segundo, acontecia um pico de atividade no córtex orbitofrontal medial, uma área acima da órbita ocular ligada à detecção de estímulos gratificantes.’ In: LINDSTROM, Martin. **A lógica do Consumo:** verdades e mentiras sobre por que compramos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p. 37.



Figura 32: Bebê Nestlé

Fonte: Nestlé, *A Maior das Maravilhas... Meu filho*. 1968, p.38

A imagem do bebê que olha fixamente para o espectador segurando a mamadeira quase vazia com uma mão e a roupa com a outra num movimento gracioso inspira confiança. Com feições de satisfação, este bebê convida quem o observa a admirá-lo. Sua vivacidade e saúde transbordam pela imagem, que em close aproxima-o do observador. A roupa fluida branca completa o cenário pacífico e *natural* do alimentar-se via mamadeira. Para a maioria das mães pobres, que se encontravam com os filhos desnutridos, magros e atrofiados nos braços, esta imagem era o exemplo a ser seguido. Segundo Lindstrom, “*Em relação às marcas, nosso cérebro evoca e rastreia uma quantidade incrível de lembranças, fatos e emoções; e as compacta em uma reação rápida (...) Esses atalhos cerebrais tem um nome: marcadores somáticos.*”¹⁸¹ Assim, era muito difícil conter esta situação, tanto porque as mães não tinham mais leite materno para oferecer – uma vez que sem estímulo de sucção não há leite – como porque ao retornar aos seus lares dos hospitais, o ciclo dos enlatados se iniciaria novamente.

Segundo a dra. C, “*Outros precisavam. Então a gente ficava, quando melhorava, a gente mandava para casa. Coisa de quinze dias depois voltava desnutrido de novo, com diarreia, vômito. Quer dizer, morria com desidratação.*”¹⁸² No depoimento da dra. C, fica visível a imagem de “curador” que tem o médico. Observando as “evidências”, a prática clínica limitar-se-ia a administrar tratamentos. Este entendimento confere a ele um poder de

¹⁸¹ LINDSTROM, Martin. *A lógica do Consumo: verdades e mentiras sobre por que compramos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 115.

¹⁸² Entrevista dra.C, 27/12/10, IMIP.

controle que mitifica o seu ofício muito mais como aquele que *salva* do que aquele que pode *prevenir*. Pode-se perceber, então, o volume intenso de atendimentos destes casos.

O conflito de ter de mandar bebês para casa pelo fato de “outros precisarem” ressalta também as limitações da saúde pública na cidade. Sem uma política eficiente de incentivo à amamentação e na falta de uma legislação que controlasse o acesso das fórmulas lácteas nas unidades de saúde, instituía-se uma nova cadeia destas relações: as indústrias agora também ofereciam às mães fórmulas para conter as diarreias, os quadros só se agravavam. A indústria, por sua vez, lucrava com os dois tipos de fórmulas, todas compreendidas como benéficas em face do nível de estabilização da marca. “A *diarréia se constitui num mal que atinge com frequência os lactentes, principalmente nos meses de verão. Arobon, produto à base de farinha de alfarroba, é indicado para o tratamento dietético das diarreias dos lactentes.*”¹⁸³



Figura 33: Arobon: alimento dieto-terapêutico
Fonte: NESTLÉ, *A Maior das Maravilhas... Meu Filho*. 1968. p.34.

Novamente, a imagem da mãe feliz, que cura a diarreia de um bebê que nada tem de desnutrido, dessemelhava-se em muito da realidade. Vendendo a saúde pela beleza, vendia-se morte como vida. Milhares de mães entraram neste círculo vicioso do que se chamou de “mal

¹⁸³NESTLÉ. *A maior das Maravilhas... Meu Filho*. 1968. p.34.

nutrição comerciogênica”¹⁸⁴. Suspensa sobre o abismo, a condição de vida dos bebês era cada dia mais incerta.

Os bicos das mamadeiras representavam outra fonte de contaminação perigosa. Como não vinham cortados, várias mães faziam furos com tesouras, facas, alicates, muitas vezes sujos e enferrujados. O tétano se espalhava, as infecções de todos os tipos, as desnutrições, as más-nutrições, as fraquezas que facilitavam as doenças como o sarampo. E os corpos desgastados, os músculos contraídos. A paisagem era de um cemitério de bebês. Conforme a dra. C:

Em virtude da contaminação do leite. Era uma coisa! Tinha enfermaria que só tinha desnutrido. A gente só tratava os desnutridos. Quando o desnutrido começava a rir a gente começava a se animar. Porque chegava arrasado. Era impressionante. Aí pegava sarampo, que não era vacinado, aí dizia: “morreu de sarampo”. Não morreu de sarampo, morreu de desnutrição. Era impressionante. Tinha dia que morria três, quatro. Parecia pinto.¹⁸⁵

A expressão à qual se refere a dra. C, “*Parecia pinto*”, choca a descrição. Com desnutrições e desidratações gravíssimas, combinação da pobreza e do uso dos leites enlatados, os pequenos, encolhidos, vulneráveis, não esboçavam um movimento. Os olhos distantes, vitrificados, eram o retrato da simbiose do *moderno* versus *atrasado*. Dos contrários que se completavam num teatro dramático. Era impossível medir os custos em termos econômicos de sofrimento e de desperdício de vidas humanas. A degradação física como sinal de desnutrição evidenciava a espoliação orgânica.

Enfraquecidos pela pobreza de um desenvolvimento mal conduzido e retirados dos seios de suas mães, os bebês apresentavam-se aos milhares num retrato cru.

¹⁸⁴CLEMENT, Doug e CHETLEY, Andy. “Escapatorias: El código que quierela Industria”. In: **El Pecho es Mejor: de La teoría a la practica**. GENEBRA: IBFAN, 1983. p.02.

¹⁸⁵Entrevista dra. C, 27/12/10, IMIP.



Figura 34: Êxodo do progresso
Fonte: Dr. Wittrock. Guia das Mães, 1948,p.135.

Ao concebermos este processo degenerativo infantil como produto da modernidade, percebemos o quanto a força deste argumento se disseminou na sociedade brasileira desvendando o tamanho de sua amplitude e complexidade.

Percebemos, desse modo, que o problema da fome endêmica se desloca do plano científico, nutricional e médico para um campo muito mais amplo e complexo, de solução muito mais difícil: o econômico-social e político. Os programas assistenciais e preventivos em benefício dos grupos mais vulneráveis da população têm importância e são necessários. Mas somente atitudes políticas racionais e corajosas poderão, realmente, mudar o rumo dos acontecimentos e oferecer melhores perspectivas para a humanidade, que se debate numa das maiores crises de sua história.¹⁸⁶

Desta forma, não podemos dissociar as relações entre os fatores biológicos e sociais. Segundo Malaquias Batista Filho, “*A desnutrição faz com que as doenças se tornem bem mais frequentes. Doença significa má qualidade de vida.*”¹⁸⁷ Estas imbricações mostram como diferentes circunstâncias somadas naquele período histórico conduziram os indivíduos a um cotidiano no qual os impactos sociais resultantes da ilusão de modernidade atuaram negativamente em suas vidas.

Assim, como os sedentos do interior que migraram para a urbe caótica encontraram um espetáculo de desolação, a maioria dos bebês que migraram dos seios para os bicos das

¹⁸⁶ CHAVES, Nelson. **Nutrição Básica e Aplicada**. Rio de Janeiro: Koogan, 1978,p. 327.

¹⁸⁷BATISTA FILHO, Malaquias. “Entrevista”. In: DABAT, Christine Yves Rufino. **Moradores de Engenho: Relações de trabalho e condições de vida dos trabalhadores rurais na zona canavieira de Pernambuco segundo a literatura, a academia e os próprios atores sociais**. Recife: Universitária, 2007.p.398.

mamadeiras tinham seu fim na desnutrição. Os dois êxodos, ligados às mesmas promessas do progresso, demonstram que os ‘Anos Dourados’ não brilharam tanto assim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não pretendemos, com o que aqui trazemos, esgotar o tema; nosso propósito é, antes, fomentar o debate e refletir sobre alguns aspectos que se mostram importantes no que diz respeito ao consumo o qual “*é modo dominante de reprodução cultural desenvolvido no ocidente durante a modernidade.*”¹⁸⁸

Dinamizando e agindo como protagonista da sociedade ocidental, o hábito de consumir como sinônimo de liberdade trouxe inúmeros prejuízos para o cotidiano dos indivíduos. Medusados, passaram a acreditar não somente numa liberdade (inexistente), mas também, por meio de um sistema de valores (cada vez mais alimentado pela publicidade), numa igualdade perante os objetos. A multiplicação dos objetos gera um sentimento de otimismo levando a uma ideia de “progresso”, que vai ser patrocinada indistintamente no imaginário coletivo. Entendido como desenvolvimento, adiantamento, qualidade, evolução, esta ideia-força, dotada de univocidade semântica por um discurso hegemônico, afeta sobremaneira o interesse coletivo. Sobre este peso, comenta Lalande, citando Lewis Carrol, através do gnomo Humpty Dumpty, personagem de *Alice no País das Maravilhas*:

‘Quando utilizo uma palavra, ela significa precisamente aquilo que *eu quero* que ela signifique. Nada mais, nada menos.’ Alice contesta que ‘o problema está em saber se é possível fazer que uma palavra signifique montes de coisas diferentes’. Ao que Humpty Dumpty replica altivamente: ‘o problema está em saber quem é que manda. Ponto final.’¹⁸⁹

Os impactos sociais daí decorrentes são inúmeros, e a discussão sobre eles, necessária, na medida em que o conceito de modernidade que foi propagandeado atrelado ao progresso não melhorou necessariamente a qualidade de vida da maioria das pessoas. No caso da América Latina, essa discussão é ainda mais importante. Os EUA e sua economia, interessada em mercados como o latino para escoar sua produção e intermediada pelas multinacionais para gerar lucros, patrocinam situações de contradições visíveis, e elas podem ser utilizadas como explicação para muitos dos problemas e desafios que o continente ainda enfrenta neste período. Isto porque a lógica capitalista não promove a autorregulação do

¹⁸⁸ SLATER, Dom. **Cultura do Consumo e Modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002. p16.

¹⁸⁹ Lalande, André. *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1972, prefácio, p.XII. In: DUPAS, Gilberto. **O Mito do Progresso**; ou o progresso como ideologia. São Paulo: Editora Unesp, 2006. p. 17.

capital. Caberia, portanto, à sociedade, por meio de Estados nacionais e de regulamentações, enquadrá-la em limites procurando controlar a sua tendência incessante de concentração e rentabilidade, que frequentemente ferem interesses legítimos e fundamentais das sociedades. No entanto, constantemente o modelo econômico coopta as regulações. Esta característica é observada particularmente no Nordeste brasileiro, onde o modelo político tradicional oprime e massacra as populações, explorando uma pobreza programada por meio de políticas assistencialistas.

No caso do uso indiscriminado dos leites enlatados ocorrido no período estudado, e que se prolongou¹⁹⁰ por um período maior, verificou-se que a ausência de políticas públicas que estimulassem e promovessem a amamentação e a falta de leis que proibissem a comercialização indiscriminada de tais produtos afetaram sobremaneira a realidade das crianças nascidas, culminando em altos índices de mortalidade infantil. A construção de lactários para disseminar o uso dos leites industrializados evidenciou esta ausência. Ademais, a inexistência de leis - só em 1974, por iniciativa do professor Fernando Figueira, quando secretário de saúde do Estado de Pernambuco, é que se proíbe a distribuição de leite em pó e o uso de mamadeiras nos hospitais públicos – demonstra como a regulação do livre mercado é quem operava.

A ausência de programas governamentais amplos e dirigidos ao aleitamento natural associada à distribuição de leite em pó para crianças, filhas de populações carentes, nos primeiros meses de vida, contribuiu para deixar mais frágil a confiabilidade no aleitamento materno e mais poderosas as associações benéficas em relação aos leites industrializados. O papel governamental é, portanto, crucial não só na elaboração de programas de incentivo ao aleitamento humano como na garantia do direito da mãe de poder amamentar. Educação e garantia fazem parte de um binômio fundamental da promoção deste ato.

No entanto, nenhuma das duas práticas foi observada no período estudado. Não havia preocupações com as dúvidas maternas e o seu cuidado no período pré-natal. “*Não, não havia*

¹⁹⁰ Um exemplo desta afirmação é o fato de o Sr. O. Ballarin, um homem ligado à indústria alimentícia (como indica a referência n. 87 desta dissertação), ser indicado pelo governo militar para fazer parte do Conselho Nacional de Segurança Alimentar (CONSEA).

pré-natal. Elas já vinham na última lona.”¹⁹¹ E, apesar de a licença maternidade existir desde 1932, e de haver assegurado por lei uma espécie de “guarda-bebês” em locais que empregasse mais de 30 mulheres com mais de 16 anos para que eles fossem amamentados em dois turnos de 30 minutos, o papel conciliatório da Justiça do Trabalho não garantia a efetivação destes direitos. Sem poder para fazer valer os direitos se não tiver o conhecimento de infração quanto à aplicabilidade da lei, acredita-se que a prática feminina de procurar a justiça para denunciar a falta de cumprimento de tais questões tenha sido pequena em função do medo às represálias que os patrões poderiam executar. Com medo de perder os salários e de ter de enfrentar uma vida com mais privações, provavelmente muitas mulheres deixaram de procurar a justiça na cidade em relação a este tema. Segundo Varejão, “*de um total de 486 ações impetradas na 6ª região do Tribunal Regional do Trabalho entre 1960 e 1962, somente 31 casos referiam-se a estas questões: 20 em relação ao auxílio-maternidade e 11 em relação ao salário gestante.*”¹⁹² Assim, podemos perceber que, a existência de um direito nem sempre é garantia de que ele seja cumprido. A legislação, portanto, precisa ser enfática também perante as indústrias. O número de códigos¹⁹³ que desenvolveram restrições à comercialização de alimentos para lactentes e as consequentes quedas nos índices de mortalidade infantil corroboram esta assertiva.

Estas restrições, porém, precisam referir-se não somente a indicativos nos rótulos dos substitutos do leite materno de que a amamentação é essencial. O índice de analfabetismo no país ainda é significativo, e o marketing das indústrias gerando valor de boa maternidade no consumo de tais produtos também. Segundo Lindstrom, estas táticas têm efeito contrário na mente do consumidor:

Fiquei aturdido, para não dizer coisa pior: as imagens de advertência nas laterais, na frente e no verso dos maços de cigarros não surtiram efeito algum na supressão do desejo dos fumantes. Zero. Em outras palavras, todas aquelas fotografias repulsivas

¹⁹¹ Entrevista dra. C 27/12/10, IMIP.

¹⁹² Estes dados foram-nos cedidos gentilmente pela mestrandia em História Luciana Varejão, já que fazem parte da sua dissertação de mestrado ainda em elaboração e que logo será concluída por este departamento com o seguinte título: *Nos Fios da Resistência Feminina: O labor e o enfrentamento ao patronato no setor têxtil recifense (1960-1964).*

¹⁹³ Segundo Alencar, “De 1979 a 1981, a OMS e o UNICEF, com apoio de governos e organizações não-governamentais, desenvolvem e aprimoram o Código Internacional de Comercialização de Alimentos para Lactentes, aprovado em 1981 pela Assembléia Mundial de Saúde (AMS) (...) A assinatura e aprovação do Código internacional de Substitutos do Leite Materno marcou o início da priorização da promoção da amamentação no Brasil na década de 1980(...) E assim, do final dos anos 1970 para o início dos anos 1980, o país inicia um processo de reversão do desmame precoce.” In: REGO, José Dias.(Org.) **Aleitamento Materno. Um Guia para pais e Familiares.** São Paulo. Atheneu, 2008. pp. 263-264.

e bilhões de dólares que 123 países investiram em campanhas antitabagistas se tornaram, no final, um grande desperdício de dinheiro (...) As advertências sobre cigarros, haviam na verdade *estimulado* uma área do cérebro dos fumantes chamada *nucleus accumbens*, também conhecida como “ponto do desejo”. Não pudemos deixar de concluir que aquelas imagens de advertência sobre cigarros que visavam limitar o fumo, reduzir a incidência de câncer e salvar vidas, haviam, pelo contrário se tornado um assustador instrumento de marketing para as indústrias do tabaco. A maioria dos fumantes respondeu que achava que as imagens de advertência funcionavam – talvez porque acreditassem que aquela fosse a resposta certa (...) No entanto, como a dra. Calvert concluiu mais tarde, os voluntários não estavam mentindo, mas seu cérebro os havia desmentido. O resultado sobre as imagens cerebrais derrubaram alguns dos pressupostos, mitos e crenças sobre que tipos de publicidade realmente estimulam o nosso interesse (...) eles não ficaram desestimulados por causa das imagens de gordura entupindo artérias, em vez disso, as áreas de desejo foram ativadas porque foram transformados, em segundos, na representação da marca.¹⁹⁴

Assim, como o poder das marcas consegue, na sociedade de consumo, suscitar representações fortes, é necessário que as regulamentações quanto à compra de tais produtos sejam feitas de forma mais rígida. No entanto estas normas devem ser impostas às empresas, pois se acredita que não deve haver imposições às mulheres quanto ao ato de amamentar, a fim de não suscitar o que Elisabeth Badinter chama de “efeito chimpanzé”¹⁹⁵ ou seja, um ato imposto que gere a sensação de reavivar o mamífero adormecido dentro das mulheres e que, por conseguinte, contribua negativamente sob esta prática¹⁹⁶, mas, sim, um conjunto de incentivos, que demonstrem a importância também para a mulher do ato de aleitar o filho não por uma questão somente “natural”. Isto é, uma maior participação e responsabilidade dos profissionais de saúde em relação a este tema enfocando, não só para as crianças, mas também para saúde da mulher, os benefícios da amamentação. Tais programas precisam demonstrar que mesmo que em alguns momentos esta opção seja difícil, ela merece ser valorizada em prol do desenvolvimento humano. Para que estas ações consigam dissipar-se positivamente (inclusive contribuindo para alcançar uma das Metas do Milênio das Nações Unidas de

¹⁹⁴ Estes estudos foram realizados no Centro de Ciências de Neuroimagem, em Londres, na Inglaterra, utilizando-se de um aparelho de Imagem por Ressonância Magnética Funcional (IRMF), que mede a quantidade de sangue oxigenado no cérebro e pode identificar com precisão uma área de apenas um milímetro. Durante o exame de IRMF, quando uma parte do cérebro está sendo usada, aquela região se acende em vermelho. Ao rastrear esta ativação, os neurocientistas podem determinar que áreas específicas do cérebro estão trabalhando num determinado momento. In: LINDSTROM, Martin. **A Lógica do consumo: verdades e mentiras sobre por que compramos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.pp.22-23.

¹⁹⁵ Entrevista Elisabeth Badinter. “Mulheres não são chimpanzés”. Disponível em: <http://noticias.bol.uol.com.br/internacional/2010/08/30/mulheres-nao-sao-chimpanzes-diz-elisabeth-badinter.jhtm>. Acessado em 29/11/10.

¹⁹⁶ Segundo Badinter, a decisão deve ser voluntária para que as mulheres não sejam levadas a uma situação de opressão em virtude de seu sexo. Mal interpretada, a autora está sendo julgada como responsável por levantar bandeira contra a amamentação. Mas a questão dela não é essa, assim como enfatiza que a realidade francesa é bem diferente da dos países em desenvolvimento. Ver: BADINTER, Elisabeth. **Le Conflit: La femme et La mère**. Paris: Flammarion, 2010.

diminuição em 2/3 dos índices de mortalidade infantil para crianças menores de 5 anos até 2015) o Estado precisa garantir o suporte às mulheres que estão aleitando. Isto porque a amamentação pode ser considerada como um transtorno e como uma tarefa pesada e difícil por algumas nutrizes, em virtude de apontarem dificuldades em conciliá-la ao trabalho por exemplo. A educação, o aconselhamento dos profissionais de saúde e a promoção do aleitamento materno exclusivo tem um papel fundamental neste sentido. Um estudo recente do Centro de Referência Estadual em Bancos de Leite humano no Piauí apresentou que “24% de mães que deram à luz apresentaram dificuldades em amamentar, apresentando problemas como fissura no seio.”¹⁹⁷ Este estudo demonstrou que muitas mães optam ainda por não amamentar por não saberem fazer e sentirem o bem-estar proporcionado.

Além disso, é preciso também garantir proteção para as crianças ressaltando, por exemplo, não somente sérias restrições em relação às propagandas dos alimentos industrializados para fins de aleitamento, como também à utilização de crianças na sua publicidade - que recorrentemente alimentam a imagem do ideal nutricional, via tais fórmulas. O recente monitoramento¹⁹⁸ do International Baby Food Action Network (IBFAN), rede mundial criada em 1979 para implantar o Código Internacional de Substitutos do Leite Materno e composta por ativistas defensores da amamentação, indica infrações à Norma Brasileira de Comercialização de Alimentos para Lactentes e Crianças de Primeira Infância, Bicos, Chupetas e Mamadeiras (NBCAL) inclusive na rotulagem dos produtos.

Também são necessárias imposições mais efetivas sobre a publicidade destinada ao público infantil que constantemente é bombardeado com campanhas que estimulam um consumo desmedido. No Brasil, tais campanhas inclusive, relacionadas ao fato de uma grande parcela de idosos constituírem base econômica de muitas famílias- conforme aponta o censo¹⁹⁹- aumentam o consumo de crianças que, criadas por avós, vivem cercadas por paparicos. Carregados de significados culturais, o “fazer a vontade da criança” em relação à alimentação representa a não-negação do alimento, pedra angular na constituição do indivíduo na sociedade brasileira. Além disso, a comida também poder ser usada como prova de

¹⁹⁷Reportagem: “Uma em cada quatro mães não sabe amamentar.” Disponível em: http://www.aleitamento.com/a_artigos.asp?id_artigo=2369 Acessado em: 20/01/11.

¹⁹⁸DE DIVITIIS, Rosana M.P.F; SALVE, Jeanine Maria; TOMA, Tereza Setsuko. **Monitoramento 2006**: um resumo. São Paulo: IBFAN, 2006. Disponível em: <http://www.ibfan.org.br/monitoramento> Acessado em: 14/04/2011.

¹⁹⁹De acordo com o censo de 2000, existem no país 62,4% dos idosos e 37,6% das idosas que são arrimo de família e que juntos, somam uma população de 8,9 milhões.

prestígio e inserção social. Como resultado, o clima de infantilização do mercado parece promissor e também preocupante.

Estudos recentes realizados em Garanhuns, cidade do agreste pernambucano brasileiro, demonstram que o hábito de os avós irem ao mercado com seus netos, por exemplo, aumentaram o consumo daqueles produtos aos quais os pequenos identificam em virtude da intensa propaganda a que são expostos. Segundo Gallo, “*a publicidade diretamente veiculada e indiretamente transmitida – como parte do cenário - interfere na culinária familiar e nas opções alimentares das crianças.*”²⁰⁰ Nesta lista, onde nota-se a marca dos alimentos como preferência e motivo de escolha e compra, figuram muitos alimentos de alto valor calórico e de baixo valor nutritivo, os quais deixam as crianças suscetíveis a diversos males como a obesidade infantil. Desta forma, apesar de não serem unicamente responsáveis por situações complexas de impactos sociais, a propaganda e publicidade como demonstrado neste estudo influenciam sobremaneira os hábitos de consumo.

Esta constatação leva-nos a concluir que os diversificados produtos, alimentares ou não, devem ser regulados com uma legislação ainda mais enfática no que tange à sua propaganda. Seria frivolidade preocupar-nos com o hiperconsumismo? Não. Um dos alertas mais recentes vem de Norma Pecora. Segundo ela, “*enquanto entramos no século XXI, crianças são consumidores bem treinados, capazes de associar Ronald McDonald com coisas boas antes de aprenderem a falar.*”²⁰¹ Afirmação que Benjamin Barber reitera:

De acordo com o Centro para um Novo Sonho Americano, até mesmo bebês de seis meses de idade podem formar imagens mentais de logotipos e mascotes de empresas (...). Não é de surpreender que os gastos com propaganda para crianças aumentaram de menos de US\$ 100 mil, em 1990, para mais de US\$ 2 bilhões, em 2000.²⁰²

Diante de tais constatações, demonstramos o quanto é preciso que realizemos mais estudos sobre o consumo e seus impactos sociais a fim de que, mais conscientes, saibamos lidar com as situações diversas que o tema pode trazer. Segundo Hans Jonas, quem não

²⁰⁰GALLO, Sophia Karla Almeida Motta. **Comportamento alimentar e mídia: a influência da televisão no consumo alimentar de crianças do Agreste Meridional Pernambucano, Brasil.** Tese de Doutorado em Saúde Pública. Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010. p.7. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde-11042011-084708/pt-br.php Acessado em: 23/04/2011.

²⁰¹PECORA, Norma Odon. **The Business of Children's Entertainment.** New York: Guilford Press, 1988. p. 20.

²⁰²BARBER, Benjamim R. **Consumido.** Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 41.

nasceu não tem lobbies ou poder. Mas nós temos a responsabilidade ética para com eles, ainda que não estejamos aqui quando eles vierem nos acusar.

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS

1. Orais:

- Entrevista dr. A: Instituto Materno Infantil de Pernambuco (IMIP), 12/05/10.
- Entrevista dr. B: Shopping Plaza, Recife, 19/05/10.
- Entrevista dra.C: Instituto Materno infantil de Pernambuco (IMIP), 27/12/10.
- Entrevista dr. D: Hospital Jorge de Medeiros, 04/01/11.

2. Escritas:

Diario de Pernambuco (1945/1964) In: Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Diario de Pernambuco, 01/03/1945, Pequenos Anúncios, p. 05. In: Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Diario de Pernambuco, 02/03/1948, Pequenos Anúncios, p. 05. In: Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Diario de Pernambuco, 31/01/1954. Suplemento Feminino. p.5. In: Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Diario Diario de Pernambuco,01/05/1955, Pequenos Anúncios, p.25. In: Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Diario de Pernambuco, 01/03/1955, Pequenos anúncios, p. 13. In: Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Diario de Pernambuco, 02/03/1956. Primeiro Caderno, Diário Social, Coluna: Etiqueta, por Amy Vanderbilt. p.06. In: Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Diario de Pernambuco, 18/03/1955, p.14. In: Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Diario de Pernambuco, 19/03/1955, p.04. In: Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Diario de Pernambuco, 06/11/1955. Diário Social, p.15. In: Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Diario de Pernambuco, 04/11/1959, p.02. In: Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Diario de Pernambuco, 03/11/1955, Diário Social, p. 8. In: Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Diario de Pernambuco, 19/01/1954, Pelos Municípios p.10. In: Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Folha do Povo (1954/1955). In: Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Folha do Povo, 27/10/1955 p. 08. In: Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Folha do Povo, 01/05/1955. p.04. In: Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Folha do Povo, 10/04/1955, p.01. In: Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Folha do Povo, 07/04/1955, p. 04. In: Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Revista O Cruzeiro (1959/1964). In: Acervo da Biblioteca Pública Presidente Castelo Branco.

Revista O Cruzeiro, 22/11/1963, p.19. In: Acervo da Biblioteca Pública Presidente Castelo Branco.

Revista O Cruzeiro, 13/05/1961 p. 100. In: Acervo da Biblioteca Pública Presidente Castelo Branco.

Revista O Cruzeiro, 09/05/1964, pp. 38-39. In: Acervo da Biblioteca Pública Presidente Castelo Branco.

NESTLÉ. **A Maior das Maravilhas... Meu Filho**. 1968.

NESTLÉ. “Gastroenterologia Infantil e Doença Citomegálica de Inclusão”. In: **Anais Nestlé** no. 58. 1959.

NESTLÉ. **Linha Pediátrica**. L. Ped – OL/LA CN. p. 7.

NESTLÉ. “I Conferência Sobre o Ensino da Pediatria no Brasil”. In: **Anais Nestlé**. no. 65. Petrópolis: Cia Industrial e Comercial Brasileira de Produtos Alimentares- Nestlé, 1962.

NESTLÉ. “Intoxicações na Infância”. In: **Anais Nestlé**. no. 71. 1963.

WITTROCK, Germano. **Guia das Mães**. Rio de Janeiro, 1947.

FONTES SECUNDÁRIAS

ABREU E LIMA, Maria do Socorro. “Pela Efetivação dos Direitos das Mulheres: Associações Femininas no Recife dos Anos 50”. In: **Revista Esboços**, V.14, no.17, 2007, pp. 92-108. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/issue/view/84>
Acessado em: 20/08/08.

ANDRADE, Manoel Correia de. **Recife: Problemática de uma metrópole de região subdesenvolvida**. Recife: Universitária, 1979.

BADINTER, Elisabeth. **Le Conflit: La femme et La mère**. Paris: Flammarion, 2010.

BARBER, Benjamim R. **Consumido**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BASSANEZI, Carla (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

BATISTA FILHO, M; RISSIN, A. Deficiências nutricionais: ações específicas do setor de saúde para o seu controle. *CadSaudePubl* 1993;9(2): 130-135. In: SOUZA, Walnéia Aparecida, BOAS, Olinda Maria. **A deficiência de Vitamina A no Brasil: um panorama**. *Revista Panamericana de Salud Pública*. vol.12 no.3. Washington, Sept. 2002. Disponível em: http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1020-49892002000900005
Acessado em: 30/01/11.

BAUDRILLARD, Jean. **La société de consommation: ses mythes, ses structures**. Paris: Denoel, 1970.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1985.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da Criança: Nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação complementar**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, Série A. Normas e Manuais Técnicos. Cadernos de Atenção Básica, no. 23, 2009.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMINHA, Maria de Fátima Costa Et All ;. “Tendências temporais e fatores associados à duração do aleitamento materno em Pernambuco”. In: **Revista de Saúde Pública**. V.44, no. 02, 2010, pp. 240-248.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. **Ideologia do Desenvolvimento – Brasil: JK- JQ**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

CASTRO, Josué de. **Fatores de localização da cidade do Recife: um ensaio de geografia urbana**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948.

CASTRO, Josué de. **Homens e Caranguejos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CHAVES, Nelson. **Alimentação e Sociedade: a inter-relação dos aspectos antropológicos, culturais e sociais com a nutrição**. Recife: CEPE, 2009.

CHAVES, Nelson. **Nutrição Básica e Aplicada**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985.

COIMBRA, Marcos. A Merenda Escolar no Congresso Nacional Primeiras Observações e Trajetória Parlamentar: do populismo ao regime autoritário. Relatório I, Parte A. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Alimentação Escolar no Brasil: política e instituição**. Brasil, 1981.

Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002603.pdf> Acessado em: 04/04/2011.

COSTA, Maria Cristina; LAGO, Eunice Salzano (Orgs.) **Nelson Chaves: O Homem Além do Tempo – A palavra de um cientista que amava sua terra e sua gente.** Recife: Universitária, 2007.

CLEMENT, Doug e CHETLEY, Andy. “**Escapatorias: El código que quiere la Industria**”. In: *El Pecho es Mejor: de la teoria a la pratica.* Genebra: IBFAN, 1983.

DABAT, Christine Rufino. **Moradores de Engenho: Relações de trabalho e condições de vida dos trabalhadores rurais na zona canavieira de Pernambuco segundo a literatura, a academia e os próprios atores sociais.** Recife: Universitária, 2007.

DÉBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DE DIVITIIS, Rosana M.P.F; SALVE, Jeanine Maria; TOMA, Tereza Setsuko. **Monitoramento 2006: um resumo.** São Paulo: IBFAN, 2006. Disponível em: <http://www.ibfan.org.br/monitoramento> Acessado em: 14/04/2011.

DEL PRIORE, Mary (Org). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2001.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

DIAS REGO, José. (Org.) **Aleitamento Materno: Um guia para pais e familiares.** São Paulo. Atheneu, 2008.

DOTTI, G.A. **Guia das Mães.** Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1960.

DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso: ou o progresso como ideologia.** São Paulo: Unesp, 2006.

EDMOND, Karen M; ZANDOH, Charles; QUIGLEY, Maria A; AMENGA-ETEGO, Seeba; OWUSU-AGYEI, Seth; KIRKWOOD, Betty R. **Delayed breastfeeding initiation increases risk of neonatal mortality.** In: *Pediatrics* 2006; 117:380-386.

Disponível em: <http://pediatrics.aappublications.org/content/117/3/e380.abstract>

Acessado em: 04/04/2011.

FERREIRA Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (OrgS.) **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FLANDRIN, Jean Louis; MONTANARI, Massimo (Dir). **História da Alimentação**. São Paulo: Liberdade, 1998.

FREYRE, Gilberto. **Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife**. São Paulo: Global, 2007.

GALLO, Sophia Karla Almeida Motta. **Comportamento alimentar e mídia: a influência da televisão no consumo alimentar de crianças do Agreste Meridional Pernambucano, Brasil**. Tese de Doutorado em Saúde Pública. Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010. p.7. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde-11042011-084708/pt-br.php Acessado em: 23/04/2011

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IACONELLI, Vera. Maternidade e erotismo na modernidade: assepsia do impensável na cena do parto. In: **Percursos: Revista de Psicanálise** – ano XV n.34 – 1º, p. 77-85. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae: 1º semestre de 2005. Disponível em: www.gerarecoladepais.com/maternidade-e-erotismo.doc Acessado em: 24/11/10.

IANNI, Otávio. **O colapso do populismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

JACCOUD, Luciana de Barros. **Movimentos sociais e crise política em Pernambuco (1955-1968)**. Recife: Massangana, 1990.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. São Paulo: Papirus, 1996.

KANT, Immanuel. **Observações sobre o belo e o sublime**. Campinas: Papirus, 2000.

LINDSTROM, Martin. **A lógica do consumo: verdades e mentiras sobre por que compramos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique; POSSENTI, Sírío; FONSECA-SILVA, Maria da Conceição (Orgs). **Estudos de Lingua(gem)**: Representações do Feminino. V. 05, no.1, 2007.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens**: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTÍN, Marcia Castillo. **Las Convidadas de Papel**: Mujer, memoria y literatura en La España de los anos veinte. España: Río Henares Producciones Gráficas S.L. 2001.

MARX, Karl. **O Capital**. Vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MINTZ, Sidney. **Dulzura y Poder**: el lugar del azúcar em la historia moderna. México: Siglo Veintiuno, 1996.

MINTZ, Sidney. **Tasting Food, Tasting Freedom. Excursions into Eating, Culture and the Past**. Boston: Beacon Press Books, 1996.

MINTZ, Sidney. “Comida e Antropologia: Uma Breve Revisão”. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, V.16, no. 47, 2001, pp. 32-41. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbcs/v16n47/7718.pdf . Acessado em: 10/04/08.

MULLER, Mike. **The Baby Killer Scandal** – A War on Want investigation into the promotion and sale of powered baby milks in the Third World. Londres: War on Want, 1974. Tradução Instituto Materno Infantil de Pernambuco – IMIP. Recife: 1995.

MURARO, Rose Marie. **Sexualidade da Mulher Brasileira**: corpo e classe social no Brasil. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos. 1996.

NOGUEIRA, Cristine. **O desdesign da mamadeira**: por uma avaliação periódica da produção industrial. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010. 232 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação do Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

NOVAES, Joana de Vilhena. **Ser Mulher, Ser Feia, Ser Excluída**. Disponível em: http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0240&area=d11&subarea= Acesso: 11/01/2011.

ONFRAY, Michel. **A Razão Gulosa** – Filosofia do Gosto. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

- PAGE, Joseph A. **A revolução que Nunca Houve**. O Nordeste do Brasil 1955-1964. Rio de Janeiro: Record, 1972.
- PARAHYM, Orlando. **Traços do Recife: ontem e hoje**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1978.
- PECORA, Norma Odon. **The Business of Children's Entertainment**. New York: Guilford Press, 1988.
- PENA, Maria Valeria Junho. **Mulheres e trabalhadoras**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- PEREIRA, Gilza Sandré. "Amamentação e sexualidade". In: **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, V.11 n.2 jul./dez. 2003.
- PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- REA, Marina Ferreira. "Substitutos do Leite Materno: Passado e Presente". In: **Revista de Saúde Pública**. São Paulo: V. 24, no. 03, 1990, pp. 241-249. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v24n3/11.pdf> Acessado em: 10/04/08.
- REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)Encantos Modernos – Histórias da Cidade do Recife na Década de Vinte**. Recife: FUNDARPE, 1997.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara. **A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara. **Emprego Doméstico e Capitalismo**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- SAFFIOTI, Heleieth. **Mulher Brasileira: Opressão e Exploração**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- SINGER, Paul; MADEIRA, Felícia. **Estrutura do Emprego e Trabalho feminino no Brasil: 1920-1970**. Caderno CEBRAP, São Paulo, no. 13, 1973.
- SLATER, Don. **Cultura do Consumo & Modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002.
- TAVARES, Clotilde Santa Cruz. "Aleitamento Materno". In: **Coleção Textos Acadêmicos**. No.97. Natal: PRAEU, 1982.

THÉBAUD, Françoise (Coord). “História das Mulheres no Ocidente. O século XX”. V.05. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Dir). **História das Mulheres no Ocidente**. São Paulo: Afrontamento/EBRADIL, 1991.

TOMA, Tereza Setsuko; REA, Marina Ferreira. **Benefícios da amamentação para a saúde da mulher e da criança**: um ensaio sobre as evidências. Cadernos de Saúde Pública. vol.24 suppl.2. Rio de Janeiro, 2008.

Disponível em:

www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102311X2008001400009&script=sci_arttext

Acessado em: 04/04/2011.

TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes. **A Epidemiologia das deficiências nutricionais no Nordeste**: a contribuição de Malaquias Batista Filho à institucionalização da nutrição em Saúde Pública no Brasil. Cadernos de Saúde Pública. v.16 n.2. Rio de Janeiro. Abril/junho 2000. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2000000200023

Acessado em: 27/12/10.

VICTORA, César G; SMITH, Peter G; VAUGHAN, J Patrick; NOBRE, Letícia C; LOMBARDI, Cintia; TEIXEIRA, Ana Maria; et al. **Evidence for protection by breast-feeding against infant deaths from infectious diseases in Brazil**. The Lancet, 1987. vol.330.pp. 319-322.

Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/2886775>

Acessado em: 20/04/2011.

VIRGÍLIO, Publio Marao. **A Eneida**. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

WEFFORT, Francisco. **O populismo na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

YALOM, Marylim. **História do Seio**. Lisboa: Teorema, 1997.

Endereços Eletrônicos:

- IBFAN

Disponível em: <http://www.ibfan.org.br/> Acessado em: 21/08/08.

- “Mulheres não são chimpanzés”.

Disponível em: <http://noticias.bol.uol.com.br/2010/08/30/mulheres-nao-sao-chimpanzes-diz-elisabeth-badinter.jhtm> Acessado em 29/11/10.

- Rede Brasileira de Alimentação e Nutrição Escolar

Disponível em: <http://www.rebrae.com.br/alimentacao.html> Acessado em: 04/04/2011.

- “Uma em cada quatro mães não sabe amamentar.”

Disponível em: http://www.aleitamento.com/a_artigos.asp?id_artigo=2369 Acessado em: 20/01/11.

ANEXOS

ANEXO 1: Termo de cessão de direitos sobre depoimento oral.



CONSETIMENTO LIVRE E INFORMADO

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, _____

_____ (nacionalidade) _____

(estado civil) _____ CPF: _____

residente e domiciliado à _____

declaro ceder à aluna Bruna Hanny Benning de Aguiar Ramos, estudante bolsista da CAPES do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, a plena propriedade e os direitos autorais sem quaisquer restrições quanto a seus efeitos patrimoniais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei, na cidade de Recife

no dia _____ de _____ de _____ .

Entendo que minha identidade poderá ser mantida em sigilo no uso das informações desta entrevista, alterando meu nome e demais dados que possam eventualmente possibilitar minha identificação. Também estou ciente de que as informações por mim concedidas não serão usadas de nenhuma forma que possa prejudicar minha pessoa e minha família.

As informações concedidas serão usadas exclusivamente para fins acadêmicos (dissertação, tese, apresentação de trabalhos em eventos científicos, publicação em livros e revistas acadêmicas).

_____, _____ de _____ de _____.

(Assinatura)

.....
Bruna Hanny Benning de Aguiar Ramos
(pesquisadora)

ANEXO 2: Roteiro das entrevistas.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Bruna Hanny Benning – Programa de Pós-Graduação em História – UFPE

“Modernidade na Lata”: O impacto do consumo dos leites enlatados em virtude de um modelo de modernidade no Recife (1950-1964) .

Entrevista com médico pediatra que tenha praticado exercício médico ou como estudante residente ou como profissional nos anos em que a pesquisa abarca.

Dados Pessoais:

Nome:.....

Idade: Profissão: Especialidade

Ano de formatura e Instituição:

Ano em que ingressou no curso:

Ano de início da residência Ano do término da residência

Em que hospital(s) da cidade fez residência e atuou:

História de Vida – Sobre a rotina Médica:

- 1) O Sr.(a) pode contar um pouco por que escolheu ser médico e o que significava para o Sr.(a) esta profissão?
- 2) Como era a rotina nos hospitais em que trabalhava?
(Quando se formou? Trabalhava em quantos hospitais? Em que setor? Que classes sociais atendia? Tinha consultório particular?)
- 3) Hoje a Medicina é especializada. Como era quando o Sr.(a) começou?
- 4) Nos manuais da época para mães, percebo sempre advertências para que elas procurassem serviços médicos. Havia ainda muita influência das parteiras? Como o Sr.(a) via esta relação?
- 5) O Sr.(a) acompanhava os partos? Pode narrar quais procedimentos eram empregados nos cuidados com a mãe e depois com os bebês, logo após o parto?

- 6) O Sr.(a) lembra as dúvidas mais comuns que as mulheres tinham na época e que tipos de esclarecimentos eram dados a elas?
- 7) Como o Sr.(a) classificaria as técnicas, os remédios e os produtos desenvolvidos ou melhorados para suprir as necessidades de saúde dos bebês na época? Que avanços o Sr.(a) pode narrar?
- 8) Que tipos de problemas de saúde mais acometiam os bebês?
- 9) Havia muito uso de leites enlatados? Qual o balanço em termos nutricionais que o Sr.(a) poderia fazer do uso desses produtos?
(Havia incentivo ao aleitamento materno?)
- 10) Havia propaganda de leites enlatados nos hospitais? O Sr.(a) considera que essas propagandas influenciavam as mães a adotar esses produtos?
- 11) Qual a relação dos fabricantes dos leites enlatados com os médicos pediatras?
(Havia benefícios concedidos pela empresa em virtude da indicação de tais produtos?)
- 12) A sua mulher / A Sra. amamentou? (Por quanto tempo?)
- 13) O Sr.(a) poderia fazer um comentário sobre as principais diferenças que percebe em relação às mulheres da sua época e de hoje?